

UNICAMP – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
UFG – UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
MESTRADO INTERINSTITUCIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

CONGADA, CORPO E CULTURA NA
125ª FESTA EM LOUVOR À NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, CATALÃO - GO

PATRÍCIA DO PRADO

CAMPINAS
2003

**UNICAMP – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
UFG – UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
MESTRADO INTERINSTITUCIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**CONGADA, CORPO E CULTURA NA
125ª FESTA EM LOUVOR À NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, CATALÃO - GO**

PATRÍCIA DO PRADO

Dissertação de Mestrado apresentada
à Faculdade de Educação Física da
Universidade Estadual de Campinas

Orientador: Prof. Dr. Jocimar Daolio

CAMPINAS
2003

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

Prado, Patrícia do
P882c

Congada, corpo e cultura na 125ª Festa em Louvor à
Nossa Senhora do Rosário / Patrícia do Prado. --
Campinas, SP : [s.n.], 2203.

Orientadores : Jocimar Daolio, Heloisa Helena Baldy dos
Reis.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Festas religiosas - Igreja católica - Aspectos sociais.
2. Igreja católica - Ritos e cerimônias. 3. Congadas.
4. Cultura. 5. Expressão corporal. I. Daolio, Jocimar.
II. Reis, Heloisa Helena Baldy dos. III. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física.
IV. Título.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado
defendida por Patrícia do Prado e aprovada pela
Comissão Julgadora, em 14 de fevereiro de 2003.

Professor Dr. Jocimar Daolio
Orientador

Data: ____/____/____.

Campinas
2003

COMISSÃO JULGADORA

Professor Dr. Eusébio Lobo da Silva
Membro da Comissão Julgadora

Professora Dr^a Inaicyra Falcão dos Santos
Membro da Comissão Julgadora

Professor Dr. Jocimar Daolio
Orientador

Professora Dr^a Heloisa Helena Baldy dos Reis
Co-Orientadora

Campinas
2003

Ao meu filho Igor, minha nova existência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente aos congadeiros que me permitiram despertar um novo olhar sobre a cultura, em especial as informações obtidas através do Sr. Edson Arruda, ex-Presidente da Irmandade e Festeiro de 2003.

Continuo, agradecendo aos meus pais, Maria Thereza do Prado e José Hermes do Prado, pelo amor e por mais esta etapa acadêmica conquistada. E também, aos meus doze irmãos, Solange, Hermes, Fausto, Sérgio, Regina, Arlete, Marcelo (e Sílvia, cunhada), Maria Amélia (e Mário, cunhado), Alexandre (em memória), Ricardo, Sandra e Marina, por todas as vezes que deixei de passar momentos familiares, festivos e felizes para me dedicar com alegria ao estudo.

Agradeço à Carmencita Balestra como minha representante dos colegas de curso do Mestrado e às professoras que trabalham comigo na cidade de Catalão (GO), em especial à Regina Lúcia Silva de Menezes. À professora Ediane Batalha Patrocínio e à ex-aluna Tânia Braz da Costa, pelos trabalhos realizados e pela motivação de aprofundar o tema para melhor contribuir com o desenvolvimento profissional na área.

À professora co-orientadora e querida amiga Heloisa Helena Baldy dos Reis pela motivação e companheirismo, seja no trabalho acadêmico, seja na vida pessoal.

Ao professor orientador Jocimar Daolio, todo o meu apreço pela pessoa respeitosa, exigente e sensível que é e, também, pelos cuidados dedicados a mim e ao meu filho durante o curso.

Aos professores convidados, Eusébio e Inacyra, agradeço a contribuição e o crescimento acadêmico nos momentos de avaliação deste trabalho.

Ao amigo Alexsandro Aparecido Medeiros Martins pela companhia e atenção durante minha estada para realizar o estágio do mestrado em Campinas.

Ao Igor, o homem mais importante da minha vida porque com ele me transfiguro constantemente em mãe e como mulher, à procura de uma vida mais feliz.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	xv
LISTA DE ANEXOS	xvii
RESUMO.....	xix
ABSTRACT	xxi
INTRODUÇÃO	01
 CAPÍTULO I	
CORPO, CULTURA E SIGNIFICADO SOCIAL: EM BUSCA DAS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DA CONGADA	07
1.1. BREVE ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE CULTURA E A CONGADA NA CULTURA DE CATALÃO (GO)	08
1.2. A CULTURA NA CASA E NA RUA	22
 CAPÍTULO II	
A FESTA DO CORPO E DAS RELAÇÕES SOCIAIS: O ENCONTRO COM O DIVINO	27
2.1. VISÃO PANORÂMICA DA CONGADA	32
2.2. A BUSCA DA TRANSFIGURAÇÃO: O LAZER NA FESTA DA CONGADA	36
2.3. A TRANSFIGURAÇÃO NA DANÇA E NA DEVOÇÃO À NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	39
 CAPÍTULO III	
ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA REDE DE RELAÇÕES SOCIAIS: A CONGADA E A FORMAÇÃO DA CULTURA LOCAL	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77
ANEXOS	

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O Rei, a Rainha, a Princesa e o Sub-General da Congada de Catalão .. 50

Figura 2: Um dançador toca caixa durante a congada em Catalão..... 54

Figura 3: Terno de Congo se apresentando no interior da Casa do Folclore e do Trabalhador 56

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1: Programação da 125ª Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário, Catalão – GO, de 05 a 15/10/2001	80
ANEXO 2: Tabelas de 1 a 8 com dados dos entrevistados	82
ANEXO 3: Folder de apresentação dos ternos de congo de Catalão - GO	98

RESUMO

A congada representada na 125^a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário na cidade de Catalão (GO) constitui um fator significativo para a interpretação da cultura local, pois nela identificamos elementos, tais como dança, religião, economia, poder público, dentre outros, que integram o contexto e interagem entre si, costurando uma rede de relações sociais. Isso posto, este trabalho apresenta — baseado em referenciais teóricos nas áreas de Antropologia Social, Educação Física e Sociologia — temas sobre cultura, corpo, lazer e técnicas corporais à luz da interpretação cultural, desenhando o que chamamos de transfiguração. Os sujeitos investigados na pesquisa são as figuras representativas responsáveis pela efetivação da festa da congada no ano de 2001; seja como organizadores, seja como dançadores, que — ao formar um arco-íris humano quando do desfile nas ruas da cidade — demonstram o modo como lidam com seus corpos em sociedade. Com base em um novo olhar, entendemos que a congada constitui um significativo elo para a interação de diversos elementos presentes na sociedade. Assim, o corpo que se manifesta — ora em casa, ora na rua — traz impregnada sua cultura: a cultura da congada.

ABSTRACT

The *congada* represented at the 125th Our Lady of The Rosary Laudation Feast, in Catalão, GO., is a relevant factor to the interpretation of the local culture. It shows some elements such as dance, religion, economy, and public power that make up the setting and interact with each other, resulting in a social relations net. On the face of it this work presents themes on culture, body, leisure, and bodily techniques based on the theoretical background from Social Anthropology, Physical Education, and Sociology, and in the light of cultural interpretation; which results in what we call transfiguration. Subjects approached in this research are the representatives that made possible the *congada* feast in 2001— whether as organizers or *dançadores*, who show the way they deal with their bodies in society when they are on parade in the streets. From a new standpoint, we understand that *congada* is an important link to the interaction of society's diverse elements. So, the body that manifests itself —no matter if in a street or at home— has culture in it: *congada's* culture.

INTRODUÇÃO

A congada¹ pertencente à cultura popular da cidade de Catalão, em Goiás, tem origem africana e representa a principal parte da Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário. Neste trabalho estaremos investigando a 125ª edição da festa com o objetivo de demonstrar de que modo a congada constrói uma rede de relações sociais, considerando suas técnicas corporais, seus atores sociais e os espaços da casa e da rua onde é concebida.

Outro fator que justifica nossa pesquisa refere-se à necessidade de qualificar nossa prática pedagógica como docente do ensino superior na Universidade Federal de Goiás, no curso de Graduação em Educação Física, onde ministramos disciplinas voltadas para os temas cultura, dança, lazer, ritmo e movimento corporal.

Entendemos que a festa religiosa da congada será nosso palco para observações, intervenções e indagações à procura da “massa aberta”² - onde o número de pessoas é bastante variável -, que possibilita uma certa transgressão da ordem cotidiana. Nas festas onde as pessoas não necessariamente se conhecem, as regras podem ser rompidas sem prejuízo de punição, mesmo que tenham em comum o mesmo objetivo: a religiosidade. Enquanto nas festas familiares predomina o aparente acordo social de se manter o respeito às normas de conduta.

Acreditamos que, para aperfeiçoar nossa prática pedagógica contribuindo com a formação de novos profissionais na área da Educação Física, faz-se necessária uma incursão constante no universo cultural local para que possamos compreender a história, os valores, as crenças, os hábitos, as ações sociais, entre outros aspectos característicos de determinada sociedade.

Ao observar melhor todo o conjunto da festa, identificamos a grande presença

¹ Congada é o nome dado ao conjunto de ternos de congo ou somente congos, onde várias pessoas se reúnem para dançar, cantar e tocar instrumentos embalados pela fé em Nossa Senhora do Rosário, santa da igreja católica identificada como protetora dos negros. Congo é o principal instrumento tocado e corresponde a uma espécie de tambor construído artesanalmente.

² Utilizando os conceitos de massa aberta e massa fechada cunhados por Elias Canneti, Hermano Vianna (1988, p.60) afirma que o primeiro possui “crescimento ilimitado e, por tentar incorporar tudo, é forçada a desintegrar a partir de determinado tamanho.” Enquanto “a massa fechada renuncia ao crescimento ilimitado, buscando a permanência e a repetição de um sentimento ‘simulado’ de massa”. (Ibidem). Estes conceitos serão desenvolvidos no capítulo II, quando da apresentação das massas presentes na Festa de Nossa Senhora do Rosário.

de crianças, seja trabalhando ou integrando os ternos de congo³. A participação delas não está desvinculada dos demais envolvidos, mas destaca-se pela satisfação que encontram ao se divertirem tocando caixas e dançando ao ritmo dos congos, além de gostarem da exposição pública a que são submetidas durante o desfile. Talvez também ocorra participação de crianças nos ternos devido a promessas feitas ou devido à imposição da família.

Paralelo a isto, reconhecemos a importância e o respeito que os idosos possuem na organização e no desenvolvimento de toda a congada. Isto pode significar a valorização da tradição e dos ensinamentos que os primeiros possuem para serem transmitidos aos que virão posteriormente. Portanto, a cultura-tradição (WARNIER, 2000)⁴ permanece, apesar da influência dos mecanismos políticos, econômicos, tecnológicos, culturais e sociais, presente no desenvolvimento de uma cidade.

Uma descrição densa⁵ da Festa de Nossa Senhora do Rosário já foi realizada por Brandão (1985) na obra **A Festa do Santo de Preto**, e teve como preocupação central:

[...] o cuidado de descrever com o detalhamento necessário o evento folclórico em si mesmo e a trama de articulações sociais e simbólicas produzidas pelas diferentes categorias de sujeitos envolvidos entre a Festa, a dança e a assistência (p.10).

Neste sentido, nossa pesquisa pretende avançar em uma descrição que considere as tramas que costuram a rede de relações, quer sejam as técnicas corporais⁶ (MAUSS, 1974) dos participantes dos ternos de congo, quer sejam os

³ Os ternos de congo correspondem ao agrupamento de pessoas que - em forma de desfile - cantam, dançam e tocam as caixas (espécie de tambores artesanais feitos de couro natural) com vestimenta característica de seu grupo. No ano de 2001, foram apresentados 16 ternos de congo que serão tratados no decorrer do trabalho.

⁴ O autor utiliza o terno para distinguir a tradição daquela que vem sofrendo influências do mundo globalizado desde o século XX.

⁵ Termo cunhado por Gilbert Ryle com objetivo de descrever e interpretar, através da Antropologia, determinado fato no âmbito de uma cultura. Para maiores detalhes, ver o exemplo da piscadela escrito pelo autor e apresentado por Clifford Geertz na obra **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos, 1989.

⁶ Marcel Mauss (1974) utiliza o termo técnicas corporais para designar todo e qualquer movimento do homem que é repleto de cultura; a forma pela qual o homem aprende a utilizar seu corpo na sociedade na qual está inserido.

interesses político, econômico ou religioso presentes na realização da congada.

Pretendemos, a partir da interação com atores sociais, da observação, da entrevista e da pesquisa de campo no “pedaço”⁷ da festa, identificar, compreender, analisar a rede de relações entre os participantes (crianças, adultos e idosos; sujeitos negros, mulatos e brancos; organizadores e moradores; espectadores e comerciantes) que irão - além de dar uma “direção” à cultura local -, criar, consolidar e transformar valores, símbolos e significados presentes na mesma e na sociedade catalana em geral.

Apresentamos, no capítulo I, noções sobre o termo cultura - que, ao nosso ver, reflete uma determinada concepção de homem – com vistas a compreender este homem e seus pares inseridos na dinâmica social da festa em questão. Além disso, o estudo das técnicas corporais possibilita compreender o movimento deste homem no interior da sociedade em que vive, pois é por meio da “herança” adquirida no âmbito das relações familiares e sociais que o corpo se expressa e dá significado ao movimento deste mesmo homem. A essa “herança” chamamos cultura.

Analisamos os diversos espaços⁸ freqüentados no âmbito da 125ª Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário, realizada no ano de 2001, no período de 05 a 15 de outubro, com vistas a uma interpretação cultural que possibilitou compreendê-la como local de construções simbólicas que delineia ações coletivas carregadas de significado social.

Utilizamos como referencial teórico para compreender o movimento do homem em sua cultura autores como Mauss (1974), DaMatta (1989; 1997a; 1997b), Brandão (1985; 1989), Laplantine (1988), Geertz (1989), Daolio (1995; 1997; 1998), entre outros autores.

A rede de relações sociais construída ao redor da Festa de Nossa Senhora do Rosário expande-se e passa a refletir significados que dão vida ao cotidiano da

⁷ José Guilherme Cantor Magnani, em sua obra **Festa no Pedaço**: cultura popular e lazer na cidade, denomina “pedaço” a “intrincada rede de relações formada por laços de parentesco, vizinhança e coleguismo, com a qual evidentemente [eu] não possuía nenhum vínculo.” (1984, p.113, colchetes nossos).

⁸ A Irmandade; as ruas; a igreja; os núcleos sociais (“barracão”, Casa do Folclore, barracas) serão descritos e interpretados nos capítulos II e III.

cidade. As técnicas corporais também se fazem presentes, através da movimentação do homem não somente na congada, mas no trabalho, nas ruas, no lazer. E, deste modo, a técnica corporal se constitui também como técnica cultural.

Em relação ao campo de investigação, é importante destacar que nossa inserção nos “pedaços” da festa se deu por meio da interação com os organizadores, dançadores, espectadores, público em geral, que contribuíram para melhor compreensão do fenômeno festivo e das relações sociais nele presentes.

Como recurso etnográfico utilizamos o registro escrito das observações e a gravação de imagens dos vários momentos da festa que serão descritos no decorrer do trabalho. Realizamos entrevistas semi-estruturadas com as principais figuras representativas da congada, com o objetivo de obter elementos que possam servir para uma análise cultural⁹. Desta forma, buscamos descrever a cultura local para interpretar seus significados a partir da realidade de quem a vivencia.

Pretendemos contribuir com a historicidade da congada em Catalão ao produzir uma interpretação cultural que possa servir de fonte a ser consultada no futuro. Sabemos, porém, que para descrever qualquer fato, estamos fazendo uma espécie de julgamento (GEERTZ, 1989) e que, no entanto, as pessoas que lá nascem e vivenciam esta festa são capazes de compreender significativamente seu contexto histórico-cultural e religioso.

Apresentamos, no primeiro capítulo, o surgimento da cultura e seus diferentes significados com vistas a compreender como a cultura se transformou até ser entendida como um sistema de trocas simbólicas repleto de significado social. Em paralelo, comentamos as técnicas corporais na casa e na rua para descrever os espaços sociais e suas entidades procurando relacioná-los na análise cultural.

No segundo capítulo, apresentamos o lazer, a dança e a devoção de modo a caracterizar a festa da congada, além de reconhecê-la como espaço de transfiguração social. Por fim, a festa, considerando seus espaços constitutivos

⁹ Geertz (1989) afirma que “a análise cultural é (ou deveria ser) um adivinhação dos significados, uma avaliação das conjecturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjecturas e não a descoberta do Continente dos Significados e o mapeamento da sua paixão incorpórea.” (1989, p.30-31).

(igreja, “barracão”, Casa do Folclore, as ruas) e seus atores sociais (congadeiros, festeiros, comerciantes e espectadores), ganha traços para “desenhar” seu cenário.

No terceiro capítulo, estabelecemos relação entre o referencial teórico e a descrição da festa, a partir das entrevistas realizadas¹⁰, com vistas a conhecer e analisar os elementos constitutivos da rede de relações sociais e o modo que integram a cultura da festa a partir de seus atores sociais.

Nas considerações finais, a festa - do conhecimento, da religião, do comércio, da rede de relações sociais, da transfiguração social, da fé, da alegria e do lazer - termina. Mas, o desejo é que possamos contribuir com uma nova interpretação da Festa de Nossa Senhora do Rosário, considerando a interação do homem e suas técnicas corporais, assim como a rede de relações sociais que a cada ano é reconstruída tomando nova força para consolidar uma cultura popular.

¹⁰ Os atores sociais entrevistados foram: o Presidente da Irmandade, o Rei, a Rainha, um Capitão de Terno, um Padre, o Festeiro e a Festeira, um Dançador e uma Bandeirinha.

CAPÍTULO I

CORPO, CULTURA E SIGNIFICADO SOCIAL: EM BUSCA DAS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DA CONGADA

A transformação do significado do termo cultura reflete também na concepção de corpo. Pois, se a cultura em épocas remotas significou o modo de produção material de um povo, denominando-o equivocadamente “primitivo” ou “civilizado” considerando o grau de desenvolvimento de tais técnicas, entendemos que a noção de corpo presente neste contexto refere-se à eficiência deste corpo quanto à aplicação destas técnicas produtivas.

O interesse do nosso estudo, porém, não se prende ao desenvolvimento de técnicas produtivas voltadas para a produção no trabalho, mas ao modo pelo qual determinado grupo social vinculado à congada constrói uma rede de relações sociais a partir do desenvolvimento das técnicas corporais.

E, deste modo, ele produz cultura, um sistema de trocas simbólicas que “constrói” o corpo ao mesmo tempo em que elabora sua própria concepção.

1.1. BREVE ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE CULTURA E A CONGADA NA CULTURA DE CATALÃO - GO

O termo cultura, como entendemos hoje – um sistema de trocas simbólicas (GEERTZ, 1989) –, ao longo dos tempos teve seu conceito modificado. Inicialmente referia-se somente à produção material de um povo, como veremos a seguir com Laplantine (1988).

Em seguida, cultura passou a representar o discurso de colonizadores europeus (na América a partir do século XV) para “civilizar” povos considerados atrasados em relação ao avanço da tecnologia.

O equívoco aí se inicia, pois a idéia de “civilizar” significava que estes povos não possuíam cultura, quando na realidade possuíam modos de vida e de produção diferentes dos que pretendiam colonizá-los.

O sociólogo Norbert Elias (1994) contribui para a discussão sobre cultura e

civilização afirmando que o termo “civilização”¹¹ pode referir-se ao tipo de habitação, à forma que homens e mulheres vivem juntos, ao nível da tecnologia, aos costumes, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às idéias religiosas, assim como ao modo de preparar os alimentos, entre outros aspectos. Para ele, é difícil “sumariar em algumas palavras tudo o que se pode descrever como civilização” (ELIAS, 1994, p.23), pois o termo possui significado diferente em algumas nações ocidentais.

Para o autor, “[...] é grande a diferença entre a forma como os ingleses e franceses empregam a palavra, por um lado, e os alemães, por outro.” (ELIAS, 1994, p.23). Os alemães compreendem “civilização” como um termo de “segunda classe”; seria a “[...] aparência externa de seres humanos” (ELIAS, 1994, p.23).

A palavra pela qual eles sentem orgulho do que são é *Kultur*, pois enfatiza as diferenças nacionais, gerando identidades de grupos. Por outro lado, para os ingleses e franceses, o termo *Civilization* representa a importância de suas nações para o desenvolvimento das demais no Ocidente, visando a função de colonização.

A gênese dos termos *Civilization* e *Kultur* pode ter se perdido ao longo das gerações que os utilizam em suas línguas, ou seja, talvez não exista entre tais grupos a referência a situações históricas. O contexto em que surgiram perdeu parte de seu significado ao serem incorporados irrefletidamente, mas permaneceu como um elemento comum de entendimento presente entre os grupos sociais.

Conforme Elias (1994), estes termos

Foram usados repetidamente até se tornarem instrumentos eficientes para expressar o que as pessoas experimentaram em comum e querem comunicar. Tornaram-se palavras da moda, conceitos de emprego comum no linguajar diário de uma dada sociedade. Este fato demonstra que não representam apenas necessidades individuais, mas coletivas, de expressão. (p.26)

A cultura, sob este prisma, corresponde ao resultado do que uma determinada

¹¹ Entendemos que, neste sentido, o termo civilização apresentado por Elias (1994) aproxima-se do conceito de cultura decorrente da organização da nova ciência da Antropologia, no fim do século XIX, cujo significado estava voltado para a descoberta de novos povos geograficamente distantes da Europa. Portanto, tais povos eram observados e estudados de modo preconceituoso, pois os pesquisadores acreditavam que ainda não tinham alcançado um modo de civilização avançado, pois suas técnicas eram bastante simples e artesanais (LAPLANTINE, 1988).

sociedade estabelece, consciente ou inconscientemente, como uma espécie de acordo social, à medida em que surge a necessidade de responder a situações individuais que se transformarão, após uma certa repetição, em ações coletivas. Porém, esta concepção de cultura está voltada para a idéia do individual que se transforma em coletivo. Entendemos que a cultura é um sistema de trocas simbólicas, cujos significados se refletem nas ações sociais dos sujeitos que compõem uma sociedade, portanto, não é possível identificar o que é do indivíduo e o que é da coletividade, pois sua construção é dinâmica e integradora.

Laplanche (1988), ao fazer um resgate histórico do surgimento da Antropologia, apresenta diversos enfoques¹² para o estudo do homem e suas relações no meio em que vive e, portanto, apontando para um conceito de cultura derivado do próprio campo desta nova ciência. Antes, porém, ele diz que a pretensão de uma ciência voltada para o estudo do homem - e que deveria partir de um conceito de homem - tem suas raízes no conhecimento científico da física e da biologia, que eram ciências já consagradas no século XVIII.

Outra dificuldade descrita pelo autor e referente àquele período trata de um problema metodológico: como o homem poderia ser objeto e sujeito da mesma pesquisa? Para que se chegasse a este conceito de homem, era necessário explorar regiões da Europa e do resto do mundo até então intactas. A saída para possibilitar um conceito de homem foi investigar sociedades de localização geográfica distantes daquela do pesquisador.

¹² As áreas da Antropologia que passaram a servir de referência para “[...] o estudo do homem inteiro” (LAPLANTINE, 1988, p.16) são: a) *antropologia biológica* - estudos voltados para o crescimento e maturação do homem vinculados aos fatores culturais; b) *antropologia pré-histórica* - estudo do homem a partir de vestígios materiais enterrados no solo, visando reconstituir as sociedades considerando suas técnicas de organização social e produções artísticas e culturais; c) *antropologia lingüística* - a partir do estudo da língua, objetiva compreender o pensamento, os valores e a expressão do homem em comunidade; d) *antropologia psicológica* - estudo dos processos e do funcionamento do psiquismo humano; e) *antropologia social e cultural* - refere-se “a tudo o que constitui uma sociedade: seus modos de produção econômica, suas técnicas, sua organização política e jurídica, seus sistemas de parentesco, seus sistemas de conhecimento, suas crenças religiosas, sua língua, sua psicologia, suas criações artísticas.” (LAPLANTINE, 1988, p.19). Tais áreas representam apenas um dos enfoques da Antropologia, mas cada uma possibilita o entendimento de determinado aspecto de uma dada cultura no interior de uma sociedade.

Mais tarde, surge um novo obstáculo: as sociedades ditas “primitivas” (que não possuíam o mesmo nível de “civilização” do pesquisador) começaram a ficar escassas e, portanto, os estudos do homem tão recentemente sistematizados corriam o risco de perecer sem terem se tornado consistentes (LAPLANTINE, 1988).

No século XIX, a nova ciência já havia elaborado métodos de investigação para estudo destas sociedades. É neste período que surgem os “antropólogos de gabinete”, assim chamados por solicitar aos viajantes e mercadores materiais das regiões que visitavam para que servissem de objetos de pesquisa (LAPLANTINE, 1988). Surge, também, a contratação de equipes em locais a serem investigados, cabendo ao cientista aguardar a remessa de material recolhido por sua equipe.

Segundo Laplantine (1988), foi somente no início do século XX que surge um novo método para entender as sociedades investigadas, pois o próprio pesquisador passa a fazer parte do campo de investigação, colhendo dados diretamente no *locus* da pesquisa. Desta forma, o pesquisador estabelece contato direto com os povos, interferindo no seu modo de viver, assim como reflete no pesquisado um novo sentido de viver que era próprio da cultura à qual pertence. Neste momento, evidencia-se que é necessário *estranhar* o que parece familiar ao pesquisador e não apenas considerar aspectos exóticos do povo pesquisado, pois o que é comum ao pesquisador pode apresentar um significado diferente para a cultura investigada.

A partir desta inserção do pesquisador no campo, entendemos que ocorre uma transformação na concepção de cultura, deixando de ser apenas uma descrição dos modos de vida (hábitos, vestimenta, língua, costumes, produção material e artística, religião, entre outros) de determinado povo.

A cultura representa, portanto, tudo aquilo que é capaz de produzir significado decorrente das relações sociais no interior das sociedades. Neste sentido, o termo cultura passa a abranger os símbolos e significados resultantes das relações dos homens entre si (LAPLANTINE, 1988; DAOLIO, 1995).

O desenvolvimento da cultura perpassa todo o desenvolvimento da humanidade, pois à medida em que interagimos com o meio, somos por ele influenciados e transformamos a natureza, sendo por ela também transformados. Estamos produzindo significados que correspondam às necessidades de nossa

existência. E dessa forma produzimos cultura.

Para Geertz (1989), a cultura é eminentemente simbólica, pois ela representa

[...] sistemas entrelaçados de signos interpretáveis [...], a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível - isto é, descritos com densidade. (p.24)

Isto significa que os significados apresentados pelos sistemas simbólicos de um povo devem ser analisados e interpretados a partir das ações de seus atores sociais. A análise cultural de um fenômeno é, portanto, viabilizada por meio da utilização da etnografia¹³, que é feita a partir da seleção entre os sistemas de significação, determinando a base social e a importância para a interpretação na própria análise¹⁴.

Ao conceituar a descrição etnográfica, Geertz (1989) apresenta quatro características: 1) a descrição etnográfica é interpretativa; 2) o que ela interpreta é o fluxo do discurso social; 3) o resultado da interpretação estaria registrado num discurso em formas pesquisáveis evitando, possivelmente, sua extinção; 4) a descrição etnográfica é microscópica, ou seja, de um amplo universo investigado retira-se minúsculas partes significativas para serem analisadas, procurando estabelecer relação com o todo.

Isto significa que o antropólogo faz análises amplas e ao mesmo tempo minuciosas (buscando aspectos significativos em ambas), de situações da própria descrição densa e do foco de interesse, mas o que importa é o processo no qual o

¹³ A etnografia é utilizada pela área da Antropologia que busca compreender as relações existentes entre a observação do fato, sua transcrição e a interpretação dele derivado; corresponde à transcrição pelo etnógrafo da construção dos fatos a partir de sua ação e da ação de outras pessoas, que mais tarde sofrerá uma análise mais cautelosa. Portanto, para além da coleta dos dados com ou sem informantes, observação de ritual, descrição no diário, entre outras atividades de campo pertinentes à etnografia, o antropólogo precisa apreender de que forma realizar tais atividades para, em seguida, apresentá-las significativamente. A etnografia é uma descrição densa, “uma informação de fundo antes da coisa em si mesma ser examinada diretamente.” (GEERTZ, 1989, p.19).

¹⁴ Na congada, apresentamos como estrutura de significação social - que será aprofundada no capítulo II -, a simbologia da coroa do Reinado, a etnia, a religiosidade e a própria rede de relações sociais que formará o tecido cultural a partir da ação dos atores sociais com diferentes níveis de conhecimento, formação profissional, faixa etária, entre outros fatores.

pesquisador busca estabelecer relações entre estes elementos, descobrindo e interpretando significados.

Ao realizar a análise cultural do fenômeno, o etnógrafo deve lembrar-se que, por mais detalhada que seja, ela está incompleta. A cultura - por ser dinâmica, e por ser interpretada por outro sujeito que não pertence àquele contexto - jamais poderá ser descrita de modo completo pois, além das relações sociais realimentarem-se continuamente, o olhar do pesquisador também muda na medida em que deve “[...] transformar o exótico no familiar e/ou transformar o familiar em exótico” (DAMATTA, 1978, p.28).

Isto significa que, mesmo compreendendo a necessidade do pesquisador “livrar-se” de sua cultura para analisar outra, ele não conseguirá em função da constante interação social do meio no qual está inserido. Além disso, sua inserção também modifica seu campo de investigação, mesmo que ele não atue diretamente com tal objetivo; somente sua presença já é um elemento suficiente para alterar o resultado do que está sendo colhido.

Outra preocupação do pesquisador é a busca pela coerência, ou seja, seguir determinados passos para realizar seu trabalho dentro de uma cientificidade já consolidada. Geertz (1989) afirma que é importante considerar que a coerência não pode ser buscada como principal elemento de validade de uma descrição densa. Mas, a análise cultural deve possuir um grau mínimo de coerência, caso contrário não seria denominada sistema. Não se pode ser rígido na argumentação e na interpretação, pois a mesma história pode ser interpretada por dois personagens distintos e ser analisada de diferentes modos pelo etnógrafo, sem com isso conseguir estabelecer relação precisa com a interpretação.

Isto posto, devemos considerar que toda análise cultural é inerente a uma abordagem simbólica e está vinculada ao comportamento. Ao nascer, o homem possui uma carência instintiva inicial que será preenchida com valores, conceitos, crenças e comportamentos para possibilitar a vida em sociedade (DAOLIO, 1995).

O homem, portanto, é um ser incompleto que necessita estar em contato com seus semelhantes para construir, através da interação com o meio, uma determinada conduta social, assim como seus valores, suas crenças, seus sentimentos, entre

outros elementos, que contribuirão para a formação de sua identidade. Esta identidade refletir-se-á nas ações do cotidiano do sujeito, ou seja, no seu comportamento social.

Destacamos que o importante são as propriedades estabelecidas nas relações a partir do comportamento, ou seja,

Deve atentar-se para o comportamento, e com exatidão, pois é através do fluxo do comportamento - ou, mais precisamente, da ação social - que as formas culturais encontram articulação. Elas encontram-na também, certamente, em várias espécies de artefatos e vários estados de consciência. Todavia, nestes casos o significado emerge do papel que desempenhavam [...] no padrão de vida decorrente, não de quaisquer relações intrínsecas que mantenham umas com as outras (GEERTZ, 1989, p.27).

O comportamento adquirido, portanto, pertence não somente ao sujeito, mas também ao mundo da cultura onde o mesmo busca completar-se contínua e infinitamente.

A cultura, portanto, não pode ser entendida como estática, fechada em si mesma, isto seria reificá-la de algum modo, acreditar que ela dá respostas iguais para povos diferentes, mas em situações similares. Isto seria dar um sentido objetivo à cultura, reduzindo-a dentro de um contexto social.

O fato da cultura apresentar indicativos que caracterizem determinado grupo social, a torna pública, possibilitando ampliar seu significado para aqueles que convivem socialmente no mesmo contexto. Seja na praça, no mercado, na festa, nas ruas, deparamo-nos com situações diversas que nos permitem agir segundo as construções sociais desenvolvidas ao longo da vivência com nossos pares; são ações culturais de significado público. Tais ações são aceitas, consciente ou inconscientemente, porque formam um conjunto de decisões construídas social e publicamente.

Geertz (1989) apresenta um exemplo significativo para compreendermos porque a cultura é pública. No exemplo, há dois garotos que piscam rapidamente o olho direito. “Num deles, esse é um tique involuntário; no outro, é uma piscadela conspiratória a um amigo.”(p.16) Um terceiro garoto “[...] imita o piscar do primeiro garoto de uma forma propositada, grosseira, óbvia, etc.” (p.16). E este último, pode

ainda ensaiar a piscadela em frente a um espelho, treinando o movimento. O autor nos chama a atenção para as diversas intencionalidades de cada sujeito presentes no mesmo ato de piscar. Para os comportamentalistas, a piscadela seria o ato de contrair rapidamente a pálpebra do olho direito, desconsiderando “[...] o que está por trás” (p.16) deste ato. Pelo fato das intenções serem distintas para o mesmo ato, a descrição densa seria um importante recurso para “decifrar” os significados do exemplo dado.

Os exemplos apresentados por Geertz (1989) sobre o ato de piscar, cujo significado pode ser variado (ação involuntária; treinamento do ato de piscar; ação intencional com sentido de chamar a atenção de alguém; ação intencional com sentido de copiar a piscadela de modo a ridicularizá-la; ação copiosa no sentido de debochar o sujeito que tem tique nervoso) permitem questionar:

[...] qual é a sua importância: o que está sendo transmitido com a sua ocorrência e através da sua agência, sela um ridículo ou um desafio, uma ironia ou uma zanga, um deboche ou um orgulho. (p.20-21).

O autor destaca que o objeto da etnografia constitui-se numa

[...] hierarquia estratificada de estruturas significantes em termos das quais os tiques nervosos, as piscadelas, as falsas piscadelas, as imitações, os ensaios das imitações são produzidos, percebidos e interpretados, e sem as quais eles de fato não existiriam (nem mesmo as formas zero de tiques nervosos as quais, como *categoria cultural*, são tanto não-piscadelas como as piscadelas são não-tiques), não importa o que alguém fizesse ou não com sua própria pálpebra. (p.17).

Em relação à idéia de Geertz sobre a cultura ser pública, Daolio (2001) afirma que:

[...] além de [ser] um processo singular e privado - porque ocorre com todo indivíduo de cada grupo social -, constitui-se num fenômeno plural e público, porque se dá na mediação do indivíduo com outros indivíduos, manipulando significados que só fazem sentido num contexto específico. (p.30).

Isso representa um avanço para a interpretação da cultura, pois a aproxima de outras áreas e permite que se estude e busque compreender o homem como um ser total. Ou seja, o “homem total” pensado por Mauss (1974), integrando seus aspectos

físico, social, cultural e psicológico.

O antropólogo Mauss (1974) apresenta o conceito de técnicas corporais considerando, entre outros exemplos, a observação da técnica na natação, pois identifica mudanças significativas na metodologia de ensino. Para a sua geração, as técnicas foram ensinadas de determinado modo, enquanto, para a geração seguinte, as técnicas eram as mesmas, mas ensinadas em etapas diferentes.

Há, portanto, uma técnica de mergulho e uma técnica de educação do mergulho que foram descobertas em minha época. E, como vêem, trata-se realmente de um ensino técnico, havendo, como para toda técnica, uma aprendizagem da natação (p.212).

Deste modo, as pessoas passaram a explicar técnicas corporais diferentes como resultado do aprendizado da natação. Isto também pode acontecer com a dança, com a ginástica ou com qualquer outro elemento da cultura corporal.

Outro exemplo apresentado por Mauss (1974) refere-se à diferença de técnica corporal entre ingleses e franceses observada durante a guerra, quando soldados ingleses não conseguiram manejar pás francesas, tendo que ser substituídas pelas inglesas. Assim como o inverso também foi necessário, entre outras situações presentes no exército.

Mauss (1974) também comenta que as posições da mão (ao segurar a pá ou ao sentar-se à mesa), o andar e o correr, também se apresentam de forma distinta em situações diversas para cada sociedade. É através do hábito que se constrói culturalmente nas sociedades as formas de atuação do sujeito em cada situação.

Esses “hábitos” variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, mas, sobretudo, com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, com os prestígios. É preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, ali onde de ordinário vêem-se apenas a alma e suas faculdades de repetição (p.214).

Ele defende a idéia do “homem total”, onde todos os aspectos integram uma pirâmide e sustentam o ser humano. Entendemos que os alicerces desta pirâmide são constituídos pelos elementos presentes na natureza social, biológica e psicológica do indivíduo que interage na sociedade manifestando-se culturalmente.

Segundo Rodrigues (1987), é por meio da cultura que

[...] o universo deixa de ser algo dependente apenas de programações orgânicas e os sentidos de se definirem pelas estruturas biológicas dos organismos individuais. Pela cultura, o mundo passa a depender em larga medida das convenções sociais, variáveis de sociedade para sociedade, de grupo para grupo, de tempo para tempo – o que vale também para os sentidos, por meio dos quais cada lugar e em cada tempo os homens se relacionam com o mundo. (p.90.)

Assim, a cultura passa a representar um mundo de significados construídos e “incorporados” socialmente, englobando e demonstrando a interação entre os aspectos biológico, psicológico e sociológico no interior de cada sociedade.

O corpo também tem sido tratado por cada sociedade de modo distinto. Ou seja, a forma com que nos cobrimos (com roupas, com pinturas ou outros ornamentos) representa um exemplo para entendermos este fato. E este tratamento é resultado da maneira como o homem se expressa na busca de conhecimento de si mesmo e do mundo em que vive.

Segundo Kofes (1985), uma tribo chamada Samo acredita que o sangue é transmitido pelo pai e a carne pela mãe para compor o feto. Ela ressalta que sem considerar se há cientificidade ou não nesta crença, o que chama a atenção é a “[...] complexa compreensão cultural do corpo nesta sociedade” (p.53).

A imitação prestigiosa faz parte desta compreensão, pois o sujeito aprende a partir dela, ou seja, ele passa a imitar as pessoas que detêm prestígio social. O prestigiado aceita a imitação e permite, desta forma, que se crie um elemento social entre ambos. Não esquecendo que o aspecto mecânico também está presente nessa relação indissolúvel entre os três aspectos: psicológico, social e mecânico (MAUSS, 1974).

O autor afirma que a técnica é um “[...] ato *tradicional eficaz* e vejam que, nisto, não difere do ato mágico, religioso e simbólico” (MAUSS, 1974, p.217). A eficácia também está presente no aspecto mágico, moral e ritual de certos atos.

Na congada – objeto de estudo da presente dissertação - os movimentos corporais básicos, transmitidos de geração a geração, são atos tradicionais. Existem alguns passos característicos de alguns ternos de congo – conforme um ex-Presidente da Irmandade – que apresentam aspectos considerados mágicos por

seus dançadores¹⁵.

Mauss (1974) afirma que

[...] o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. [...] sem falar de instrumento, o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem é seu corpo (p.217).

O indivíduo, portanto, aprende a “controlar” seu corpo a partir das inter-relações entre os aspectos mecânicos, psicológicos e sociais e da imitação do que acredita lhe ser aceitável socialmente. Aprende a ser homem, aprende a ser social e apreende o corpo por meio do jogo de símbolos sociais. Mas, à medida em que permite romper com as regras sociais em busca de novos aprendizados em outra cultura, pode também aprender um novo significado de corpo.

A cultura vai “moldando” o corpo para viver socialmente e, desta maneira, vai construindo suas técnicas. Mas, este corpo também se vê como objeto de indagação, de desejo de encontrar a liberdade. Como diz Kofes (1985), será que ao buscarmos a liberdade, a liberação deste corpo, também não estaremos produzindo um novo discurso sobre o corpo?

Uma outra interpretação para Mauss (1974) refere-se ao termo cultura como o conjunto de mecanismos de controle (planos, receitas, regras, instruções) para dar a direção do comportamento. O homem é totalmente dependente deste controle, de fatores “extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento” (GEERTZ, 1989, p.56).

Neste sentido, o homem é um ser dependente de tudo o que está externo a ele, principalmente da interação com seus pares. Pois, é a partir dessa interação que ele existe como ser cultural. Daolio (2001) entende que a visão de cultura de Geertz (1989) refuta a concepção evolucionista, a partir da qual o homem deveria ser visto como “primitivo” ou “civilizado”, de acordo com sua produção material; nega também “uma concepção psicológica que entendia a cultura de um grupo como a somatória da produção de mentes individuais” (DAOLIO, 2001, p.30).

¹⁵ No Capítulo III apresentamos análise da questão feita aos entrevistados (Presidente da Irmandade, Festeiro, Festeira, Capitão, Padre, Dançador, Bandeirinha) sobre a dança dos ternos de congo.

A idéia de cultura simbólica, que possibilite a interpretação de símbolos e significados das interações sociais, parece adequada para que o homem possa compreender-se a si mesmo a partir da sua produção cultural decorrente da própria relação com o mundo e com a natureza.

Para Geertz (1989), “[...], a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos”. A cultura engloba elementos que podem ser “descritos com densidade” (p.24).

É preciso estar atento para o contexto da cultura para que não corramos o risco de postular fórmulas e deixá-las como fontes para novos estudos. A interpretação, portanto, é fundamental para que se estabeleça nexos dos fatos observados com os seus significados a partir da ótica de quem vive na sociedade investigada. Pois, como afirma Geertz (1989), “[...] as ações sociais são comentários a respeito de mais do que elas mesmas; de que, de onde vem uma interpretação não determina para onde ela poderá ser impelida a ir.” (p.34).

Isto significa que o que pode ser feito a partir da etnografia realizada é imprevisível perante a natureza cultural do homem, que, por ser dinâmica, poderá dar sentidos variados ao mesmo tema, sem perder de vista o fenômeno observado.

Neste sentido, a análise cultural é incompleta e quanto mais profunda menos completa (GEERTZ, 1989). Isto significa que, ao “fechar” a investigação baseando-se fundamentalmente nos métodos acadêmicos em busca de um determinado rigor, a análise corre o risco de cristalizar a cultura. Ou seja, cria-se parâmetros para os quais a cultura analisada deva se “encaixar”, caindo no objetivismo e desprezando sua dinamicidade. A cultura nunca deixará de ser dinâmica, pois ela é reflexo das relações construídas e reconstruídas continuamente a partir dos valores, idéias e sentimentos de um povo.

A preocupação de Geertz (1989) com a teoria interpretativa é que ela pode, devido sua articulação conceitual, ficar isenta de uma avaliação sistemática, principalmente quando ela é bem aceita ao se revelar. Os detalhes do estudo etnográfico permitem sua sustentação, enquanto, por outro lado, as características da interpretação cultural dificultam o próprio desenvolvimento da teoria. E, neste

sentido, toda análise é incompleta porque ela é ficcional (GEERTZ, 1989).

Tais características representam a necessidade da teoria manter-se no terreno de investigação, ou seja, estar o mais próximo possível do objeto estudado. O aprisionamento das idéias na teoria referendada a torna “fechada”, lógica, moldada academicamente e, portanto, inflexível na análise interpretativa.

Isto poderia significar que as sociedades responderiam da mesma forma ao cotidiano, caso os antropólogos delimitassem “modelos” a serem seguidos para investigar uma cultura. E, portanto, a interpretação da cultura perderia espaço para a objetividade.

Geertz (1989) entende que é necessário conhecer o mundo conceitual para descrever o sujeito e sua cultura. Para ele,

O ponto global da **abordagem simbólica da cultura** é, como já disse, **auxiliar-nos a ganhar acesso ao mundo conceptual no qual vivem os nossos sujeitos, de forma a podermos, num sentido um tanto mais amplo, conversar com eles. A tensão entre o obstáculo dessa necessidade de penetrar num universo não-familiar de ação simbólica e as exigências do avanço técnico na teoria da cultura, entre a necessidade de apreender e a necessidade de analisar, é, em consequência, tanto necessariamente grande como basicamente irremovível.** Com efeito, quanto mais longe vai o desenvolvimento teórico, mais profunda se torna a tensão. Essa é a primeira condição para a teoria cultural: não é seu próprio dono (1989, p.35, grifos nossos).

Entendemos que as análises se desenvolvem a partir de estudos já realizados, conceitos estabelecidos e caminhos que devem ser seguidos; os estudos se constróem a partir de outros estudos. Não é possível desenvolver uma teoria cultural fechada, inédita, pois ela se sustenta a partir de outras e também devido ao próprio dinamismo cultural, não fazendo generalização através dos casos estudados, mas sim dentro deles.

Outra característica da teoria cultural é que ela não é previsível no sentido de poder antecipar ou evitar algum acontecimento, mas ela trabalha com os dados que, organizados e interpretados, podem responder à própria teoria. Isto significa que a teoria tem que sobreviver intelectualmente e não somente ajustar-se ao já produzido.

A etnografia deve fornecer um vocabulário que seja capaz de expressar o ato

simbólico e o que ele tem a dizer sobre si mesmo “[...] isto é, sobre o papel da cultura na vida humana.” (GEERTZ, 1989, p.38). Além disso, devemos adaptar a linguagem para se fazer compreendido, utilizando símbolos e significantes, alterando - se necessário -, o estilo de linguagem ou a própria língua se desejamos expandir nossos estudos.

Neste sentido, ampliando para a idéia das relações sociais, Geertz (1989) afirma “[...] que remodelar o padrão das relações sociais é reordenar as coordenadas do mundo experimentado. As formas da sociedade são a substância da cultura.” (1989, p.39).

As ações culturais que caracterizam determinado grupo social podem permanecer, transformarem-se ou até desaparecerem em determinada época, mas os escritos, as análises culturais e interpretações realizadas tendem a ser guardadas e reproduzidas abrindo caminhos para novas investigações. Isto significa que é preciso que uma interpretação seja realizada de modo mais próximo à realidade do fato, para que não se perca de vista o foco cultural.

O discurso produzido transformado em conhecimento encontra caminhos para se expandir na sociedade, pois “[...] a sociedade não é simplesmente uma ‘coisa’, mas uma *construção* do pensamento” (RODRIGUES, 1987, p.10).

E o pensamento, *a priori* subjetivo, passa a ser objetivo quando exteriorizado e interpretado nas relações sociais. Assim são as técnicas corporais, pois aparecem como reflexo do pensamento de um grupo social. E à medida em que interagem vão se transformando e tornando-se “novas” técnicas corporais, mas nunca deixando de ser um meio de expressão dos valores de uma sociedade.

A congada, sob este aspecto, representa um importante elemento da cultura em Catalão, Goiás, capaz de aglutinar pessoas de diferentes modos de vida e de classes sociais. Ela reúne, em sua forma de manifestação, pessoas que se dedicam à organização e que também usufruem durante os onze dias em que a Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário se concretiza¹⁶. Desta maneira, todas contribuem para a construção da cultura local.

¹⁶ Para este estudo, concentramos nossos esforços na análise da 125ª Festa de Nossa Senhora do Rosário que realizou-se entre 05 e 15 de outubro de 2001 (conforme programação, anexo1).

O papel do antropólogo é buscar compreender a organização social devendo preocupar-se em construir princípios reunidos num texto para não correr o risco de realizar análises superficiais, buscando uma coerência interna na interpretação da cultura que é repleta de seus próprios significados. Talvez, o maior obstáculo para o antropólogo seja desafiar suas próprias interpretações, entendendo que é preciso descobrir o acesso a elas através das sociedades e das vidas, em qualquer lugar a ser descrito e “re-significado”.

Os antropólogos ou pesquisadores devem, portanto, se arriscar às interpretações da cultura para que possam “re-significar” seus valores a partir do estudo de outras sociedades.

Em outras palavras, o caminho (a fundamentação teórica) da pesquisa a ser percorrido pode não ser o mesmo, mas o solo (a linguagem), é sempre terreno reconhecido para se cultivar a interpretação e a significação do homem e de sua cultura.

1.2. A CULTURA NA CASA E NA RUA

A festa, a folia, a procissão, a religião, a rua (BRANDÃO, 1985;1989), a casa, a parada militar, o carnaval, o mito e o rito (DAMATTA, 1997a;1997b), assim como outros elementos de significação social, e também componentes do espaço histórico e geográfico do qual fazemos parte, passaram a ser interpretados à luz das ações e interações do homem nestes espaços.

Resulta daí, um novo entendimento de cultura que passará a ser interpretado por cada sujeito que se desafia a tal, considerando o espaço geográfico, o momento histórico-social e as produções humanas nela presentes, conseqüentemente construindo uma determinada concepção de corpo.

Brandão (1985;1989) registra em duas de suas obras¹⁷, de que modo as relações sociais são construídas, considerando a festa, o homem em seu meio e sua

¹⁷ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Festa do Santo de Preto**, 1989.

interpretação do sagrado e do profano. Este autor analisa a cultura de rua e de suas festas populares e religiosas, em diversas regiões do país: Minas Gerais, Goiás, São Paulo.

Na obra **A cultura na rua**, Brandão (1989) demonstra as interações simbólicas e sociais presentes no espaço da festa e da rua, assim como outros elementos (casa, família, folia, dança, sentimento, procissão, romaria, arte, religião) se misturam e ultrapassam seus limites internos para impregnar seus atores sociais em busca do que entendemos ser seu conceito de cultura.

O autor chama-nos a atenção para as festas do homem urbano e as do homem do campo. As festas do primeiro estão voltadas para significados diversos e possuem universalidade, porém há ênfase às individualidades (aniversário, comunhão, a conquista de vaga para a universidade, entre outros). Enquanto para o homem do campo, a festa representa um sentimento comunitário (batizado, matrimônio, morte, homenagem a santos padroeiros).

O sentido de cultura está repleto de *símbolos*, ou seja, a festa para ele é “[...] uma *fala*, uma *memória* e uma *mensagem*” (BRANDÃO, 1989, p.8). É também,

O lugar simbólico onde cerimonialmente separam-se o que deve ser esquecido e, por isso mesmo, em silêncio não-festejado, e aquilo que deve ser resgatado da **coisa** ao **símbolo**, posto em evidência de tempos em tempos, comemorado, celebrado. Aqui e ali, por causa dos mais diversos motivos, eis que a cultura de que somos ator-parte interrompe a seqüência do correr dos dias da vida cotidiana e demarca os momentos de festejar. Instantes dados à casa ou ao quintal, à igreja, à praça ou à rua em que cada um, alguns ou vários de nós somos, singular ou coletivamente, chamados à cena, postos à cabeceira da mesa e diante de um bolo com velas, presenteados, honrados com falas ou lágrimas. Ei-nos por um instante convocados à evidência, para sermos lembrados ou para que algo ou alguém - uma outra pessoa, um bicho, um deus - seja lembrado através de nós, para que então alguma coisa constituída como sentido da vida e da ordem do mundo, seja dita ritualmente **através** de nós, que, **festejados**, somos durante a brevidade de um momento especial enunciados com mais ênfase: somos símbolo” (1989, p.8, grifos do autor).

E por tal motivo vale o exagero na festa. Vale o comer, beber, dançar e cantar, muito mais do que em casa. A partir do que a festa representa na cultura, ou seja, de

que modo ela permite a transgressão da lógica da rotina e da exacerbação dos comportamentos, seu significado atinge todo tipo de relação social. Da família ao ciclo de amizades; da religião ao encontro de amantes da música; do ambiente de trabalho ao ambiente de lazer. Em todos os espaços a festa é permitida para celebrar a representação de alguém ou de algo, conquistado individual ou coletivamente e que possui significado comum para ser celebrado.

A festa, como elemento formador da cultura, portanto, é carregada de símbolos e significados que são internalizados e reproduzidos pelas gerações de modo a traçar um perfil de sociedade à qual está vinculada.

O homem, no interior desta festa, observa, interage, aprende, expressa-se, participa, conquista e se “liberta” - pelo menos temporariamente - de padrões de comportamento familiar, ao mesmo tempo em que incorpora padrões de comportamento de grupos sociais específicos presentes no âmbito da mesma.

Na festa também está presente o exagero do real (BRANDÃO, 1989), o extrapolar da rotina que tanto reforça padrões valorativos de comportamento humano¹⁸. Este exagero do real presente na festa é resultado do rompimento do significante da rotina e, portanto, é permitido pois encontra-se no espaço onde tudo é possível, tudo é “liberado”.

Ao publicar **A Festa do Santo de Preto**, Brandão (1985) preocupa-se em realizar uma descrição fiel de como a festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário se desenrola. Apresenta desde um breve histórico e localização geográfica da cidade de Catalão (GO), passando pela discussão sobre o poder da Igreja e da Irmandade dos negros na organização da festa e da própria sociedade, chegando ao registro dos rituais presentes na congada (a alvorada, a dança dos ternos, a procissão).

Apesar deste autor “[...] deixar aos cuidados dos praticantes da Congada a sua própria explicação” (198, p.95), ele interpreta a cultura como um mecanismo de troca entre seus participantes de “[...] relações significativas de serviço simbólico e

¹⁸ Os momentos de visitação realizados pelos ternos de congo representam, entre outros, um exagero do real, pois os dançadores vão em várias casas durante um mesmo dia para agradecer ao morador ou porque o próprio morador fez algum tipo de promessa e deve receber uma visita dos congos.

social, e como produzem e contornam os conflitos, gerados por suas próprias atuações na festa [...]” (1985, p.95).

Isto significa que o conceito de cultura para Brandão (1985;1989) refere-se ao modo como o homem constrói sua língua, suas relações sociais, seus valores e a própria organização social, partindo do sistema de trocas simbólicas. Nesta idéia, ao nosso ver, está implícito que o nível de produção tecnológica e de desenvolvimento social fazem parte do sistema de trocas simbólicas, pois atinge um determinado grau de desenvolvimento destes aspectos a partir de sua freqüente ocorrência no âmbito das relações sociais e de trabalho.

A cultura, portanto, não seria algo restrito ao imaterial ou ao material, mas à fusão e complexidade de ambos frente à constante transformação de seus símbolos, a partir de um determinado nível de desenvolvimento psico-social e de técnicas de produção. Tudo isto considerando que toda criação do homem - e, portanto, sua produção de modo geral - é fruto do seu imaginário social, de sua vivência e de sua visão de mundo e, portanto, construídas a partir da sociedade em que vive e interage.

DaMatta (1997a), ao analisar as categorias sociológicas “casa” e “rua” - que considera espaços de significação social e, portanto, construtores de cultura -, comenta sobre as opiniões distintas de um mesmo sujeito quando indagado sobre temas específicos nestes diferentes locais. Sobre temas como moda, religião, moralidade sexual, o sujeito pode falar de modo diferente em casa e na rua. Ou seja, o ambiente onde se situa possui significação distinta e isto o leva a responder de modo diferenciado sobre os mesmos temas. Na casa, o sujeito se permite ser ético, rígido, discursivo e até moralista, enquanto na rua, a possibilidade de ser mais um entre os demais que circulam por este espaço lhe possibilita ser progressista, “contador de causos” e até “amoral”.

Para DaMatta (1997a),

Embora existam muitos brasileiros que falam uma mesma coisa em todos os espaços sociais, o normal - o esperado e o legitimado - é que casa, rua e outro mundo demarquem fortemente mudanças de atitudes, gestos, roupas, assuntos, papéis sociais e quadro de avaliação da existência em todos os membros de nossa sociedade (p.48).

Podemos dizer que os espaços freqüentados possuem significados próprios para o homem, e que são construídos à medida em que ele atua sobre os mesmos. Portanto, tais espaços estão repletos de significação social.

Entendemos que a cultura, porém, não está fragmentada em função deste comportamento distinto do sujeito frente a espaços diferentes. A cultura não pode ser entendida como partes separadas, mas como uma espiral infinita que se constrói, se encolhe ou amplia, no tamanho exato dos significados sociais. Acima de tudo, o ambiente e as relações que se dão nele, vão construir uma significação própria que se mescla, no interior do homem, aos valores construídos em outros espaços e com outros sujeitos.

O termo cultura está relacionado principalmente às ações e resultados que esta passa a refletir nos valores presentes numa sociedade que busca interpretar a si mesma e ao mundo em que vive.

Desta forma, as análises feitas por Brandão (a festa e a rua) e DaMatta (a casa e a rua) aproximam-se à medida em que o simbolismo e a significação social deixam marcas no homem e fazem parte de sua cultura. Uma cultura que surge, reformula, aparece e marca constantemente, tanto deixando sinais quanto fazendo nascer novos sinais na sociedade em evidência.

Isto posto, cabe apresentar a descrição da festa, assim como dados da cidade de Catalão que possam contribuir para a análise cultural e compreensão da mesma como espaço de construção social.

CAPÍTULO II

A FESTA DO CORPO E DAS RELAÇÕES SOCIAIS: O ENCONTRO COM O DIVINO

A festa possibilita aglutinar diversos grupos sociais e, mesmo não sendo de origem religiosa, ela possui certas características que a aproximam da religião. A forma como as pessoas nela se manifestam lembra muitas vezes - e como algumas pessoas acreditam - o transe ou a comunicação com o divino.

Na festa é possível superar distâncias individuais produzindo um estado de efervescência e de possibilidade de transgressão das normas sociais. Por meio da festa o homem, mutuamente, se reafirma como ser social (VIANNA, 1988).

O corpo presente na festa é o humano, o sagrado, o profano, o ritmado, o sociável, o anti-social, enfim, pode estar representando quaisquer desses aspectos, mas não é qualquer corpo. Acima de tudo, é um “corpo cultural”. Nele, podemos identificar os traços da cultura de um povo, de determinada etnia, de uma sociedade, de determinados grupos sociais, em meio a uma festa recheada de alegria, desejos e possibilidades de realização pessoal e social.

A festa, de modo geral, constitui um espaço de convívio social, em que talvez a importância maior seja a alegria, o encontro com o outro e a ludicidade. Mesmo expressa de modo religioso, a festa não deixa de ser lúdica, pois a ludicidade faz parte da essência humana. O corpo humano, portanto, é lúdico por natureza, pois busca expressar-se – por meio da linguagem corporal ou verbal - para ser decodificado e reinterpretado por aquele com o qual pretende comunicar-se. Isto não significa que a ludicidade está em vantagem em relação à cultura, mas que ambas estão enraizadas na sociedade e no sujeito desde sua concepção.

E este corpo presente na festa pode também romper com a vida séria e expressar-se de modo mais espontâneo. Para Brandão (1989), “[...] a festa se apossa da rotina e não rompe mas excede sua lógica, e é nisso que ela força as pessoas ao breve ofício ritual da transgressão” (p.9).

Entendemos que na festa podemos expressar nossos interesses e desejos sem grandes preocupações com os olhares alheios, pois estes também estarão interessados em extrapolar suas rotinas e “liberar” seus corpos da vida séria. A festa da qual falamos é, especificamente, a 125ª Festa de Nossa Senhora do Rosário, realizada no período entre 05 e 15 de outubro de 2001. Uma festa popular de tradição religiosa - em Louvor à Nossa Senhora do Rosário, considerada a santa dos

negros -, que tem grande representação na vida da cidade de Catalão, Goiás.

A história da cidade de Catalão possui duas correntes que estão sendo estudadas. Segundo a Prefeitura Municipal, ambas apresentam em comum a passagem e fixação de um espanhol¹⁹ natural da Catalunha, Frei Antônio, que ali se fixou para dar apoio às entradas e bandeiras (a partir do ano 1728), que pretendiam explorar o interior do Brasil em busca de riqueza. A corrente mais recente defende que a partir de 1800, com o desenvolvimento das atividades agropecuárias dos mineiros (a cidade possui divisa com o Estado de Minas Gerais), é que surgiu um sítio urbano que mais tarde (ano de 1859) viria dar origem à cidade de Catalão.

Geograficamente, a cidade de Catalão situa-se na Região Centro-oeste, no início do Planalto Central Goiano. A superfície territorial está em cerca de 4.200 km². Possui aproximadamente 70 mil habitantes²⁰. Limita-se ao noroeste com a cidade goiana de Ipameri; ao norte com Campo Alegre de Goiás; ao nordeste com as cidades de Paracatu, Vazante, Coromandel (Estado de Minas Gerais) e Davinópolis (Estado de Goiás); a leste e sudeste com Ouidor; ao sul, com a cidade de Três Ranchos (ambos em Goiás); também ao sul com as cidades de Cascalho Rico e Araguari (MG) e, também com Cumari e Goiandira (GO) (CAMPOS, 1976, p.17). Atualmente, Catalão possui um distrito (Santo Antônio do Rio Verde) e três povoados (Pires Belo, Olhos D'Água e Pedra Branca, todos próximos ao rio Paranaíba).

A produção rural da cidade de Catalão está representada principalmente pela soja, milho e feijão. Há também grande exploração de minerais (ferro, rocha fosfática, carvão, entre outros).

Quanto à religião, há grande predominância de católicos entre a população. As festas religiosas são comuns na região e, em Catalão, sempre houve grande

¹⁹ Em resumo, temos a origem do nome Catalão: “[...] projetava-se a figura varonil de um *hespanhol*, natural da Catalunha; logo depois de atravessar o Paranaíba, não hesitou em abandonar a bandeira de Bartolomeu Bueno. Deixando-se ficar, fundou esta região, nela passando a residir, maravilhado, como *ficára*, com a uberdade privilegiada e seu solo, a *opulencia* de sua multiforme vegetação e a *excelencia* de seu clima.” (Fundação Cultural Maria das Dores Campos, Histórico de Catalão para o Primeiro Grau, s.d., p. 2, grifos nossos).

²⁰ “A cidade de Catalão, com perímetro urbano de 48 km² e população de 67.200 habitantes, segundo estimativa de 2000 – FONTE IBGE [...]”. (Anuário da Prefeitura Municipal de Catalão, 2001, p.21).

participação, inclusive de pessoas que vivem no meio rural.

A Festa de Nossa Senhora do Rosário é celebrada desde os anos de 1880 quando fazendeiros permitiam licença aos seus trabalhadores para participarem dos festejos. Dois grupos principais, mais tarde chamados de ternos de congos, davam sentido à festa: os congos e os moçambiques.

Os congos eram pretos mais jovens que estavam iniciando na Irmandade de N. Sra. do Rosário. Os moçambiques, pretos mais velhos, eram mais importantes, credenciados e respeitados (Anuário da Prefeitura Municipal de Catalão, 2001, p.11).

Segundo Brandão (1985) a festa compreende 10 ou 11 dias “[...] previstos de tal modo que um deles seja o dia 13 de outubro, consagrado à santa padroeira do calendário litúrgico da Igreja Católica.” (p.15).

Os dados da Prefeitura apontam que a festa tem a duração aproximada de 15 dias, tendo seu início na segunda semana do mês de Outubro. “Esta festa era financiada pelos fazendeiros festeiros que no dia principal dos festejos, faziam questão deles mesmos servirem refeições aos negros” (Anuário da Prefeitura Municipal de Catalão, 2001, p.11-12). Foi no início do século XX que a festa passou a ser realizada na cidade, mantendo a oferta do café da manhã aos participantes dos ternos de congo.

Para organizar e concretizar a festa, os integrantes da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, a maioria negros e descendentes, recebem doações e apoio financeiro da Prefeitura Municipal e do Ministério da Educação e Cultura (MEC)²¹. Outro fator que gera recursos econômicos para a cidade e região é o fato de mais de 600 barracas, vindas de vários Estados, instalarem-se durante a festa vendendo produtos como roupa, calçados, utensílios domésticos, entre outros.

²¹ Segundo informação da festa de 2001, o MEC liberou cerca de R\$100.000,00 (cem mil reais) para a organização da festa, que conseguiu, entre outras coisas, oferecer a vestimenta e o calçado dos congadeiros (pessoas que integram os ternos de congo). Segundo a festa de 2000, em sua gestão, ela apresentou um projeto ao MEC – através de uma grande empresa da cidade – apoiada na Lei nº 8313, conhecida como Lei Rouanet de apoio à Cultura -, para obter incentivos fiscais em contrapartida ao apoio cultural na congada. Os recursos foram disponibilizados somente no ano seguinte e repassados para os festeiros de 2001.

Este comércio é visitado por cerca de 50.000 pessoas que também participam dos rituais da Igreja (missa, reza de terço e procissão), freqüentam os bares, as barracas de jogos, o parque de diversão, os leilões e desfrutam da apresentação de músicos e violeiros. (Anuário da Prefeitura Municipal de Catalão, 2001).

Para compreender de que modo a rede de relações sociais se constrói no âmbito da Festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Catalão e região, recorreremos a alguns autores da Sociologia e da Antropologia. Além disso, a etnografia - recurso metodológico utilizado durante a 125ª Festa de Nossa Senhora do Rosário - nos possibilitou realizar a interpretação que será aprofundada no capítulo III.

Entretanto, cabe destacar que o estudo etnográfico apresenta princípios que necessitam ser selecionados, organizados e aplicados. Segundo André (1995) os princípios a serem considerados são:

- 1) observação participante - é o primeiro contato da sociedade para que o pesquisador possa dar início à impregnação dos dados culturais;
- 2) interação constante do pesquisador no campo para, se necessário, alterar técnicas de coleta de dados;
- 3) ênfase no processo em si e não nos resultados finais;
- 4) preocupação com o significado para os próprios atores sociais;
- 5) trabalho de campo para obter com maior naturalidade os dados a serem interpretados;
- 6) descrição e indução a partir de dados coletados na descrição densa e reinterpretá-los buscando significados;
- 7) formulação de conceitos, teorias, abstrações com grande flexibilidade para reformular as técnicas utilizadas, os instrumentos, os fundamentos teóricos, entre outros elementos que necessitem de revisão para a aplicação de acordo com o modo que o grupo social pesquisado responde.

Entendemos que a pesquisa de tipo etnográfico é qualitativa, pois além dos instrumentos e forma de coleta de dados utilizados e que podem ser quantificados, ela não prende-se ao mensurável. O fundamental da pesquisa etnográfica é o tratamento dos dados de modo a garantir sua interpretação buscando um significado

mais aproximado da realidade social observada.

Neste sentido, os recursos etnográficos que pretendemos utilizar tratam de observação do campo, assim como registro das informações obtidas a partir da intervenção no mesmo; entrevistas com pessoas envolvidas diretamente com os ternos de congo, com vistas a compreender os significados; filmagem dos momentos de apresentação dos ternos de congo com intenção de observar as técnicas corporais e proceder a análise cultural; descrição do campo, considerando os atores sociais, núcleos de atuação e espaços de circulação da festa; análise cultural visando interpretar os dados à luz dos referenciais teóricos estudados em busca de significados para a sociedade investigada.

Para tanto, faz-se necessário compreender a festa como um espaço de construção social, no qual o lazer está inserido, onde o corpo “festeja” a cultura ao mesmo tempo em que constrói sua identidade.

2.1. VISÃO PANORÂMICA DA CONGADA

A festa confunde-se com a dança, sendo chamada também de festa da congada ou festa do Rosário. A congada possui características comuns a uma festa popular bastante conhecida no Brasil: o carnaval. Isto porque o carnaval pode ser considerado um “[...] momento especial que guarda com o cotidiano brasileiro uma relação altamente significativa e politicamente carregada [...]” (DAMATTA, 1997b, p.40), pois caracteriza-se como um ritual que permite a inter-relação da vida séria com a vida não-séria.

Como todos os anos, a Festa de Nossa Senhora do Rosário teve início na alvorada (por volta das 3 horas da manhã) do dia 05 de outubro de 2001, sexta-feira, e término no dia 15 de outubro de 2001, segunda-feira. A alvorada é considerada oficialmente como o momento de abertura da festa, mas entendemos que o “espírito” da festa – o início da mesma, portanto, não está definido - está presente durante todo o ano, pois sua organização e interesse em arrecadar fundos para sua efetivação ocorre constantemente, à medida em que as pessoas envolvidas,

principalmente os festeiros, se articulam para promover eventos e obter doações.

Os participantes da congada - tocadores, dançadores, bandeirinhas, entre outros - começam a sair de suas casas de madrugada e reúnem-se para apresentar seus ternos de congo pelas ruas da cidade. A população também se faz presente e toma as ruas acompanhando o ritmo das caixas e dos demais instrumentos durante todo o amanhecer do dia²².

É importante descrever o “pedaço” da festa para que possamos proceder a análise cultural. A rua que dá acesso à praça onde está localizada a Igreja de Nossa Senhora do Rosário representa o principal local dos rituais da festa. A igreja a que nos referimos é iluminada à noite e sua atual cor rosa dá o tom de harmonia da festa que se seguirá por quase dez dias. A arquitetura da igreja é simples, de forma retilínea e com a imagem da santa homenageada atrás de um vidro em sua torre central.

Logo à esquerda da igreja, identificamos o “ranchão”, onde ocorrem - no período noturno -, mostras de música, concursos e leilões para arrecadar fundos para a festa. Este espaço da festa tem representação significativa pois, antigamente, era nele que se concentravam os congos para tomar sua primeira refeição no dia tido como oficial da festa, ou seja, no segundo sábado da festa que, neste ano, coincidiu com o feriado nacional em homenagem à padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida.

Brandão (1985) afirma que

[...] é costume nas festas goianas de santo de igreja a montagem de um ‘rancho alegre’. Trata-se de uma edificação suficientemente grande para permitir refeições e pista de dança para uma boa quantidade de pessoas. É construído com tábuas de madeira e palha. [...] Ali são realizados bailes e jantares, com responsabilidade de promoção dividida entre pessoas da cidade. [...] Há cidades menores onde o próprio festeiro se encarrega da montagem e do funcionamento do ‘rancho alegre’, podendo dividir com a Igreja o lucro obtido, compensando assim parte dos investimentos feitos na Festa (p.20).

²² Cabe destacar que este momento não foi descrito de modo detalhado por Brandão (1985), embora o autor tenha deixado evidente sua importância como abertura oficial da Festa de Nossa Senhora do Rosário.

As pessoas chamam de ranchão uma espécie de barracão montado às vésperas da festa. Segundo alguns congadeiros, não foi montado durante dois anos em função da construção da Casa do Folclore que teria a mesma função do ranchão, mas com maior comodidade. Os congadeiros, porém, não aceitavam a idéia, acreditando estar rompendo com a tradição. Neste barracão, o “patrão” (proprietário de terra e de escravos) serve o café da manhã para o “empregado” (escravos negros). Portanto, este momento, que representa um agradecimento do patrão ao trabalho do empregado, passaria a ter outro significado caso se alterasse o local do café da manhã.

Observamos que neste ano de 2001 o café da manhã foi oferecido na própria Casa do Folclore, rompendo, portanto, a tradição. Porém, a qualidade dos alimentos e a atenção dedicada aos congadeiros no oferecimento do café da manhã pareceu-nos satisfatória e bastante festiva. Para o restaurante do ranchão foram doados - pela Festa da Pecuária que acontece anualmente em julho -, alguns bezerros. Além disso, o leilão de arte realizado dentro do ranchão também fez uma boa arrecadação para a Irmandade.

Seguindo nossa descrição do “pedaço” da festa, mais adiante, ao lado da igreja, observamos um palco vazio onde ocorrem as missas diariamente no período da Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Em função do grande número de pessoas que participam deste ritual - diferentemente dos que participam da reza de terço realizada no interior da igreja - o espaço físico torna-se restrito. Ou seja, logo em seguida ao término da reza de terço, o padre orienta os fiéis a colocarem os bancos em frente ao palco para que a missa possa ter início. Ao término, eles devolvem para o interior da igreja os bancos emprestados.

Após subir uma pequena escada na entrada principal da igreja, observamos que seu interior era bastante simples, contendo: ao centro, a tradicional imagem de Jesus crucificado; à esquerda, uma estátua de São Francisco de Assis e, finalmente à direita, a esperada imagem de Nossa Senhora do Rosário, segurando uma criança em seus braços. A igreja encontrava-se decorada por arranjos de flores naturais e fitas. A cada dia nova decoração era providenciada.

Ao deixarmos o interior da igreja por uma saída lateral, chegamos à outra rua repleta de barracas com uma grande diversidade de produtos²³ oferecidos aos transeuntes. Os barraqueiros vêm de diversas partes do país, assim como alguns são moradores da cidade.

Tivemos a oportunidade de conversar com um jovem que veio da cidade de São Paulo para vender seu trabalho artístico. Ele fazia quadros com tinta *spray* em aproximadamente dez minutos. Após alguns instantes, observamos uma aglutinação de pessoas em torno do artista. Gente de todas as idades, principalmente jovens, observavam e comentavam o trabalho do pintor. Sua tela apresentava três pirâmides sobre um planeta, que parecia flutuar pelo espaço. Os tons no fundo eram azuis cor da noite e havia espécies de cometas riscando o céu. Pequenas estrelas ainda compunham a paisagem e, na terra, traços retilíneos davam o tom de precisão da obra.

Terminada sua tela, o artista passou uma espécie de tinta secante e, em seguida, leiloou para o público presente. Suas obras chegavam ao valor máximo de R\$10,00 (dez reais) por quadro! A cada dia o pintor se concentrava em local diferente para trabalhar, buscando visibilidade e luz que tomava emprestado de outras barracas, já que ele somente carregava seu material artístico.

Destacamos que no “pedaço” da festa há esta possibilidade de conhecermos outras artes, distantes dos temas vinculados aos da festa, pois em nenhuma exposição que fez o pintor trouxe elementos que tivessem relação direta com a religiosidade ou a congada. Mesmo assim seu trabalho foi observado, elogiado e integrou um determinado contexto que pode ser interpretado como lazer para quem desfrutava daquele momento.

²³ Os produtos à venda vão desde símbolos religiosos referentes à festa até roupas íntimas, cujas confecções representam um forte mercado local e de revenda para outras cidades do país. Entendemos que o sagrado e o profano estão representados nestes produtos que se misturam aos demais (os utensílios de casa, as bebidas, os alimentos, os produtos para o lazer, entre outros), integrando não somente o comércio como também a cultura local.

2.2. A BUSCA DA TRANSFIGURAÇÃO: O LAZER NA FESTA DA CONGADA

A procura da excitação no lazer, temática contida na obra de Elias e Dunning (1992), nos permite refletir sobre a congada pertencente à cultura popular no interior goiano e sua relação direta com o lazer, pois este está associado à busca de excitação agradável, embora com características comuns de uma situação crítica séria. Apesar dos autores centrarem a discussão da excitação a partir do esporte, entendemos que é possível analisar a congada como uma atividade mimética de lazer. Pois,

Nos primeiros tempos, numerosos tipos de actividades religiosas possuíam funções análogas às que as actividades de lazer têm hoje - várias actividades de lazer do nosso tempo, em particular as de tipo 'mimético', possuem funções semelhantes àquelas que alguns tipos de actividades religiosas tinham nesses tempos. [...] Podem observar-se movimentos opostos de equilíbrio deste tipo em certas áreas da vida contemporânea, entre elas no campo do lazer. Novos desenvolvimentos na música e no teatro e novas formas de cantar e de dançar são exemplos disso (ELIAS & DUNNING, 1992, p.104-105).

Os autores citados anteriormente estão fundamentados em Aristóteles, que defende a idéia de que

Todas as artes [...] têm em comum serem tipos de imitação. Elas diferem uma da outra em três aspectos: os meios de imitação, os objetos imitados e as maneiras diferentes pelas quais elas imitam as mesmas coisas.

Do mesmo modo que há pessoas que, por aptidão ou experiência, imitam e representam vários objetos desenhando-os ou descrevendo-os, [...] a imitação é produzida por ritmo, linguagem e melodia, seja isoladamente seja em combinação. Na música da flauta e da lira, e em outras artes semelhantes, como a de tocar a gaita do pastor [ou a caixa do dançador de congo], melodia e ritmo são empregados. Na dança o ritmo é usado isoladamente, sem melodia: a dança imita caráter, emoção e ação por meio de movimento rítmico. [...] Às vezes, estes meios [ritmo, melodia e linguagem] são empregados juntos, outras vezes separados.

A diferença entre uma forma de arte e outra não reside no fato da imitação, mas nos meios usados para fazê-la. (ARISTÓTELES apud McLEISH, 2000, p.15-16).

A forma com que os dançadores de congo se manifestam pode ser entendida

como *mimesis*, ou seja, a imitação. Ela está presente no conjunto de homens e mulheres que executam determinado movimento na dança de modo subjetivo e simultâneo formando uma massa humana. Por meio desta massa, da melodia e do ritmo, a congada vai se desenvolvendo e sendo conduzida pela fé e pela arte produzida pelo seu povo. A homenagem à santa transforma-se em movimento artístico.

Denominamos *transfiguração* o momento, ou os vários momentos, em que homens e mulheres assumem um papel dentro da congada e passam a obter prazer ao representá-lo. O prazer sentido na imitação individual (em cada dançador) e coletiva (no conjunto da representação da congada) passa a ser um modo de aprendizado. Aprendemos através da busca pelo prazer e da imitação das coisas, “A imitação, então, é um instinto humano natural. Um outro é nosso sentimento em relação à melodia e ritmo [...]” (ARISTÓTELES apud McLEISH, 2000, p.17).

A “transfiguração da natureza pela arte” (FERREIRA, 1986), ou seja, a transfiguração dos dançadores durante a congada ocorre à medida em que a massa individual integra a massa coletiva obtendo uma nova forma e um desejo coletivo de revelar-se ao público. A revelação pode, então, ser entendida como meio de construir a identidade cultural. Esta identidade cultural apresenta formas de lazer no interior da festa da congada que vão desde a participação na dança, nos momentos religiosos até a participação do público como simples espectador.

Desta forma, entendemos que a dança dos congos ou congada, apesar de caracterizar-se como manifestação popular de fundo religioso, tem em si o lazer como suporte para manter sua tradição e permitir um certo entusiasmo no dia-a-dia da cidade e de sua rotina séria, assim como dar um impulso financeiro ao seu comércio. Além disso, apresentam um certo equilíbrio entre o caráter religioso e artístico da congada, fazendo com que as pessoas que não necessariamente sejam adeptas da religião católica participem de algum modo da festa, apreciando-a e integrando-se a ela com caráter de lazer.

O lazer, neste sentido, não se restringe aos aspectos *atitude* (ativo/passivo) e *tempo* (do não trabalho, liberado do trabalho, livre, disponível), mas engloba esses dois aspectos à medida em que se insere na festa da congada,

caracterizando uma cultura popular. Assim, a dança é considerada um foco artístico do lazer.

Se o lazer é realizado como meio de “liberação” da vida séria em busca da satisfação e do prazer, na congada ele encontra-se diluído à medida em que controla o indivíduo socialmente ao impor restrições quanto a sua participação nas diversas atividades da festa da congada (dança dos ternos ou congos; toque de caixas e outros instrumentos; organização do almoço e do jantar oferecidos durante a festa; barracas para venda de produtos diversos; participação na reza de terço).

Há imposições para que o congadeiro possa subir de posto, por exemplo, não utilizar bebidas alcoólicas e, isto representa um certo controle social que valoriza a conduta do indivíduo. Este controle, mesmo que não aparente, está presente nos espaços que os sujeitos buscam para divertir-se e usufruir do lazer.

Neste sentido, a transfiguração do sujeito na festa, a partir da congada, se faz presente também no ato religioso, pois entendemos que a devoção religiosa - pano de fundo da congada - é responsável não somente pelo controle social dos sujeitos envolvidos, mas também pela forma com que tradicionalmente servem-se de seus corpos dentro daquela cultura (MAUSS, 1974). A herança dos movimentos básicos característicos de cada terno de congo, assim como a forma como se deslocam durante a apresentação, são resgatadas e transmitidas para as gerações futuras.

Portanto,

[...] qualquer movimento humano é um ato técnico, porque possui, segundo Mauss, tradição - é transmitido de geração a geração - e eficácia - em algum nível ele atende às expectativas do grupo, nem que seja em nível simbólico. Em outras palavras, qualquer gesto é uma técnica corporal, porque é uma técnica cultural (DAOLIO, 1995, p.59-60).

Entendemos que o movimento presente na congada é carregado de devoção e de técnica corporal/cultural, pois há um nível de eficácia na qual os gestos são compreendidos simbolicamente pelos dançadores e tocadores dos ternos, sob o comando do capitão. E, à medida em que se aproximam da Igreja e dos espectadores, o nível de transfiguração (excitação para ELIAS & DUNNING, 1992),

aumenta, permitindo maior entrosamento no interior do grupo. E o modo como interagem no grupo também se caracteriza como controle social, mas de forma implícita às “regras” da congada, fato que não impede a excitação de seus sujeitos.

A participação dos congadeiros produz a tensão elevada que, ao longo do desenvolvimento da congada, transforma-se em tensão-satisfação, resultando, portanto, na transfiguração (excitação agradável), presente nos vários “pedaços” da festa: no terno que toca e dança; na barraca de produtos vendáveis; nas preces no interior da igreja; na mesa do bar entre amigos.

Isto significa, portanto, que a congada é a síntese da dança, da devoção, do controle social e do lazer, que trazem em si a esfera da transfiguração de seus atores sociais.

2.3. A TRANSFIGURAÇÃO NA DANÇA E NA DEVOÇÃO À NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

A dança e a devoção representam dois momentos importantes no âmbito da transfiguração na festa da congada. Na dança, a transfiguração ocorre quando os sujeitos se transformam em personagens e imitam: o rei, a rainha, o general, o capitão, os dançadores, as bandeirinhas, buscando uma unidade no significado da congada. Ou seja, buscam a representação do Reinado como um modelo social da monarquia que foi vivida por seus antepassados negros vindos da África e escravizados na época do Brasil-Colônia²⁴.

²⁴ Na obra **Reis Negros no Brasil Escravista**, a autora Marina de Mello e Souza afirma: “Essas cerimônias [eleições de reis negros no Brasil escravista] ricas em significados difíceis de serem desvendados, de uma complexidade que passou despercebida à maioria dos seus observadores e estudiosos resultam do encontro entre portugueses e africanos no contexto das relações escravistas.” (2002, p.95, colchetes nossos). A aceitação do catolicismo pelos negros não foi total e imediata, mas podemos dizer que houve uma fusão entre os rituais africanos e a religião católica. “O interessante é tentar entender como as diferenças tornaram-se similitudes, como a cruz se tornou um *nkisi*, os missionários católicos, *ngangas*, e D. João II, *Nzambi Mpungu*. Como do encontro das duas religiões, dos seus sacerdotes e seguidores, nasceu o que vem sendo chamado catolicismo africano, que aceita vários elementos do cristianismo e combina de forma dinâmica as diferentes cosmologias” (SOUZA, 2002, p.67).

A congada foi o modo culturalmente desenvolvido tanto para valorizar seus costumes e antepassados quanto para estabelecer uma espécie de conciliação com o novo grupo social que começava a se formar naquela época em nosso país.

Entendemos que por meio da transfiguração os participantes da congada constróem a massa coletiva e movimentam-se procurando mostrar não somente sua cultura, mas também sua devoção à Nossa Senhora do Rosário, pois acreditam que ela libertou os negros da escravidão.

Para compreender melhor o que denominamos transfiguração, faz-se necessário identificar como a festa está presente nas casas e nas ruas da cidade de Catalão. A construção da identidade deste povo está relacionada diretamente à sua realização.

O período anual de realização da festa na cidade constitui os melhores “momentos” de lazer, lucro, devoção e prazer. Seus moradores e transeuntes passeiam e/ou trabalham vendendo e/ou comprando mercadorias nas barracas, rezam o terço na igreja ou na praça, divertem-se e dançam nos ternos de congo pelas ruas.

Tudo isso misturando a cultura *da* rua com a cultura *na* rua, pois, segundo Brandão (1989), não é possível entender separadamente a cultura familiar da cultura social; uma é extensão da outra e vice-versa. O que em casa constituem regras de comportamento familiar podem ser extrapoladas no âmbito social, sem a preocupação de o sujeito ser aceito ou não pela sociedade na qual interage. A transgressão é possível, mas tem seu espaço e tempo determinados.

Podemos dizer, então, que os conteúdos culturais do lazer integram-se numa “massa aberta” e definem temporariamente as ações dos atores sociais envolvidos na cultura *na/da* rua. Eles invertem seus papéis, representando durante o dia vendedores e à noite compradores. Ou, pela manhã, organizadores da festa e, à noite, usufruidores dos espaços de diversão. Mas, durante o tempo necessário, são os dançadores e tocadores nos ternos que se apresentam devotamente à Nossa Senhora do Rosário.

Deste modo, a “massa aberta” é representada por estes atores sociais e espectadores formando um grande público. Nesta massa está presente o desejo de

libertação das distâncias e da hierarquia e seu crescimento é ilimitado (VIANNA, 1988). Na massa fechada, apesar da repetição de como ela se movimenta, sempre deseja tornar-se “massa aberta”. Na festa, a massa fechada está representada pelos dançadores e tocadores dos ternos ou devotos durante a procissão. Ao identificarmos a que grupo pertencem, logo percebemos que já estão atrelados a outro grupo social e, assim, buscam formas de satisfação neste espaço de lazer que é a própria festa e que não deixa de ser um “encontro familiar” da congada.

Canetti, citado por Vianna (1988), afirma que a massa sofre uma espécie de “descarga”, momento em que não há espaço entre as pessoas e que, ao ficarem tão perto uns dos outros, os corpos ficam também perto de si mesmos, formando uma “única criatura” (p.60). Esta descarga é acompanhada de um lado, segundo Canetti, por um “alívio impressionante”, pois as distâncias entre os outros e no seu interior foram abolidas, devido ao sentimento de pertencimento da massa. Talvez seja esta a sensação das pessoas que não possuem descendência negra, mas que participam dos ternos de congo com a mesma intensidade dos que trazem como herança familiar a participação nos congos em geral.

Por outro lado, a descarga possibilita a violência que visa a destruição das bases das hierarquias. Vianna (1988) defende a idéia de que a massa fechada possa ser domesticada, ou seja, contida através de determinados elementos como nos rituais de cultos religiosos. Ele afirma que a dança é o modo mais eficaz de domesticar a massa, pois forma “massas rítmicas”, possibilitando a uniformidade da mesma. “A repetição dos mesmos gestos cria a impressão de maior número de participantes” (p.61). Na congada de Catalão pudemos observar esta uniformidade quando da apresentação dos ternos, independentemente da quantidade de pessoas integrantes (50, 100, 150, 220...).

O que chamamos de encontro familiar da congada também pode ser considerado uma “[...] esfera mimética, *pois* constitui uma parte distinta e integral da ‘realidade’ social [...]” (ELIAS & DUNNING, 1992, p.116, grifo nosso). A atividade mimética reúne a maior parte das atividades de lazer e, portanto, dentre as atividades presentes na festa da congada, a dança dos ternos de congo constitui nosso principal enfoque devido ao desenvolvimento da transfiguração.

A capacidade de improvisação dos capitães de terno também é interpretada como transfiguração, pois eles precisam organizar as palavras numa lógica que possua significado para o momento em que estão dançando e fazendo a homenagem à alguém ou à própria santa. Os capitães transformam-se em repentistas, porém os movimentos ensaiados previamente, raras vezes são modificados.

A partir do conjunto muito simples de passos e movimentos rituais, alguns capitães podem improvisar. No entanto, isso não é comum e mesmo os ternos que modificam núcleos de coreografia, o fazem em momentos bem mais curtos do que aqueles em que dançantes e o terno dançam e evoluem sobre o tradicional (BRANDÃO, 1985, p.102).

Entendemos que a tradição da congada em relação a alguns movimentos rituais é mantida, mas ao mesmo tempo sofre influência do contexto vivido por seus integrantes. Um exemplo disso está presente na fala de um participante ativo da festa, que comentou que neste ano os ternos sofreram a influência do ritmo funk. Ao perceber tal influência, este participante afastou-se do ensaio do grupo, pois “[...] eles sabem que temos autonomia para vetar algumas coisas, liberar outras e eu não quis intimidar” (diário de campo, 10/10/2001). Posteriormente, identificamos a influência a que este participante²⁵ se referiu quando os ternos se apresentaram no domingo da festa.

Outro exemplo da modernização na congada refere-se à vestimenta. Notamos que vários dançadores utilizam óculos de sol durante todo o período de apresentação da congada. Alguns capitães não concordam com este ornamento, mas como a tendência é de cada vez mais jovens incorporarem-se aos ternos, a aceitação passa a ser mais tranquila.

Sob este aspecto da influência da atualidade na congada, vemos

A festa como evento cultural e social [que] mantém relações com o todo da vida social e pode inserir outras esferas de atuação humana que tanto podem inibir, como desenvolver a vivência festiva. Desse

²⁵ O sr. José, no ano de 2001, era “sub-general” e devido ao falecimento do General da Congada, em 2002, ele assumiu o posto. Porém, não obtivemos êxito ao procurá-lo para realizar a entrevista, apesar dos esforços de outras figuras representativas.

modo, a festa pode representar lazer, trabalho, obrigação social ou política. É necessário entender que estas áreas de atuação do homem na festa, apresentam-se relacionadas, podendo, assim, apresentarem-se associadas, diferenciadas, mas também antagônicas (QUEIRÓS, 2001, p.62).

A congada, portanto, ao permitir que pessoas da classe menos favorecida representem determinadas figuras como general, rei, rainha, entre outros, possibilita a representação de papéis considerados nobres para a sociedade e oculta o pertencimento a determinada classe social, resultando, portanto, numa integração social permitida e aceita pela classe privilegiada que detém o poder político e econômico daquela sociedade.

A dança dos ternos de congo é comandada por um capitão que movimenta seu bastão e os passos são simples, ensaiados e realizados coletivamente pelos dançadores. Geralmente, o capitão canta uma estrofe voltado para um lado dos dançadores e estes repetem o verso em seguida, enquanto o outro lado toca os instrumentos e vice-versa. Os ternos saem pelas ruas em forma de cortejo e param à porta de algumas casas para visitas. A disposição dos ternos somente é alterada quando cruzam a esquina de duas ruas fazendo evoluções e também quando ultrapassam a linha do trem, virando-se de costas para a mesma (BRANDÃO, 1985, p.100).

Entendemos que neste conjunto coreográfico a excitação individual está controlada em forma de passos básicos executados pelos dançadores. Porém, à medida em que o entusiasmo dos tocadores de caixa aumenta e o público presente cresce, a transfiguração, apesar de ainda controlada, evidencia-se com intensidade nos gestos bem demarcados e simétricos dos dançadores. Isto significa que a transfiguração individual é controlada socialmente não somente pelo capitão, mas pela própria integração do grupo que se harmoniza em busca do movimento simultâneo e da tradição dos passos, caracterizando neste momento uma transfiguração coletiva.

Podemos dizer que a cena coreográfica acima descrita representa o que Elias chamou de configuração, ou seja, uma “[...] teia de relações de indivíduos interdependentes que se encontram ligados entre si a vários níveis e de diversas

maneiras” (ELIAS & DUNNING, 1992, p.25). Portanto, não somente as esferas econômicas e políticas estão presentes, mas principalmente a esfera das relações sociais permeadas pelo poder, na festa representada pela figura do “capitão” que coordena os dançadores, pois integram uma teia maior, a própria realidade social.

Observamos também que a transfiguração individual e coletiva ocorre também na “massa aberta”, ou seja, no público em geral, que não somente aprecia os ternos mas é levado a extrapolar os limites de espectador, envolvendo-se e acompanhando o ritmo dos tocadores. Este tipo de transfiguração, permitida nas atividades miméticas, também é dominado pelo poder político e econômico que integram tais grupos sociais e, portanto, não escapam da imposição das regras sociais e morais impregnadas pela cultura local.

Em relação à devoção, visitamos o interior de uma sala da igreja, onde várias roupas características dos ternos de congo encontravam-se expostas na parede, junto com alguns objetos religiosos e outros objetos de cera. Tais objetos foram doados para pagamento de promessa feita à Nossa Senhora do Rosário, informação obtida com um casal²⁶ que trabalhava na confecção dos arranjos decorativos do interior da igreja.

Este mesmo casal foi fundamental para compreendermos outros aspectos da Festa de Nossa Senhora do Rosário: a possibilidade de entrevistar o padre sobre a festa - a mulher indicou um dos padres, dizendo “- é mais aberto com o povo, sabe conduzir as coisas [...]” enquanto o outro “- era difícil de conversar” (diário de campo, 08/10/2001). Além disso, “- ao terminar a oração, ele vira-se para a santa e oferece uma oração. O outro não faz isso” (diário de campo, 08/10/2001). Destacamos que, em determinado período da história da festa, o qual não podemos precisar, a igreja não concordava com a festa por ser uma festa de negros. Houve muita resistência por parte dos congadeiros para que esta festa continuasse com sua tradição - realizada em homenagem à Santa dos pretos, como os negros diziam - convencendo a igreja da importância da fé, independentemente da etnia.

Tentamos descobrir se havia significado para as cores utilizadas pelos ternos

²⁶ Utilizamos o termo casal para designar o homem e a mulher juntos, não significa necessariamente que são marido e mulher.

e se tinham uma representação. O casal informante respondeu que se tinha algum significado, eles o desconheciam. Ainda em relação aos ternos, procuramos saber o dia exato de suas apresentações. Foi quando a mulher respondeu que se quiséssemos “[...] filmar os congos bem limpinho, bonitinho, tem que ser domingo de manhã” (diário de campo, 08/10/2001).

O tema “limpeza” presente em sua resposta nos chamou a atenção. Será que era mais significativo filmar os congos com suas roupas limpas iniciando sua dança - caracterizando o respeito e uma certa hierarquia - ou registrá-los suados e exaustos de tanto dançarem para a santa - demonstrando o “sacrifício” e o esforço realizado em homenagem à santa? Alguns ternos chegam a deitar no asfalto durante a apresentação de determinado momento da coreografia, como parte da tradição. No entanto, não deixam de perder o entusiasmo quando sujam seus uniformes e continuam a dança.

Ao nosso ver, a mensagem que a mulher deseja transmitir é que há uma preocupação muito grande com a aparência e a ordem que está presente tanto no dançar dos congos, como na organização da festa em geral. A limpeza talvez represente a pureza, o livramento do pecado, a disciplina para adorar a santa e uma organização social do negro que vem sendo garantida na tradição da festa, mesmo que em outros espaços sociais e momentos do ano não ocorra tal preocupação.

Esta organização também reflete-se nas relações construídas dentro dos ternos de congo, onde há uma hierarquia respeitada e conquistada ao longo dos anos. Neste sentido, o candidato a compor o terno - e possivelmente conquistar um posto - é avaliado segundo sua conduta social, suas qualidades como “brincador”, devoto e como “figurante ritual do terno” (BRANDÃO, 1985, p.34).

Para ascender dentro do terno buscando um posto, Brandão (1985) afirma que

[...] a ordem de acesso aos postos acima depende mais das habilidades do ‘brincador’ com as caixas, passos e tambores, ao nível dos escalões inferiores (soldado, guia, caixeiro). Na passagem de soldado a suplente e de suplente a capitão, ela depende mais do consenso de capacidade que o dançante tenha para exercer a liderança do grupo (presença e liderança), associada a um mínimo de criatividade, nos estreitos limites de invenção do ritual: ‘ter repertório’,

saber improvisar cantos dentro do ritmo ou saber várias músicas, saber comandar com o bastão e o apito, etc (p.34-35).

Retomando nossa cena, perguntamos ao casal que trabalhava na sala no interior da igreja, se havia uma organização interna na festa que se preocupava com os “barraqueiros”, ou se estes chegavam e somente acordavam com os moradores sobre o uso temporário da frente de suas casas. A mulher respondeu que neste ano o “movimento das barracas chegou bem mais cedo. Antes de começar a festa já tinha barraca” (diário de campo, 08/10/2001). Disse também que o comerciante que possui loja no espaço da festa, paga aluguel para a prefeitura, se ele não o utilizar, a prefeitura devolve o pagamento efetuado.

Segundo a informante, este é o primeiro ano em que parte do valor cobrado como aluguel das barracas é cedido à Irmandade. Geralmente, esta arrecadação é destinada à segurança policial, à construção do “ranchão”, aos banheiros públicos, à limpeza.

Destacamos que nosso interesse não está centrado na questão econômica da festa. Porém, é um elemento importante para analisarmos de que modo as relações sociais vão sendo construídas a partir do poder econômico daqueles que são escolhidos como festeiros ou como integrantes de determinados grupos responsáveis pela arrecadação de recursos financeiros para a realização da festa.

Sob este aspecto, os festeiros²⁷ de 2001 informaram que sempre há um gasto pessoal – como o consumo de energia da própria casa para a comissão confeccionar os enfeites -, mas que não pode ser computado, pois

se a gente for repassar tudo, fica até sem graça. Os festeiros entram com as despesas e a comissão com o trabalho. Mas, é gratificante, posso garantir que é gratificante, muito bom. (entrevista, 18/12/2002)

Talvez afirmem que é gratificante pelo fato de serem reconhecidos socialmente e também por poderem usufruir da posição de festeiros, pois acabam se

²⁷ O festeiro e a festeira são as pessoas escolhidas por meio de votação na Irmandade para serem responsáveis pela direção e organização da festa. Durante a congada eles carregam uma coroa de ouro que durante o ano fica guardada no banco, somente saindo de lá no dia oficial da apresentação da congada para ser entregue aos festeiros do ano seguinte.

tornando referência para os demais que aceitam ser festeiros. Além disso, todo o trabalho desenvolvido durante o ano inteiro parece ser recompensado por meio da homenagem e da devoção à Nossa Senhora do Rosário.

CAPÍTULO III

ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA REDE DE RELAÇÕES SOCIAIS: A CONGADA E A FORMAÇÃO DA CULTURA LOCAL

Como apresentamos anteriormente, a congada possui figuras representativas: o Presidente da Irmandade, o Rei, a Rainha, o Príncipe e a Princesa, o General, os Capitães de Terno, o Padre, os Dançadores, as Bandeirinhas. Tais figuras possuem papéis específicos durante os vários momentos da congada, porque organizam e coordenam as comissões de trabalho para que a festa da congada aconteça (Presidente da Irmandade e festeiros); representam o Reinado (o Rei, a Rainha, o Príncipe e a Princesa), cuja origem vem dos Reis de Congo, país da África; realiza a celebração religiosa (o Padre); assumem função de ordem e comando de todos os ternos (General) ou somente de um terno de congo (Capitão); tocam e dançam para promover o ritmo da congada (Dançadores); carregam bandeiras do terno ou a bandeira de Nossa Senhora do Rosário (Bandeirinhas).

Realizamos entrevistas com cada figura representativa²⁸ com vistas a revelar suas características e funções específicas, cujos dados serão apresentados em tabelas (anexo 2) e discutidas para que possamos compreender a rede de relações sociais que vai se formando e se sustentando a partir do significado social da festa da congada.

Iniciamos a análise dos dados com a primeira questão - O que representa o Reinado na Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário -, aos seguintes entrevistados: Presidente da Irmandade, Rei, Rainha, Festeiro, Festeira, Capitão de Terno, Dançador e Bandeirinha. O objetivo desta questão²⁹ é verificar se há consenso entre os entrevistados quanto a origem e representação do Reinado na congada. O que observamos durante a apresentação é que tais figuras têm participação figurativa e que não dançam para louvar a santa, apenas a acompanham.

Segundo os entrevistados, o Reinado (Rei, Rainha, Príncipe, Princesa e Guarda-coroa) representam a hierarquia da congada, com poder de decisão junto à Irmandade e o cargo de Rei e Rainha são perpétuos, enquanto os de Príncipe, Princesa e Guarda-coroa são escolhidos pelos reis.

²⁸ Exceto o general, que veio a falecer em meados de 2002, e com o Príncipe e a Princesa, pois a cada ano novas pessoas são escolhidas pelos Reis.

²⁹ Ver dados na tabela 1, anexo 2.

O Reinado posiciona-se atrás da coroa³⁰ de ouro, que é carregada pela festeira, durante o cortejo. Ele representa a tradição da festa e constitui a maior autoridade dentro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. O Reinado tem como funções guardar a coroa e orientar os ternos na apresentação do dia oficial da festa, ou seja, segundo Domingo de outubro.



Figura 1: O Rei, a Rainha, A Princesa e o Sub-General da congada de Catalão (GO).

Identificamos que a coroa representa o maior símbolo na congada e, no entanto, nem o Reinado, nem outra pessoa que tenha qualquer tipo de *status* social pode conduzi-la na cabeça. Ela é do Reinado, da Irmandade, dos dançadores, enfim, a coroa é de todos, é do povo. E tem que ser respeitada. Ela representa o elo social entre todas as classes e, portanto, possui valor simbólico muito grande. É para protegê-la - “guardá-la”, como diz a Rainha -, que os ternos de congo se apresentam e procuram “apresentar [dançar] melhor que o outro” (Dançador, em 19/12/2002).

³⁰ As coroas que o rei e a rainha utilizam são confeccionadas de papel e/ou papelão coloridos. A coroa a que a rainha se refere é utilizada somente como ato simbólico para coroar os festeiros do próximo ano. Ninguém carrega esta coroa na cabeça durante o cortejo da congada; ela vai sobre uma almofada sendo conduzida pela festeira ao lado do festeiro e com o Reinado às suas costas.

Para a bandeirinha perguntamos especificamente, o que representa a bandeira do terno de congo. Segundo ela,

A bandeira representa a Nossa Senhora viva dentro de nós dançadores, porque nós não temos nada dela, que confirma que foi ela mesma. Então, pra ter mais devoção, gente fez a bandeira pra demonstrar, nas ruas de Catalão, a nossa devoção à Nossa Senhora do Rosário (entrevista em 19/12/2002).

A entrevistada também afirma que “[...] a principal coisa da festa, está dentro da igreja, não fora. [...] A imagem de Nossa Senhora do Rosário” (19/12/2002). Interessante destacar que para esta garota de 16 anos, o que tem maior representação na congada é a própria imagem da santa e não um ornamento valioso como a coroa. Os mais velhos dizem que a coroa é mais importante porque ela é oferecida à santa. No entanto, talvez a juventude representada pela bandeirinha possua uma visão mais coerente com o significado da festa.

Então, o que representa a coroa? Na época da escravidão os negros eram forçados a trabalhar nas lavouras e na mineração, em busca de riqueza para seus senhores de engenho. Os escravos não recebiam dinheiro pelo trabalho e não se sabe de que modo a coroa foi feita, por quem e porque ela está com os negros e sua santa.

A transformação do objeto do desejo (riqueza mineral) num objeto simbólico para os negros é significativa, pois, ao nosso ver, representa a conquista de seu espaço na sociedade, mesmo que continue sendo como trabalhador comum e sem muita qualificação (a maioria das pessoas contactadas tem origem humilde, pouca escolaridade, vivem na pobreza e tem profissões como pedreiro, mestre de obra, entre outras). O fato de os brancos continuarem oferecendo o café da manhã e almoços aos congadeiros representa um momento de agradecimento e reconhecimento social ao trabalho dos negros (segundo os próprios negros). Porém, neste momento paradoxal o branco está em evidência, pois continua mostrando quem dá a direção à sociedade. É quem tem poder econômico, político e social.

Sobre a coroa, podemos dizer que ela possui um significado público, ela faz parte da cultura (GEERTZ, 1989). Pode não haver consenso do que é mais

importante, se é a imagem da santa ou é a coroa, mas há consenso quando identificamos ambas como elementos formadores da cultura local. Ainda sobre a imagem da santa e a coroa observamos que estão carregadas de simbolismo para os congadeiros, pois ambas atendem à necessidade de gratidão dos negros pela libertação da escravidão³¹.

Em relação à tradição (Festeiro, 19/12/2002), não conseguimos aprofundar nossa abordagem com o entrevistado. Mas entendemos que, ao responder sobre a tradição, o entrevistado referiu-se à parte religiosa da festa e não à parte profana que tem tido maior participação da população em geral.

Os dados apresentados a seguir referem-se ao papel que os entrevistados³² desempenham durante a festa, pois a partir de ações comuns e específicas de cada um, se vai obtendo a rede de relações sociais.

As funções exercidas pelo Presidente da Irmandade, pelo Rei, pela Rainha e pelos Festeiros parecem fundir-se na organização da festa da congada. No que se refere à organização e à direção da festa, todos têm o mesmo poder de decisão - exceto os Festeiros -, o que não compete, por exemplo, aos dançadores e banderinhas. Isto significa que a administração da ordem e do conflito (DAMATTA, 1997a) é de responsabilidade coletiva e direta da hierarquia criada pela congada. Tais decisões atingem diretamente o desenvolvimento de toda a festa da congada constituindo um sistema social e hierárquico (Reinado).

Em relação à função específica do Presidente da Irmandade, ele afirma que faz

Tudo. A presidência da Irmandade aqui em Catalão ela é soberana. [...] Então, a Diretoria da Irmandade em si, ela é soberana ela é que escolhe o festeiro, ela que dá as diretrizes de procissão, ela que dá os destinos de cortejo. Ela que organiza todas as responsabilidades de Nossa Senhora do Rosário, tudo é em cima da diretoria. [...] eu não sendo da Presidência da diretoria eu não tenho o direito de falar porque no Estatuto reza que só o presidente pode falar em público. Com a permissão eu posso falar hoje [...] Eu busquei muitas coisas para que eu chegasse na presidência, justamente para isso, pra quando precisasse, eu estar à disposição. (entrevista em 20/12/2002).

³¹ Brandão (1985) aprofunda esta questão na obra **A Festa do Santo de Preto**, 1985.

³² Ver tabela 2, anexo 2.

Entendemos que a responsabilidade do Presidente da Irmandade é significativa para que a festa tenha êxito, pois ele escolhe – junto à Diretoria – o festeiro e a festeira que serão responsáveis por sua organização. O entrevistado também comenta sobre o poder que tem de dizer ou não algo relativo à congada. Pelo fato de ele já ter sido Presidente da Irmandade, supõe-se que possa dar informações sobre a congada, desde que a Diretoria permita.

Quanto aos Festeiros, são pessoas da sociedade indicadas e aprovadas pela Irmandade para organizar efetivamente o desenvolvimento do evento. Eles são responsáveis por arrecadar doações durante todo o ano para serem revertidas para a festa, assim como convidar pessoas que tenham uma certa inserção social para trabalhar em comissões específicas (ornamentação, alimentação, entre outras). O casal festeiro – que não necessariamente precisa ser casado – é responsável pelos recursos financeiros e pela prestação de contas à Irmandade referente ao ano em que trabalharam.

Informalmente, o padre afirmou que a Irmandade deveria acompanhar todos os trabalhos desenvolvidos pelos festeiros para que a entidade pudesse ter maior controle visando lucro e adquirir independência econômica para assegurar o controle da festa como um todo.

Em relação à função do padre, cabe a ele organizar a parte religiosa no que se refere à programação e à pregação, assim como ele pretende, no futuro, obter espaço na Irmandade para a evangelização. Isto seria necessário, pois evitaria que as pessoas procurassem mais freqüentemente a Igreja somente no período da festa da congada.

Para a função de Capitão de Terno, o entrevistado afirma que é para manter a humildade entre todos os dançadores, orientando da melhor maneira possível para que não pensem que a festa é somente para dançar. Segundo ele,

dançadores que não participarem da parte religiosa da festa, é como se ele não tivesse dançado. Porque pular, essas coisas, qualquer pessoa pode. Então, a parte mais importante que o capitão tem que passar para todos os dançadores, é que eles fiquem conscientes do que que é a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. (entrevista em 19/12/2002).

O dançador não deixa claro qual é o seu papel durante a congada. Pelo que constatamos, os dançadores são a parte “grossa” da congada, pois são um número muito maior que os demais e eles é que apresentam os movimentos indicados pelo Capitão do Terno que compõem.



Figura 2: Um Dançador toca caixa durante a congada em Catalão (GO).

O dançador entrevistado critica o aumento da participação da Igreja e a inovação que ela tem feito, por exemplo, ao colocar pessoas para cantar no palco antes da missa.

Ele afirma que

o auge maior, que eu acho que é os dançadores, eles é que se mostram. Então, é aonde que eles perde porque os dançadores não ficam. Eles põem muita gente lá [no cortejo], um pra tocar violão, outros pra fazer isso, pra fazer aquilo, e a missa só vai aumentando. E não é isso. Eles têm que procurar, não fazer a missa mais rápido, mas fazer de conforme que os dançadores assistam (entrevista em 18/12/2002).

A bandeirinha tem como função carregar a bandeira, seja do terno de congo ou de Nossa Senhora do Rosário. A entrevistada faz parte do Terno do Prego que possui aproximadamente 150 pessoas e se apresenta carregando a bandeira da santa. Além disso, ela afirma que no seu terno as bandeirinhas não dançam porque “[...] acho que não é coisa assim certa, dançar balançando a bandeira de Nossa Senhora do Rosário” porque o Terno do Prego é um terno “[...] que segue as regras do jeito que as regras são feitas”. (entrevista em 19/12/2002).

A entrevistada nos chama a atenção quando comenta a participação das mulheres na congada:

não é porque nós somos mulheres, que somos enjeitadas. Porque tem muitas meninas que pensam assim: ah, eu vou dançar congo pra fazer graça, pra sair [me] mostrando. Não, a gente dança congo porque tem muita fé (entrevista em 19/12/2002).

Entendemos que a sociedade catalana, muitas vezes, não valoriza a mulher. A participação das mulheres como meros ornamentos e com uma função única de carregar bandeira pode servir de exemplo do que afirmamos.

A exigência da virgindade para ser bandeirinha também demonstra um lado machista da sociedade. Quando a menina deixa de ser virgem não pode mais ser bandeirinha porque - segundo sua crença - a Nossa Senhora é virgem.

A virgem Nossa Senhora. Então, é eu acho que existe umas que não seguem, a gente sabe, mas a gente não pode falar, né. Porque, quem somos nós pra julgar as pessoas. [...] De outros ternos porque lá no nosso, elas têm medo. É porque, por ser um terno assim, muito sério. E o nosso terno é muito sério. A gente faz isso pra Deus e pra Nossa Senhora. Não pros outros. Então, a hora que vai ver assim, que já estão chegando uma certa idade, elas vão parando. Elas não ficam não (entrevistada em 19/12/2002).

Como vimos anteriormente, a obrigatoriedade da virgindade para as bandeirinhas está enraizada no catolicismo, porém, a entrevistada admite que há uma certa cumplicidade por parte da sociedade, em fazer “vista grossa” quando ocorre o rompimento da regra da virgindade.

Em relação ao cortejo realizado nas ruas da cidade, observamos que constitui o auge da congada, pois nele todas as figuras estão representadas cumprindo o papel que lhes compete. Além disso, o público em geral tem grande expectativa para este momento, pois o colorido das vestes, o movimento ritmado dos participantes e desenvolvido subjetivamente, a devoção demonstrada nos olhares e a alegria que envolve o público possibilita a transfiguração. Este transformar-se constante envolve história, devoção e dança na teia da cultura catalana.



Figura 3: Terno de Congo se apresentando no interior da Casa do Folclore e do Trabalhador.

Entendemos ser necessário apresentar os espaços freqüentados pelos atores sociais da congada³³ para que possamos estabelecer elos de ligação e demonstrar

³³ Ver tabela 3, anexo 2.

de que modo as relações sociais construídas são eficientes e suficientes para caracterizar a congada do povo catalano.

O cortejo é composto por todo o Reinado (Rei, Rainha, Príncipe, Princesa, Guarda-coroa), General, Capitães de Terno, Dançadores e Bandeirinhas. Portanto, o Presidente da Irmandade, o Padre e os Festeiros não fazem parte da representação do cortejo, mas podem se misturar junto ao público para prestigiar a congada.

Identificamos que no local onde a religião é privilegiada - como a igreja e a praça onde ocorrem as missas e, onde o mastro da bandeira de Nossa Senhora do Rosário é erguido durante a celebração -, houve participação de todos os componentes entrevistados, exceto a Rainha que, devido a idade (79 anos), justifica:

[...] o louvor na procissão que eu não dou conta de acompanhar. Na entrega da coroa, acompanho um pouco, tenho que entrar no carro. Depois, na hora de chegar, tenho que sair, está muito feio, está muito ruim, já. Ninguém reclama, ninguém nunca reclama, eu nunca soube. Mas eu mesmo sei, eu sei a regra disso tudo. (entrevista em 20/12/2002).

Outro espaço bastante freqüentado pelos entrevistados é a Casa do Folclore e do Trabalhador onde, além das chamadas ceias (jantares) promovidas por várias instituições³⁴, é servido o café da manhã aos Ternos de Congo no segundo domingo de outubro. Este momento é bastante significativo para os congadeiros, pois eles acreditam que o café da manhã ofertado pelos brancos representa uma certa homenagem a eles, pois durante todo o ano os negros são funcionários dos brancos ou trabalhadores comuns que atendem a sociedade.

Olha, essa congada representa muita coisa. Porque tem muita gente aí, que é rico e ajuda né, ele dá força, porque os menos favorecidos, é só mesmo, agora valorizou, porque eles ajudam, eles dão roupa, de governo pra cá, eles têm ajudado muito, advogado... (Rainha, entrevista em 20/12/2002).

A Igreja talvez seja o principal *locus* de representação da congada, pois em seu interior a imagem da santa fica exposta aos fiéis; ao seu redor, as barracas de

³⁴ Ver programação das atividades da 125ª Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário no anexo I.

comércio funcionam diariamente durante o período da festa; à sua frente, na praça, ocorrem a apresentação dos ternos de congo (a congada), o levantamento do mastro da bandeira de Nossa Senhora do Rosário, o início e o término da procissão, a realização das missas durante a festa. Há também nesta praça uma estrutura de madeira em forma de barracão, chamada ranchão, onde leilões são realizados e músicas, ao vivo e eletrônica, são tocadas e dançadas.

Podemos dizer que este *locus* passa, fisicamente, pela transfiguração, pois somente na época da congada é que o ranchão e as barracas nas ruas são montados e ficam expostos até uma semana após o término da festa.

A fala do dançador nos chamou a atenção, pois as visitas realizadas - sejam elas solicitadas ou oferecidas pelos ternos de congo -, constituem um elo dentro do sistema de trocas simbólicas que permite a ligação entre o sagrado e o profano. Pois, é bastante comum em nossa sociedade as pessoas rezarem para pedir a cura dos doentes ou de si mesmos quando enfermos, em casa ou na rua/no hospital (DAMATTA, 1997a).

O modo como cada ator social assumiu um papel na congada é importante para que se conheça a história de vida de cada um³⁵. Além disso, se faz necessário compreender os significados e interesses de cada sujeito envolvido em relação à sua entrada e permanência na congada para que possamos identificar os fios que tecem e sustentam a rede de relações sociais.

Os atores sociais estão presentes na congada (exceto o padre e os festeiros), no mínimo há 16 anos, conforme a caçula entrevistada, a Bandeirinha. A maioria deles nasceu em famílias que já pertenciam à congada (é o caso do Rei, da Rainha, do Capitão de Terno, do Dançador e da Bandeirinha), portanto estão impregnados da devoção, da dança e do ritmo da própria cultura congadeira.

Estas pessoas não possuem grau de escolaridade elevado, haja vista que a maioria trabalha na construção civil como pedreiro e mestre de obra ou é dona de casa. A linguagem é bastante simples, muitas vezes com erros de plural e de concordância verbal. Porém, o que nos chama a atenção é que a religiosidade

³⁵ Ver tabela 4, anexo 2.

constitui o principal interesse em pertencer à congada e não somente a dança ou o *status* social que a participação nos ternos de congo promove.

A religiosidade representa um modo de pensar de determinado grupo social que se autodenomina Irmandade. Os espaços pertencentes a ela para celebrações não são freqüentados durante o ano todo conforme reclama o Capitão de Terno: “Porque a gente sabe que tem dançadores aí, que entra na igreja, às vezes, só de ano em ano quando realiza esta festa, porque acha que aquilo é uma obrigação” (entrevista em 20/12/2002).

Este grupo busca a união não somente pela fé, mas para evitar o conflito e viver em harmonia. Eles acreditam, além de no poder da santa, que a religião propicie uma união entre os “irmãos”, como se referem aos filiados da Irmandade.

O Rei confirma isto dizendo que a parte religiosa

[...] é uma união, uma bênção que nós recebemos, ter fé. Nós reunimos com todos os ternos, dançar, para poder não ter conflito, não ter problema nenhum (entrevista em 12/01/2003).

Os congadeiros entrevistados procuram deixar evidente a importância da união e do respeito entre eles. Isto pode representar a intenção de fortalecer a Irmandade para que tenham não somente maior inserção social, mas também recuperar os espaços que lhes foram negados durante o período da escravidão.

Desta forma, analisamos que o elemento “união” se transfigura, de certo modo, em controle social no âmbito da Irmandade para que se assegure a tradição da congada.

Entendemos que o tempo de permanência nos cargos ocupados pelos envolvidos na congada contribui para a consolidação da tradição. O Rei, a Rainha, o General e o Capitão de Terno possuem cargo perpétuo; a Bandeirinha possui cargo temporário vinculado à questão da virgindade; o Dançador participa em qualquer momento, sem necessariamente assumir compromisso por um determinado tempo para dançar nos ternos de congo; o Presidente da Irmandade ocupa o cargo por biênio através de eleição; os Festeiros assumem somente por um ano para organizarem a festa e, por fim, o Padre, que dá a direção da parte religiosa durante o tempo de permanência na paróquia que coordena.

Para compreender de que modo a dança e a música presentes integram a congada buscando uma unidade na transfiguração, procuramos investigar os movimentos apresentados na congada que são ensaiados e transmitidos a cada ano aos Dançadores e Bandeirinhas.

Esta unidade na transfiguração é visualizada durante toda a apresentação dos ternos de congo na praça em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Os dezesseis ternos³⁶ que se apresentaram no ano de 2001 foram os responsáveis pela beleza e harmonia das cores vibrando em louvor à Nossa Senhora do Rosário.

Os movimentos apresentados são ensaiados a cada ano e, aos novos ingressantes no terno Catupé Cacunda, o Capitão de Terno procura garantir a tranquilidade durante o aprendizado, conforme abaixo:

Olha, esses aqui estão começando esse ano e aqueles que de vocês assim, aqueles que puderem ajudar tudo bem. Agora, aqueles que não puderem ajudar, que não dê risada, não faça gozação para deixar o espaço para outros que tenham boa vontade, venham ajudar a gente a ensinar a pessoa a dançar (entrevista em 20/12/2002).

Há uma certa contradição entre o Capitão de Terno e o Dançador, pois o último afirma que os movimentos são inventados no momento, enquanto o Capitão de Terno afirma que ocorrem durante os ensaios³⁷. Talvez esta contradição se deva ao fato de que ambos fazem parte de ternos de congo distintos.

A transfiguração do Dançador pode ser compreendida através da sensação expressa ao dançar no Terno de Congo do Prego:

Olha, você pode estar cansado o que for. Você pode dançar o dia inteirinho debaixo do solão quente. A hora que você vê aquela multidão e que está abrindo para você passar, e está aplaudindo você, adeus cansaço. O braço está doendo, deu íngua debaixo do braço, sumiu. Ai, é aonde você bate caixa [instrumento] mais ainda. Você quer mostrar que o seu terno é melhor, talvez melhor que o outro. Fala oh, o terno do fulano está vindo aí atrás. Então, vamos

³⁶ Ternos: Congo Congregação do Rosário; Congo do Prego; Congo Nossa Senhora de Fátima; Congo Santa Terezinha; Moçambique Mãe do Rosário; Congo Sagrada Família; Marinheiro; Catupé Cacunda São Benedito; Marujeiro; Catupé Cacunda Nossa Senhora das Mercedes; Congo São Francisco; Catupé Cacunda do Rosário; Vilão Santa Efigênia; Moçambique Meletinha; Congo Pio Gomes; Congo de Goiânia. Ver anexo 3.

³⁷ Ver tabela 5, anexo 2.

apresentar melhor. Vamos fazer nossa apresentação, talvez o que eles estão vindo aí fazer. Então talvez a gente faz igual, então, perde o sentido. Hora que você chega ali, você pode estar cansado o que for. O cansaço sumiu. Então tem que ter público. E tem, aqui em Catalão tem o pessoal que fala: ah, não, nós estamos esperando o terno de fulano. Oh, nós estamos esperando o terno do sicrano. Tem é, tipo jogo de futebol. Cada um tem o seu time. Aqui em Catalão tem isso (entrevista em 19/12/2002).

A aparente rivalidade entre os ternos está sob controle dos Capitães de Terno que pertencem à Irmandade que, por sua vez, procura manter a união entre todos. Este paradoxo pode significar que na casa (Irmandade) as regras têm que ser seguidas, enquanto na rua (na apresentação do terno) podem ser transgredidas. (DAMATTA, 1997a).

A devoção na Igreja (controle das regras na casa) e a dança no Terno de Congo (transfiguração na rua) são partes do mesmo elo que está sustentado pelas relações sociais e pela religiosidade, formando a corrente da congada.

Em relação ao movimento corporal o Presidente da Irmandade afirma que as crianças já nascem sabendo dançar o congo. Para ele, esta é a forma pela qual a tradição é passada para as próximas gerações, por meio do corpo.

Então, geralmente, os filhos dos dançadores já entram ali dentro já sabendo dançar, já vem de sangue. Então, ele vê o pai ali dançando, então, ele já entra sabendo dançar; você vê uma criança hoje de dois anos de idade; você vê elas vestidas, você fala, é... não tem condição. Então é uma geração, principalmente em Catalão, que já nasce sabendo dançar congo. Pode ter certeza que sim (entrevista em 20/12/2002).

Neste sentido, o discurso do Presidente da Irmandade aproxima-se da idéia de que existe um modo de cada sujeito servir-se de seu corpo (MAUSS, 1974). Ou seja, a família congadeira mantém a tradição da dança através do modo como valorizam a congada na cidade. E à medida em que isto ocorre, simultaneamente a cultura é atualizada no âmbito social.

As técnicas corporais transmitidas no cotidiano e, principalmente, no contexto da congada, refletem a história do negro vivida no Brasil. O trabalho escravo, a luta pela liberdade, o agradecimento à santa, a necessidade de saudar os “irmãos”, tudo

se mescla no interior do sistema de trocas simbólicas. E, a cada nova história de vida, de união e de fé, os congadeiros seguem seus ideais para que a própria cultura permaneça presente não somente em suas lembranças, mas também em seus corpos ritmados.

No contraste colorido entre o tom leve do arco-íris da natureza e o tom forte do arco-íris humano sobressai a congada que insiste em manter a tradição da cultura local através da religiosidade, da dança, do ritmo e das técnicas corporais. E nas técnicas corporais encontram-se - no corpo que dança, pula, canta e interage - o religioso e o profano formando um misto de fé e liberdade para a construção da identidade cultural em Catalão.

Quanto aos movimentos básicos dos ternos de congo, identificamos uma contradição entre o Rei, o Capitão de Terno e o dançador:

[...] tem o terno do Vilão, todo ano dançam da mesma maneira, mesmo uniforme, mesma vara, eles têm uma faca de madeira pra fazer a apresentação, pra dançar (Rei, em 12/01/2003).

Tem, tem os movimentos que [...] a gente deita no chão, tem uns movimentos básicos, tem uns baião, que é um tipo de dança que a gente dança. Então, tem umas coisas que é mais básicas que a gente prepara, mais é na entrega da coroa que a gente cansa um pouco mais, então, não dá pra gente dançar os dois dias, naquele ritmo, né. Então, a gente prepara uma hora assim mais especial pra gente, inclusive a hora especial é a hora da entrega da coroa. [...] Esse baião é assim, é uma dança típica, assim o batido é mais ou menos igual o violão, é uma marcha assim mais puxada, uma dança mais acelerada a partir do momento em que a gente começa a marcar o capitão [...] É perna pra frente, perna pra trás [...] É dois passos por um lado dois passos pro outro e um passo no meio (Capitão de Terno, em 20/12/2002).

Não, não tem um movimento básico. É o que vier, porque cada Capitão tem um ritmo diferente. Cada Capitão chega, tem um jeito de marcar diferente, de apitar diferente. Então você tem que acompanhar o que eles mandam (Dançador, em 19/12/2002).

Em nossa observação, percebemos que há um movimento básico para cada terno, mas também há pequenas inovações que são frutos da interação no meio social. Um exemplo disto é o fato do ritmo funk ter influenciado as batidas de caixa de um determinado terno, como anteriormente comentamos.

Quanto às músicas, tanto o Dançador quanto o Presidente da Irmandade entrevistados afirmam que as letras são inventadas repentinamente e que o Capitão de Terno tem que ser artista e ter criatividade.

Como é feita as danças, né? As danças são inventadas, é de momento. É igual o cântico. É o que vier na mente. A pessoa inventa um cântico e ali ele escolhe o ritmo. Tem o rojão, a marcha. Aí ele escolhe qual o ritmo que ele vai querer bater a música escolhida por ele (Dançador, 10/01/2003, 2ª entrevista).

Nós cantamos pro capitão de outro terno, vamos supor, só que quando a gente vai cantar pro capitão de outro terno, a gente põe o terno dele. Vamos supor, a gente fala o nome do capitão e dentro dessa música, tem que arranjar um espaço pra colocar o nome do terno dele. Você tem que arrumar os dois espaços. Aí você canta. [...] Não só pra prefeito, vereador, não. Mas até pra um dançador mesmo. Se um dançador vier ver nosso ensaio aqui, a gente canta pra ele. A gente põe o terno pra cantar pra ele, porque ele é irmão da gente. Ele canta, ele dança, pela mesma fé também. Ele tem a mesma fé que a gente tem. Então, não tem diferença. Nós somos mais de mil. Esses mil, todos são iguais. [...] Não, juntando todos, você tem mais de mil. [...] 130 pessoas [fazem parte do terno dele] (Dançador, 19/12/2003, 1ª entrevista)

As músicas eu sempre comento. Os capitães eles têm que ser uns artistas certo, o repentista de primeiro as músicas africanas vieram e foram seguras pelos capitães aqui, mas, à medida que vai passando o tempo que foi passando o tempo então, eles criam também, investem porque a gente - eles vem aqui em casa eles vão cantar pra mim. Então eles já tiram, deixam aquela origem da África e vai cantar aquelas músicas diferentes - "como é que é seu nome? É fulano." Eles vão fazer uma música daquilo ali. Então, são músicas traduzidas da África e são músicas criada aqui no próprio país nosso, o Brasil com as origens nossa aqui também, você entendeu, então são criadas na hora. [...] Eu vou citar um trecho pra você ver a diferença tem um trecho que fala assim: *Eu sou um Africano - Eu vim para o Brasil - contra a vontade -trabalhar na Escravidão - de dia e de noite - sem poder ter Liberdade*. Quer dizer, é pra você ver é uma origem Africana e um africano fez até dolorosa [?], e até hoje cantar nós cantamos. Então, são coisas que lhe mostram e você está tipo de um rojão aqui, é criada aqui, ele fala assim: *meu batalhão é desaforado - levanta a poeira do chão molhado*. Quer dizer, são coisas nossa são coisas que nós cativamos, nós cantamos nossa, também, *em nome do pai do filho e do Espírito Santo - a Senhora do Rosário que nos cubra com seu manto*, quer dizer que são coisas que já foram criadas aqui isso tudo é cantado um canta de um lado o outro responde. Então são coisas ligadas uma tem que rimar com outra certo? Não adianta eu cantar, não adianta eu tirar, então no final duma tem que

rimar com a outra que senão não dá certo (Presidente da Irmandade, entrevista em 20/12/2002).

Podemos dizer que a história vivida por seus antepassados ainda ressoa no ritmo e nas letras das músicas criadas pelos congadeiros, pois o discurso da sabedoria encontra caminhos para se expandir na sociedade criando e renovando seus valores.

As cores da vestimenta³⁸ (ou farda) dos ternos de congo são bastante diversificadas e, talvez, possam ter algum significado específico, pois não é permitido que haja repetição na combinação das mesmas.

A vestimenta dos ternos, em sua maioria, é composta por camisa, calça e uma faixa na cintura³⁹ para os homens e camisa e saia para as bandeirinhas, além de uma boina ou uma espécie de capacete na cabeça. O Capitão de Terno possui uma farda diferente da dos dançadores para que possa ser melhor visualizado ao comandar seu terno.

Dentre os oito entrevistados sobre o significado das cores da vestimenta (ou farda) dos ternos de congo, três pessoas disseram não ter significado (Presidente da Irmandade, Capitão de Terno e Dançador); um indivíduo (Padre) não soube explicar; três pessoas (Rei, Rainha, Capitão de Terno) disseram que é para diferenciar um do outro; uma pessoa disse que a cor de seu terno foi definida em função das cores do manto de Nossa Senhora⁴⁰ (Bandeirinha). Apenas os Festeiros disseram que faz parte da tradição que veio da África.

O Presidente da Irmandade afirma que a escolha da cor do terno cabe ao Capitão que deverá apresentar à Diretoria da Irmandade para ser aprovado. A Rainha chama a atenção para que as cores da vestimenta (“enxoval”, como ela define) não coincidam, porque os congadeiros não gostam.

O Capitão de Terno faz uma revelação importante, dizendo que se houver

³⁸ Ver tabela 6, anexo 2.

³⁹ O terno de congo do Capitão de Terno entrevistado apresenta-se com uma saia de franjas coloridas na cintura.

⁴⁰ O Capitão de Terno afirmou que parte da vestimenta do seu terno tem relação com as cores do manto de Nossa Senhora, pois a camisa é branca.

cores iguais nos ternos, não será possível identificar - caso alguém tome alguma atitude que contrarie o Estatuto da Irmandade - a que terno a pessoa pertence. Isto significa que, mesmo na rua - espaço da possibilidade da transfiguração - os dançadores estão sujeitos às normas da Irmandade por meio do controle do Capitão de Terno e, deste ponto de vista, não poderiam quebrar as regras.

Observamos que o conjunto de ternos de congo, ao se reunirem numa das principais avenidas da cidade de Catalão para iniciarem sua apresentação oficial, simboliza um arco-íris humano (formando a trama do tecido da rede de relações sociais) que emerge não do céu, mas da terra. Há uma efervescência (VIANNA, 1988) onde não é possível identificar o início, o meio e muito menos o seu fim, mas é possível reconhecer na técnica corporal de cada integrante da congada o desejo de compor este arco-íris humano que se movimenta nas ruas.

A investigação sobre a parte religiosa e a parte profana da festa da congada faz-se necessária para buscar novas tramas para compor a rede de relações sociais⁴¹.

Dentre as pessoas entrevistadas pudemos identificar que a parte religiosa ainda é a principal justificativa para que a festa da congada aconteça. Apesar das críticas em relação à direção da parte religiosa (Presidente da Irmandade e Dançador), que nos anos anteriores deixava a desejar, pois as missas eram muito demoradas com participação de músicos e pessoas da sociedade para discursar, ainda assim a parte religiosa continua a ser o principal interesse da congada. A letra de um rojão - como chamam um verso curto criado repentinamente durante a congada - justifica tal afirmativa: “Andorinha voou - ‘avooou’ e foi embora - ela disse, ela disse - vou visitar Nossa Senhora” (Dançador, entrevista em 19/12/2002).

A parte religiosa da festa também representa uma das tramas do tecido que compõem a rede de relações sociais, pois nela se misturam hierarquias (Irmandade, Reinado, políticos), dançadores em geral, comerciantes (da cidade e os barraqueiros temporários da cidade e de fora) e público em geral. Seja por interesse religioso, comercial, lúdico ou por outro qualquer, todos estão interagindo e se transfigurando

⁴¹ Ver tabela 7, anexo 2.

enquanto freqüentador da festa da congada.

Sobre o aspecto comercial da festa, três entrevistados (Capitão de Terno, Dançador e Bandeirinha) não concordam com a comercialização por meio das barracas, a não ser que seja de produto religioso (Bandeirinha). O Capitão de Terno preocupa-se com a bebida comercializada, pois o consumo interfere no desenvolvimento da congada, seja pelos dançadores, seja pelo público que procura penetrar na apresentação da congada.

Segundo eles (Capitão de Terno, Dançador e Bandeirinha), a tendência do crescimento do comércio reflete uma queda na parte religiosa da festa, principalmente entre os jovens, cuja maioria freqüenta a festa para se divertir e não se interessa pela religiosidade. Isto poderia vir a significar o fim da congada (Dançador e Bandeirinha).

A Rainha e o Rei aprovam a presença dos barraqueiros dizendo que isto embeleza a festa. Enquanto os Festeiros dizem que as barracas fazem parte da tradição, dando ênfase principalmente ao aspecto comercial em detrimento do interesse pelo lazer.

O discurso do Padre nos chama a atenção, pois ele concorda com o vínculo entre o significado religioso da festa e a parte comercial, dizendo que as pessoas trabalham na festa com honestidade para ganhar o pão de cada dia. Ele sugere que é necessário maior organização do aspecto comercial, já que vieram cerca de 2.000 barracas no ano passado e que houve uma missa para os romeiros que não foi muito divulgada.

Durante a entrevista, o pároco preferiu utilizar o termo social no lugar do profano. Ao ser questionado sobre esta preferência, ele respondeu:

[...] Eu não vejo como profano. Eu vejo que há um momento em que as pessoas estão ali, buscando também o seu ganha pão de cada dia, tem um intuito e é a honestidade. Eu quero crer que todos venham buscar também com honestidade. Então, não diria a questão profana. Eu acho que é o lado social mesmo da festa que tem que ser melhorado, talvez, ser relacionado (Padre, entrevista em 10/01/2003).

Está implícito na fala do pároco - apesar de sua pouca inserção na comunidade no ano de 2001 - que o comércio é uma forma de trabalho para garantir

a sobrevivência do homem. No trabalho é preciso haver honestidade, mas o comerciante necessita obter lucro - muitas vezes abusivo, portanto, desonesto - para ter eficiência no seu trabalho. Porém, os comerciantes que vêm de fora - principalmente nos dias posteriores ao encerramento da festa -, fazem promoção de seus produtos para voltarem aos seus destinos com menos bagagem do que quando chegaram na cidade. E ainda assim, obtém lucro.

Os comerciantes locais reclamam deste período festivo e, nos últimos anos, têm procurado inserir-se nos espaços da rua para obter mais lucro. A igreja, segundo o padre, não obtém recurso oriundo da festa, exceto as doações realizadas durante as celebrações.

Vemos o espaço do comércio na festa como uma representação das necessidades da sociedade, pois os produtos comercializados vão desde artigos religiosos, alimentos, bebidas, utensílios de casa, até peças íntimas, passando pela alegria no parque de diversões, jogos eletrônicos e barracas de jogos de azar (a dinheiro). Tais necessidades representam mais uma trama do tecido de relações sociais que vai se formando em Catalão.

Para compreender melhor de que modo a cultura tem se construído sob o comando da congada, questionamos os entrevistados sobre sua visão da cultura local⁴².

Para este momento adotamos uma apresentação da discussão de modo diferente, pois os dados obtidos a partir desta questão foram riquíssimos de conteúdo para análise. Deste modo, discutiremos cada fala do entrevistado para, posteriormente, estabelecer ligação com a fala dos demais entrevistados, sem perder de vista a análise cultural.

Ao ser questionado sobre como analisa a cultura local, o Presidente da Irmandade fez referência à inserção da congada tanto no cenário nacional quanto internacional. A congada de Catalão participou, a convite do carnavalesco Joãozinho Trinta, do desfile de carnaval do Rio de Janeiro em 1996 e recentemente um terno de congo de Goiânia realizou uma apresentação na França.

A influência da congada de Catalão é tão significativa que pessoas da região

⁴² Ver tabela 8, anexo 2.

procuram pelos congadeiros para que possam montar ternos em suas cidades. Há um jogo de interesse destas pessoas para incrementar o desenvolvimento dos aspectos turístico e financeiro de suas cidades. Mas, a transfiguração identificada na congada de Catalão pode estar presente em outros elementos culturais destas cidades, que não são foco do nosso trabalho. Esta transfiguração da congada catalana sugere que seus moradores necessitam quebrar as regras da casa e criar regras novas nas ruas, em função de cada terno de congo.

Sobre o discurso do Rei, ele afirma que a cultura permite o fortalecimento da união entre os congadeiros e, assim realizam uma festa melhor. Ao nosso ver, não há possibilidade de afirmar que tal ano a festa da congada foi melhor que a outra, pois, se representa a cultura local, não pode ser melhor ou pior. Não podemos dizer que uma cultura é melhor que a outra, pois estaríamos atribuindo parâmetros para avaliar, padronizando o que não é possível de se estabelecer graus, níveis ou valores. Estaríamos também estratificando a cultura e tornando-a rígida, desprezando seu contexto dinâmico.

Em sua resposta, a Rainha aponta a influência do poder político e econômico para assegurar a beleza da festa (por exemplo, a questão do seu vestido). É bastante representativo o poder político presente na festa já que a Prefeitura Municipal, além do seu papel administrativo de organizar as ruas da cidade, pintando, construindo e cedendo funcionários, entre outras tarefas, para trabalhar durante o período festivo, ainda contribui financeiramente com a mesma. Deste modo, fica evidente que o turismo tende a aumentar em função da melhoria das condições físicas oferecidas pela festa da congada.

Para os Festeiros, a congada de Catalão tem representação nacional, pois os mais de 1.600 dançadores reunidos em 2001 formam um número significativo para uma cidade com cerca de 66.000 pessoas. O discurso dos entrevistados dá ênfase ao compromisso dos festeiros em efetivar a festa, principalmente garantindo o aspecto da religiosidade.

Este último elemento também tem presença no discurso do Padre, que pretende ampliar a evangelização durante todo o período da congada e não somente nos dias oficiais de abertura e encerramento da festa. Dois desejos sustentam sua

fala: o primeiro refere-se à possibilidade de interação entre Catalão e outras cidades da região; o segundo trata da perpetuação da festa, onde “[...] a criançada, os adolescentes, os jovens que estão vendo, possam também levar isso para a frente” (Padre, entrevista em 10/01/2003).

O Capitão de Terno lamenta o pouco investimento do poder público na congada e compara os valores com a organização do carnaval que ocorre na cidade. Ele afirma que o carnaval é mais privilegiado, mas não consegue visualizar que ambos fazem parte da cultura nacional, que sob o aspecto de interesse cultural, ambos têm a mesma relevância e interesse do público.

A resposta do Dançador dá ênfase ao folclore, pois ele compara a congada de Catalão com a cavalcada de Pirenópolis (GO). Ressalta que a última investe mais nas vestimentas e possui um folclore “pobre” porque todo ano é a mesma história de luta entre mouros e cristãos. Enquanto na congada, a cada ano, há renovação, pois é preciso criar novas músicas e novos movimentos caracterizando, assim, sua riqueza cultural.

O entrevistado aponta que a congada tem tido pouco espaço na mídia e que, por outro lado, a população tem dado força e valorizado seu rico folclore. Esta concepção recai naquela apresentada sobre a atribuição e valores e parâmetros para classificar uma cultura em rica ou pobre. A cultura é dinâmica, recebe influência do meio e do mundo, transita em todos os espaços - dentro e fora do homem, da mulher – transforma-se. Portanto, não é possível comparar culturas ou hierarquizá-las, pois isto as tornaria imutáveis.

Outro fator interessante a ser destacado pelo Dançador (também pelo Presidente da Irmandade e pelo Capitão de Terno) trata da crescente investigação científica a que a congada tem sido alvo. Além da pesquisadora da Bahia⁴³ por eles comentada, também tivemos a oportunidade de presenciar pessoas filmando, fotografando, gravando os sons produzidos pelas caixas (entre outros instrumentos) e pelos congadeiros durante o processo de filmagem para este trabalho, em 2001.

Isto constitui um fator significativo de identificação da importância da congada

⁴³ Ver tabela 8, anexo 2.

na vida do povo catalano e da região. É mais uma prova de que a rede de relações sociais vai recobrando a cultura, ao mesmo tempo em que se desenvolve e se fortalece por meio dos diversos meios de produção de conhecimento.

Em relação aos dados fornecidos pela Bandeirinha, sua concepção de cultura aponta para a comparação da congada a uma apresentação realizada em Jaraguá (GO). A ênfase é dada na religiosidade, como afirma a seguir:

[...] porque, não tinha visto uma apresentação, que levasse a santa, que divulgasse o nome dela mesmo. Porque a gente saiu daqui, não com o objetivo de chegar lá e mostrar a nossa boniteza. Mas sim a imagem da santa, o que ela representa pra gente (entrevista em 20/12/2002).

A Bandeirinha aponta que a festa da congada passou a ser mais conhecida na mídia depois da apresentação no carnaval, em 1996, no Rio de Janeiro, a convite de uma escola de samba. Ela diz que carnaval e religião não têm relação, querendo dizer que o profano não pode estar vinculado à religiosidade. Porém, em seu próprio discurso encontramos o paradoxo, pois ela não deixa de referir-se a um sem falar do outro.

Entendemos que ambos, sagrado e profano, integram um mesmo corpo social que se transfiguram para atender a determinado interesse de quem supostamente tem o controle das regras. O sagrado e o profano se complementam e integram um mesmo campo, a formação social do ser humano. Ao nosso ver, o profano é necessário para possibilitar o reconhecimento dos limites em nossa sociedade, enquanto a religiosidade preocupa-se com a conduta moral e harmonia coletiva. Não pretendemos fazer apologia de nenhum destes elementos, mas, como surgiram na fala da entrevistada de modo a provocar uma certa tensão no contexto da congada, sentimos necessidade de abordá-los.

Assim, o carnaval, como festa das transfigurações sociais, das trocas de hierarquias e do espaço possível para transgressão das regras, complementa a congada, pois também constitui este modelo de festa. A congada, neste sentido, não pode ser vista como oposição ao carnaval, pois em ambos podemos ser tanto atores sociais quanto figuras representativas.

Os elementos constitutivos da rede de relações sociais que contribuem para a formação da cultura local estão representados na congada não somente por suas figuras simbólicas, mas também pela trama que permite a interação de seus atores sociais e das ações decorrentes de vários setores da sociedade.

O espaço da casa e da rua, onde os limites e as regras sociais circulam e invertem seu *locus*, são interpretados como transfigurações. Por meio delas podemos costurar nossa rede de relações sociais que são sustentadas pela trama da política (poder público), da economia (comércio e órgãos financiadores), da religião (igreja católica), da amizade (Irmandade) e da dança (técnica corporal, ritmo, música), contribuindo para a identidade cultural de um povo que reconhece o significado de sua cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Congada, cultura, corpo, rede de relações sociais, transfiguração, técnicas corporais, significado social, todos estes elementos se emaranham e se definem para formar nosso estudo.

Iniciamos o trabalho buscando compreender o conceito de cultura para descobrir o corpo e suas técnicas na congada de Catalão, por meio de autores das áreas da Antropologia Social, da Sociologia e da Educação Física. O que constatamos durante a pesquisa foi uma rede de relações sociais que se sustenta por várias tramas, que seriam: a política (o poder público), a economia (o comércio e os órgãos financiadores), a religião (a igreja católica), a amizade (a Irmandade) e a dança (as técnicas corporais, o ritmo, a música), contribuindo para a identidade cultural de um povo que reconhece o significado da própria cultura.

A congada possui figuras representativas (Rei, Rainha, Príncipe, Princesa, General, Capitão de Terno, Dançador e Bandeirinha, Presidente da Irmandade, Padre, Festeiros) que, a partir de suas ações, vem consolidando um pensamento cultural que associa religiosidade, festa, lazer e dança. Isto não significa que tais elementos estão representados distintamente em seu *locus*, mas sim que encontram-se intrinsecamente articulados nos corpos dos sujeitos. Para uns, a congada pode representar a maior manifestação popular da religiosidade católica, mas também não deixa de representar um momento de fantasia, alegria e lazer. Os corpos que dançam são os mesmos que rezam, adoram sua santa, divertem-se, participam de momento festivo.

O corpo no momento da congada pode ser visto isoladamente ou em conjunto com seus pares e, em ambas as situações ele sofre transfiguração. As técnicas corporais na congada revelam uma sociedade vinculada à religião, à fantasia, ao prazer do movimento e da criatividade, que se apresenta nos ternos de congo que surgem nas ruas durante a festa: é o arco-íris humano.

Isto pode ser comprovado pelos diversos discursos e imagens apresentados no trabalho. A casa e a rua foram palcos para que estas figuras pudessem realizar suas representações sem deixar de ser quem realmente são. Assim, o indivíduo transfigura-se em seu meio e contribui para a construção da identidade cultural a partir da congada.

Ao refletirmos sobre a cultura e como seu conceito se transformou ao longo do desenvolvimento da humanidade, compreendemos o modo como as pessoas envolvidas na congada pensam seu meio social. A cultura dos catalanos está impregnada da/na congada, pois é a partir dela que algumas tramas da rede de relações sociais é costurada. Para nós, a congada é um arco-íris humano, onde as cores se misturam e se confundem com a magia da dança, do lazer e da devoção numa transfiguração social que fortalece a identidade de seu povo.

A festa é lazer, é religiosidade, é música e dança, é corpo em movimento. Podemos dizer que na festa o exagero na conduta dos sujeitos é permitido. O que supostamente não é permitido é deixar de transfigurar-se, seja em Rei, Rainha, Dançador ou qualquer outra figura representativa. O sujeito que ali se encontra está prestes a transfigurar-se sendo contaminado pela cultura de um povo que faz de sua fé um dos momentos mais coloridos e criativos da cultura popular.

A interação dos significados da congada para seus representantes é confirmada pelo que move as pessoas a participar dessa manifestação: o louvor à Nossa Senhora do Rosário. Em seus discursos, as figuras representativas preocuparam-se constantemente em reverenciar a Santa e demonstrar sua fé, dizendo que foram abençoadas e por isto conseguiram tal coisa; foi por Nossa Senhora que fulano conseguiu ser Festeiro; graças à fé de uma mãe que uma criança torna-se Bandeirinha, entre outros tantos exemplos.

Assim, o sistema de trocas simbólicas renova-se à medida em que a quantidade de congadeiros cresce, interage com o meio e sofre influência de outras pessoas que por ali residem, trabalham ou passam pela cidade. E nesta possibilidade de construir a rede de relações sociais, seus elementos constitutivos se organizam formando uma trama. A religião, a dança, a política, a economia, a Irmandade representam as tramas que congregam tudo numa mesma rede: a cultura popular.

Os caminhos percorridos até chegarmos aqui foram muitos. Desde nosso espírito curioso ao nos depararmos com a festa em 1999, passando pela intervenção direta conversando com as pessoas envolvidas e finalizando com os frutos produzidos na pesquisa. Além da dupla satisfação estampada nos rostos das

pessoas entrevistadas e da pesquisadora, pudemos identificar que há novas possibilidades de investigação, como por exemplo, o estudo dos ritmos musicais e sua relação com povos da África, entre outros temas. Apesar de reconhecermos os limites de nossa produção em relação à descrição da festa da congada de modo mais denso na medida de sua riqueza cultural, destacamos que o desejo de ser reconhecido e de ter valorizada a sua cultura abre novas portas para a busca do saber e do conhecimento produzido pelo povo do Estado de Goiás.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza D.A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papius, 1995.

ANUÁRIO DE CATALÃO. Prefeitura Municipal de Catalão-GO. 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Festa do Santo de Preto**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore; Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1985.

_____. **A cultura na rua**. Campinas: Papius, 1989.

CAMPOS, Maria das Dores. **Catalão**. Estudo Histórico e Geográfico. Centro de Documentação Técnica, [S.l.:s.n.], 1976.

DA MATA, Roberto. O Ofício de Etnólogo, ou como Ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, E. de O. (org.) **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **A casa & a rua**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco: 1997a.

_____. **Carnavais, Malandros e Heróis** - para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997b.

_____. **O que faz o Brasil Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papius, 1995.

_____. **Cultura**: educação física e futebol. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. A Antropologia Social e a Educação Física: possibilidades de encontro. In: CARVALHO, Yara et al (org.). **Educação Física e Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001.

_____. **Educação Física Brasileira**: autores e atores da década de 1980. Campinas: Papius, 1998.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Uma história dos costumes. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v.1.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Trad. Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa, Portugal: DIFEL, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1986.

FUNDAÇÃO CULTURAL MARIA DAS DORES CAMPOS. **Histórico de Catalão para o primeiro grau.** [S.l.: s.n. 197-?].

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos, 1989.

KOFES, Suely. E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou, o discurso desse corpo sobre o qual se fala. In: BRUHNS, H.T. (Org.) **Conversando sobre o corpo.** Campinas: Papirus, 1985.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia.** 3ª ed. Trad. Marie-Agnès Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco.** Cultura popular e lazer na cidade. 2ª ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

McLEISH, Kenneth. **Aristóteles: a Poética** de Aristóteles. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 2000.

MAUSS, Marcel. Noção de Técnica Corporal. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: EPU/EDUSP, 1974, 2v. p.211-218.

QUEIRÓS, Ilse L.B.G. de. Festa e dança: vivências lúdicas de lazer. In: **Revista Licere** - Revista do Centro de Estudos de Lazer e Recreação/EEF/UFMG. Belo Horizonte: UFMG, 2001, vol.4, nº1, p.61-79.

RODRIGUES, José Carlos. O corpo liberado. In: STROZENBERG, I. (Org). In: **De corpo e alma.** Rio de Janeiro: Comunicação Contemporânea, 1987.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista:** história da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

WARNIER, Jean-Pierre. **A mundialização da cultura.** Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2000.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

ANEXOS

- 20:00 h - Ceia organizada pelo Colégio Polivalente.
Animação: Hamilton Costa.
- 21:00 h - Shows no ranchão, leilões, bingos, correios elegantes, etc.

8º DIA - SEXTA-FEIRA - 12/10/2001

Prendas doadas pelos Bairros São João e Progresso

- 06:00 h - Reza do Terço.
- 15:00 h - Reza do Terço.
- 16:00 h - Confissões.
- 19:00 h - Missa.
- Coral: Andorinhas - Paróquia Mãe de Deus.
 - Palestrante: Danúbio.
 - Tema: A Importância da Família no 3º Milênio.
- 20:00 h - Ceia Loja Maçônica José Marcelino da Silva.
Animação: Fábio Justiniano.
- 21:00 h - Shows no ranchão, leilões, bingos, correios elegantes, etc.

9º DIA - SÁBADO - 13/10/2001

Prendas doadas pelo pelo Bairro Pio Gomes

- 06:00 h - Reza do Terço.
- 15:00 h - Reza do Terço.
- 16:00 h - Confissões.
- 18:00 h - Procissão da Bandeira saindo da casa do filho do patrono Jorge Elias Primo (in memoriam) que há 65 anos guarda a bandeira. Saída da Rua José Matias da Silveira, 945 - Bairro N. Sra. de Fátima - Catalão-GO.
- 19:00 h - Missa.
- Coral: Prisma - Paróquia Mãe de Deus.
- 20:00 h - Levantamento do mastro com queima de fogos.
- 21:00 h - Shows no ranchão, leilões, bingos, correios elegantes, etc.

10º DIA - DOMINGO - 14/10/2001

Prendas doadas pelo pelo Bairro Santo Antônio

- 06:00 h - Café para a Congada no Salão do Folclore.
- 08:00 h - Cortejo saindo da Velha Matriz até a Igreja do Rosário.
- 10:00 h - Santa Missa.
- 12:00 h - Almoço da congada no Salão do Folclore e do Trabalhador.
- 14:00 h - Desfile da Congada pelas ruas da cidade.
- 15:00 h - Reza do Terço.
- 16:00 h - Confissões.
- 18:00 h - Procissão saindo da Praça do Rosário.
- 19:00 h - Missa com Dom Guilherme e Frades da Comunidade.
- Coral: Brás Dias - Paróquia Mãe de Deus.
- 20:00 h - Queima de fogos.
- 21:00 h - Shows no ranchão, leilões, bingos, correios elegantes, etc.

11º DIA - SEGUNDA-FEIRA - 15/10/2001

Prendas doadas pelo pelo Bairro Santa Terezinha

- 06:00 h - Reza do Terço.
- 11:00 h - Almoço da Congada no Salão do Folclore e do Trabalhador.
- 14:00 h - Desfile da Congada pelas ruas da cidade.
- 15:00 h - Entrega da Coroa.
- 19:00 h - Missa de encerramento.
- Coral: Romildo, Donizete e Toninho - Paróquia São Francisco.
 - Palestrante: Íria Duarte.
 - Tema: Maria 1ª Carismática da Igreja.
- 21:00 h - Shows no ranchão, leilões, bingos, correios elegantes, etc.

Visite o nosso site: www.congadas.com.br

GRÁFICA SÃO JOÃO
(0xx62) 441-2320
graficasaojoao@inet.psi.br
Catalão-GO

125ª FESTA EM LOUVOR À NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

De
CATALÃO - GO 05 à 15/10/01



Realização:
Comissão Organizadora 2001

Apoio:



Patrocínio:



1º DIA - SEXTA-FEIRA - 05/10/2001

- 3 horas da madrugada - Alvorada com desfile das congadas pelas ruas da cidade.
- 15:00 h - Reza do Terço.
- 16:00 h - Confissões.
- 18:00 h - Reza do Terço.
- 19:00 h - Santa Missa de abertura celebrada pelo Padre Soares.
- Coral: Ministério (Hamilton Costa) - Comunidade Mãe de Deus.
 - Palestrante: Nilza
 - Tema: Oração da Igreja Doméstica.
 - Encarregados das Prendas para o Leilão: Santa Cruz.
- 20:00 h - Ceia Síría - Organizada pela Comissão da Festa do Rosário 2001 e Colônia Síría de Catalão. Animação: João Abrão.
- 21:00 h - Shows no ranchão, leilões, bingos, correios elegantes, etc.

2º DIA - SÁBADO - 06/10/2001**Prendas doadas pelo Bairro Mãe de Deus**

- 06:00 h - Terço com o Sr. João Coelho.
- 15:00 h - Reza do Terço.
- 16:00 h - Confissões.
- 19:00 h - Missa.
- Coral: Marlene (Voz de Cristal) - Comunidade São Francisco.
- 19:40 h - Palestra - Frei Miguel.
- Tema: Maria e a Fé Cristã.
- 20:00 h - Ceia organizada pelo Lions Clube de Catalão. Animação: João Abrão.
- 21:00 h - Shows no ranchão, leilões, bingos, correios elegantes, etc.

3º DIA - DOMINGO - 07/10/2001**Prendas doadas pelos Bairros São Francisco e Castelo Branco**

- 06:00 h - Reza do Terço.
- 13:00 h - Roda de Violeiros (Brás Dias e equipe).
- 15:00 h - Reza do Terço.
- 16:00 h - Confissões.
- 18:00 h - Reza do Terço.
- 19:00 h - Missa.
- Coral: Zalita (Sal da Terra) - Comunidade Mãe de Deus.
 - Palestrante: Padre Soares.
 - Tema: Ser Igreja no Novo Milênio.
- 20:00 h - Ceia Rotary Club de Catalão Solidarietà. Animação: João Abrão.
- 21:00 h - Shows no ranchão, leilões, bingos, correios elegantes, etc.

4º DIA - SEGUNDA-FEIRA - 08/10/2001**Prendas doadas pelo Bairro Nossa Sra. de Fátima**

- 06:00 h - Reza do Terço.
- 15:00 h - Reza do Terço.
- 16:00 h - Confissões.
- 18:00 h - Reza do Terço.
- 19:00 h - Missa.
- Coral: Santa Clara de Assis - Comunidade Mãe de Deus.
 - Palestrante: Elias.
 - Tema: O Trabalho.
- 20:00 h - Ceia organizada pelo Cursilho. Animação: Grupo Entre Parentes.
- 21:00 h - Shows no ranchão, leilões, bingos, correios elegantes, etc.

5º DIA - TERÇA-FEIRA - 09/10/2001**Prendas doadas pelos Bairros Setor Universitário e São João**

- 06:00 h - Reza do Terço.
- 15:00 h - Reza do Terço.
- 16:00 h - Confissões.

18:00 h - Reza do Terço.

19:00 h - Missa.

- Coral: Monia (Anjos do Céu) - Comunidade Mãe de Deus.
 - Palestrante: Dalva.
 - Tema: Vida Comunitária.
- 20:00 h - Ceia da Creche São Francisco em união com a Creche São Sebastião - Animação: Silvio Som.
- 21:00 h - Shows no ranchão, leilões, bingos, correios elegantes, etc.

6º DIA - QUARTA-FEIRA - 10/10/2001**Prendas doadas pelo Centro da cidade e Comunidades Rurais**

- 06:00 h - Reza do Terço.
- 15:00 h - Reza do Terço.
- 16:00 h - Confissões.
- 18:00 h - Reza do Terço.
- 19:00 h - Missa.
- Coral: Silvano (Grupo Masculino) - Comunidade São Francisco.
 - Palestrante: Bigu
 - Tema: Experiência de Fé na Congada.
- 20:00 h - Ceia Rotary Club 1º de Novembro - Animação: Hamilton Costa.
- 21:00 h - Shows no ranchão, leilões, bingos, correios elegantes, etc.

7º DIA - QUINTA-FEIRA - 11/10/2001**Prendas doadas pelos setores Vila Liberdade, Vila Margon I e II e Vila Erondina**

- 06:00 h - Reza do Terço.
- 15:00 h - Reza do Terço.
- 16:00 h - Confissões.
- 19:00 h - Missa e Coração de Nossa Senhora.
- Coral: São Pedro - Paróquia Mãe de Deus.
 - Palestrante: Padre Soares.
 - Tema: Vida Sim, Drogas Não.

ANEXO 2

TABELA 1 – Respostas obtidas pelas figuras representativas da 125ª Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário, Catalão, Goiás, de 05 a 15/10/2001, sobre o que representa o Reinado.

Questão 1: O que representa o Reinado na Festa de Nossa Senhora do Rosário?	
Presidente da Irmandade	Olha, dentro da congada é uma hierarquia, uma das partes principais da congada. Eles simbolizam as mesmas tradições que os escravos tinham ou têm até hoje na África. O Rei e a Rainha são soberanos. Muitas das vezes, nas reuniões que nós temos, eles também participam de decisão. O Reinado [Rei e a Rainha] ⁴⁴ são [cargo] perpétuo, só é passado dentro da família, de geração para geração. Agora, o príncipe, a princesa e os guardas-coroa são escolhidos pelo Rei e pela Rainha, não é necessariamente da família. Os outros cargos, por exemplo, Irmão de honra ou filiado, capitão de terno – tem que ter capacidade ou serviço prestado dentro do terno de congo – e são escolhidos por meio de voto ou por serviços prestados.
Rei	Para nós, é a <i>pessoa</i> mais importante da festa, nós é que conduzimos a coroa, tem que estar sempre por perto. (...) resolver alguma coisa da congada, temos o direito de fazer a comunicação.
Rainha	Representa para guardar a coroa, porque sem o Reinado a coroa não pode sair. Porque o Reinado foi feito para acompanhar a coroa. Guardar a coroa. (...) teve uma época que a coroa estava perseguida, então teve até um roubo dela. Aí eles ia, porque tinha muito tumulto, né, era só a dança e tudo, aí surgiu o Reinado para guardar a coroa.
Festeiro e Festeira⁴⁵	Bom, pra mim representa a tradição da festa, a hierarquia deles, né. Então o que representa pra mim é isso aí.
Padre⁴⁶	Olha, eu não saberia dizer em detalhes. Mas eu quero crer que tudo isto é tradição na vida da Congada, da qual eu diria que não tenho uma experiência e não saberia descrever dentro deste contexto do Reinado. Porque isto vem de tradição, vamos dizer, do Império. Então isto é o que vem acontecendo em nível da Irmandade. Mas a história propriamente dita, eu poderia dizer que eu não conheço porque eu estou chegando agora na paróquia para poder me informar um pouco mais.
Capitão de Terno	O Reinado é uma autoridade maior dentro da Irmandade de N.S.Rosário. E está imprimido nas reuniões, como o terno tem que proceder. Então, é o Reinado que passa as coordenadas para cada capitão de terno, para que seja realizada a festa.

⁴⁴ Em algumas entrevistas acrescentamos informações entre colchetes [...] para que o texto possa ser melhor compreendido. Em outras, colocamos parênteses (...) para suprimir trechos desnecessários.

⁴⁵ Por mais que insistíssemos, a Festeira que, coincidentemente, é esposa do Festeiro não quis ceder a entrevista alegando ser tímida e não ter muito jeito para isto. Mas contribuiu parcialmente à medida em que o festeiro respondia as questões da entrevista.

⁴⁶ Informamos que o padre que realizou as celebrações no ano de 2001 na 125ª Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário, foi transferido para outra cidade do interior de Goiás. Optamos, portanto, entrevistar o padre que organizou a parte religiosa do ano 2002.

Questão 1: O que representa o Reinado na Festa de Nossa Senhora do Rosário?	
Dançador	Olha, o Rei, a Rainha meu pai fala assim, que eles são peças importantes, mas pra festa mesmo, eles se tornam mesmo simbólicos. Só pra representação mesmo porque, tem a coroa, né. É simbolicamente, só. Não tem, tipo uma eleição, eles não têm poder de decidir. Agora o General, sim. Tem poder de decidir. Agora, o Rei, a Rainha não. Eles são peças simbólicas só, dentro da Irmandade. (...) Isso eu não sei te falar [a origem do Reinado].
Bandeirinha	O Reinado, ele é a parte principal da festa. Sem o Reinado, os dançadores não podem ir para lugar nenhum. Igual assim, na entrega da coroa, o Reinado, ele fecha a entrega da coroa. Ele vem atrás com a Nossa Senhora. Os dançadores vem à frente, eles vão atrás. Eles estão “guardando” a coroa. Então, se eles fossem na frente, quem iria ficar atrás com a coroa? Ele é a parte principal da festa. Sem o Reinado, os dançadores não podem nem pensar em ir na esquina, assim, não pode. (...) É porque a festa não é brasileira mesmo. Ela veio da África. Então é, assim, o Rei, a Rainha, é a parte principal da festa. Ele é que comanda, às vezes tem, sempre tem uma “riliinha”, ele tá lá. Umas briguinhas, assim, externas. Uma coisa que não podia existir, mas hoje em dia, infelizmente, existe. São coisas pequenas, que não vão. Não brigam, assim, por brigar mesmo, de tapa, não. Eles brigam, conversando, falando alto. Aí, quando eles vêem que o Rei e a Rainha estão chegando, eles ficam calados. Porque eles [os dançadores] têm respeito. A única coisa que eles respeitam é o Rei, a Rainha e o General.

TABELA 2 – Respostas obtidas pelas figuras representativas da 125ª Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário, Catalão, Goiás, de 05 a 15/10/2001, sobre qual o papel exclusivo de cada um.

Questão 2: Qual é o seu papel exclusivo na festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário?	
Presidente da Irmandade	Tudo. A presidência da Irmandade aqui em Catalão ela é soberana. (...) Então, a Diretoria da Irmandade em si, ela é soberana ela é que escolhe o festeiro, ela que dá as diretrizes de procissão, ela que dá os destinos de cortejo. Ela que organiza todas as responsabilidades de Nossa Senhora do Rosário, tudo é em cima da diretoria. (...) eu não sendo da Presidência da diretoria eu não tenho o direito de falar porque no Estatuto reza que só o presidente pode falar em público. Com a permissão eu posso falar hoje (...) Eu busquei muitas coisas para que eu chegasse na presidência, justamente para isso, pra quando precisasse, eu estar à disposição.
Rei	O Rei pode fazer tudo, se for preciso buscar a coroa, alterar o horário, a decisão de tudo ele pode tomar.
Rainha	Eu faço tudo, se for preciso resolver um problema, é o rei e a rainha. E outras coisas assim, de acompanhar, de resolver negócios, junto com a Diretoria, o rei e a rainha e o presidente.
Festeiro e Festeira	No período de 2001 o papel que a gente tivemos lá como festeiros, foi organizar a festa, angariar fundos pra fazer a alimentação deles, porque são dois almoços, três café da manhã, almoço em torno de 3.000 pessoas cada almoço. O mesmo tanto, o café da manhã. Então a despesa é muito alta. Então a gente tem que sair nas fazendas, pede bezerro, pede polvilho, pede de tudo pra fazer essa alimentação deles. Então é o papel do festeiro, a gente faz isso aí. (...) Eu fiz mais pela religião.(...) Sacrifica um todo ano, né, 2001 fui eu.
Padre	O padre seria o primeiro, aquele que deveria estar à frente da organização da parte religiosa. A parte social, cabe mais ao festeiro, à equipe que coordena a festa social. E eu queria dizer que no ano passado [2002], realmente, foi uma comunicação muito forte entre a paróquia, no caso, a Paróquia São Francisco, a Paróquia Mãe de Deus, juntamente com a Presidência da Irmandade, com o casal coordenador da festa, onde nós pudemos fazer um trabalho de parceria e que a parte religiosa, realmente atendesse ao público que a procurava no dia-a-dia. Houve muitas mudanças que nós pudemos oferecer à comunidade católica, juntamente com a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. As mudanças que nós fizemos foi mais na linha de horários de celebrações, de confissões, a celebração, sempre campal para um número maior de pessoas. Mesmo, a procissão, houve uma pequena orientação, reorganização também da procissão. Então, tudo isto mesmo a entrega da coroa, no término da festa, na segunda-feira. Então, houve realmente, algumas propostas novas que vieram dar certo. (...) Esta parte religiosa cabe ao padre elaborar o programa e executá-lo com a comunidade (...) houve um exemplo no passado que as dificuldades foram feitas e o padre ficou só mesmo com as celebrações das missas; a programação, a pregação quem buscava era mais a Irmandade do que mesmo o sacerdote responsável mesmo pela paróquia. Então, no ano passado, nós tivemos essa graça de poder somar mais, estar junto, querer ajudá-los a crescer na espiritualidade.
Capitão de Terno	É procurar manter a humildade entre todos os dançadores. Procurar assim, orientar da melhor maneira possível. E passar para os dançadores que a festa não é só a gente dançar. Que a principal coisa pros dançadores que não participar da parte religiosa da festa, é como se ele não tivesse dançado. Porque pular, essas coisas, qualquer pessoa pode. Então, a parte mais importante que o capitão tem que passar para todos os dançadores, é que eles fiquem conscientes do que que é a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Tem essa parte, né. A parte folclórica é uma parte muito boa, mas a religiosa é a mais importante.
Dançador	Porque o auge maior, que eu acho que é os dançadores, eles é que se mostram. Então, é aonde que eles perde porque os dançadores não ficam. Eles põem muita gente lá [no cortejo], um pra tocar violão, outros pra fazer isso, pra fazer aquilo, e a missa só vai aumentando. E não é isso. Eles tem que procurar, não fazer a missa mais rápido, mas fazer de conforme que os dançadores assistam.
Bandeirinha	A função da bandeirinha é mostrar que não é porque nós somos mulheres, que somos enfeitadas. Porque tem muitas meninas que pensam assim: ah, eu vou dançar congo pra fazer graça, pra sair [me] mostrando. Não, a gente dança congo porque tem muita fê.

TABELA 3 – Respostas obtidas pelas figuras representativas da 125ª Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário, Catalão, Goiás, de 05 a 15/10/2001, sobre apresentar-se em outros espaços da festa que não seja o cortejo.

Questão 3: O(A) Sr.(a) se apresenta em outros espaços da festa que não seja o cortejo?	
Presidente da Irmandade	Pode. Eu sou presidente e dançava. Eu dancei o 1º ano. Não quis dançar o restante, devido a responsabilidade. Entendeu! Então eu era um presidente atuante eu gostava de participar. Então eu estava em todos os eventos, eu estava em todas as compartilhções que tinha, a Irmandade, eu participava. Então no cortejo eu gostava que fosse feito tudo direitinho. Então eu participava porque se eu estivesse dançando, eu não sabia como é que estava ocorrendo então eu gostava de estar sempre na frente, tomando as iniciativas e coordenando para que ficasse tudo conforme era preciso.
Rei	Na hora da levantação do mastro, tem que puxar a bandeira também, na organização da congada puxar a fila para levar a bandeira até a Igreja. Ela é pêga em outro lugar e é levada para a Igreja para poder fazer a levantação da bandeira.
Rainha	As vezes, até freqüenta, né. É só mesmo para as reuniões, eles fazem assim, um almoço, convida. Essas coisas.
Festeiro e Festeira	Fazendo as promoções durante o ano, né. As celebrações a gente faz as três, quatro promoções durante o ano, nós fizemos. Teve o leilão de arte, junto com a Igreja também, eu fui até Ipameri, conversei com o bispo para ele poder vir cá, marcar presença com a gente. (...) Então, a gente organiza isso aí, né.
Padre	Não, na parte de organização social nós não temos nenhuma participação. (...) Sim, nós participamos algumas vezes. O padre Marcelo e eu, estivemos em alguns jantares oferecidos pela própria organização da festa. E realmente, a gente pôde perceber que há um interesse da própria coordenação da festa em poder oferecer à comunidade algo importante. Mesmo na abertura da festa, o café da manhã, o almoço, o jantar também, que foram oferecidos, a gente teve a oportunidade de participar. A gente viu que realmente, é um povo que até então, fica, ao longo do ano, sem maior comunicação e que nesta época da festa, se comunica bem melhor. E a gente pôde participar desses eventos.
Capitão de Terno	Freqüentemente. Todos os capitães freqüentam [a Casa do Folclore, o leilão – “ranchão” -, os bares]. Mas na época da festa mesmo assim, eu vou te falar a verdade a gente que é capitão de terno assim, é tanta coisa que a gente tem que fazer que o espaço, o tempo da gente é pouco, a gente quase não participa, sabe. A gente fica mais é nos dias de festa mesmo. Para gente passear, assistir um terço. Eu particularmente falo, pra mim assistir um texto que começa às seis horas da tarde, depois começa a novena das sete, eu acho que todo ano, eu vou uma, duas vezes, por falta de tempo mesmo.
Dançador	Apresenta sim. Em casas de pessoas que querem que a gente faça uma visita. Esse ano mesmo, a gente foi fazer uma visita num pessoal que cuida de doentes. Em hospitais também, a gente costuma fazer visita pra quem está ali dentro, pra quem está ali, doente. Não só ali dentro da festa mesmo, que é a procissão, cortejo, missa, mas a gente costuma também ir na casa das pessoas que chamam a gente. (...) Olha, eu costumo ir no ranchão, na missa.
Bandeirinha	Freqüente. Tem sempre, quando tem almoço, jantar, pra arrecadar dinheiro pra festa, eu sempre vou. (...) É no Centro Folclórico. Tudo que é da festa, ocorre no Centro Folclórico.

TABELA 4 – Respostas obtidas pelas figuras representativas da 125ª Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário, Catalão, Goiás, de 05 a 15/10/2001, sobre como se tornou representante na congada e quanto tempo dura seu mandato, sua função.

Questão 4: Como o(a) Sr.(a) se tornou (presidente da Irmandade, Rei, Rainha, General, Capitão de Terno, Dançador, Bandeirinha, Padre) e por quanto tempo comandará?	
Presidente da Irmandade	Eu falei, se eu algum dia for presidente, eu quero fazer da mesma forma, que eu ajuda pro meu terno, os outros. Graças a Deus, eu consegui. Nossa Senhora do Rosário me abençoou que eu fui presidente por bem dizer cinco anos, o mandato é de biênio. Eu fiz a relação, ganhei depois não teve a eleição devido um descontrole de chapa e bateram em cima do Estatuto e pediram que o Estatuto fosse “revestido” aí eles pediram para que eu prolongasse até que revisse o Estatuto mas eu estava muito cansado. É muito desgastante. Aí eu preferi que eu ficasse até arrumar, mas estava demorando muito aí eu falei pra eles, peçam uma eleição rápida que venha me substitui aí eles fizeram uma votação e puseram a Claudinha como presidente. Foi eleita lá como presidente até nesse final do ano. Então ela ficou por 6 meses mais ou menos. Aí teve a eleição e a partir deste dia 1º de dezembro agora, tem o novo presidente que também vai ser tampão até que, porque ainda não foi reformulado o Estatuto. Então ainda vai ter isso aí, ele provavelmente por um ano. Ela ainda vai ficar como presidente interino.
Rei	Meu pai era o Rei. Assim que ele adoeceu – eu dançava como príncipe junto com ele – ele adoeceu e não pôde mais dançar. Ele me pôs no lugar dele para eu poder continuar o que ele era, para ver se ele sarava ou não. Depois, Terminou que Deus não quis... Fui para a reunião [da Irmandade], fizemos uma votação e aceitaram e eu continuei. É uma pessoa até não ter mais jeito de dançar [isto é, o cargo é perpétuo].
Rainha	Foi no lugar de uma cunhada minha. Ela não quis e meu velho não aceitou. Arranjou rainha de idoso, dá não ele não aceitava ninguém. Naquela época não usava rainha casa, não. Mas eu fui proteção. Porque o meu velho – ele falou no meio da Irmandade – o que eu falar tá feito. Ele era de pouca conversa, né. Mas o que ele falava, eles obedeciam. (...) Tá com uns 35 anos [que ela é rainha].
Festeiro e Festeira	Um ano. Você assume, eu assumi no derradeiro dia de festa de 2000, eu entreguei a coroa no derradeiro dia de festa de 2001.
Padre	Enquanto eu estiver aqui enquanto pároco. Eu quero crer, que cada vez mais, a Irmandade está sendo muito aberta. A nossa proposta de estar junto, de melhorar, de buscar realmente uma evangelização no período da festa, junto da Irmandade e da Congada. Então, isso tem, eu quero crer que o meu apoio, o meu carinho por ela, pela Irmandade, eu quero realmente executar. (...) Eu tenho 21 anos de padre e me formei no Curso de Teologia de Filosofia. Foi feito em Ipameri, no Seminário Diocesano de Ipameri (GO).
Capitão de Terno	Eu me tornei Capitão de Terno faz 21 anos. Eu dancei quatro anos noutros terno, Terno de Catupé também. Depois nós fundamos esse terno. Agora a minha providência aqui como capitão, vai ser até quando Deus quiser que eu passe isso para os meninos que eu vou treinando eles. Enquanto Deus dê força e saúde, eu quero ser capitão de Catupé.
Dançador	Eu tinha dois anos de idade e me tornei porque o terno que eu dancei era do meu avô. O meu pai, desde criança também dança. E eu comecei com dois anos de idade pela minha mãe que me vestiu e andava acompanhando o terno comigo vestido. Hoje eu estou com 31 anos. Então, tem 29 anos que eu danço. Agora parar, só se eu morrer ou se o terno acabar mesmo. O momento de parar eu não sei não.
Bandeirinha	Eu me tornei bandeirinha, um voto que minha mãe fez pra mim. Eu nasci com bronquite. Aí minha mãe fez o voto para “mim” dançar enquanto eu der conta, enquanto eu estiver firme aí, eu vou dançar. E já tem 16 anos que eu danço. (...) Tem [que ser virgem]. Não, não pode [mais ser bandeirinha se deixar de ser virgem].

TABELA 5 – Respostas obtidas pelas figuras representativas da 125ª Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário, Catalão, Goiás, de 05 a 15/10/2001, sobre o movimento corporal na dança dos ternos e de que forma são aprendidos e transmitidos aos velhos e novos ingressantes na congada.

Questão 5: Como o(a) Sr.(a) vê a dança dos ternos? Como são aprendidos e transmitidos os movimentos presentes na dança da congada?	
Presidente da Irmandade	Olha eu acredito que ambos eu vou falar assim. Antes era difícil aí há 50 anos, há 40 anos atrás era difícil eu tenho 49 anos que eu danço; eu tenho 50 anos; eu danço desde 1 ano de idade. A gente, eu percebi que era difícil as pessoas aprenderam a dançar congo porque as pessoas não tinham aquela vocação, aquela intuição de falar: eu vou dançar. Hoje as pessoas já entram dentro de um Terno de congo, já sabe indo se ele está de fora muitas vezes e fazendo aquele ritmo quando ele vai lá, muitas das vezes, ele já sabe e tem um ditado que filho de peixe peixinho é. Então, geralmente, os filhos dos dançadores já entram ali dentro já sabendo dançar, já vem de sangue. Então, ele vê o pai ali dançando, então, ele já entra sabendo dançar; você vê uma criança hoje de dois anos de idade; você vê elas vestidas você fala, é... não tem condição. Então é uma geração, principalmente em Catalão, que já nasce sabendo dançar congo. Pode ter certeza que sim.
Rei	O aprendizado é através dos capitães. Cada pessoa que entra no terno, ele aprende conforme a tradição de cada terno. Tem o terno do Vilão, todo ano dançam da mesma maneira, mesmo modelo de uniforme, mesma vara. Eles têm um facão de madeira pra fazer a apresentação, pra dançar. O capitão cria sozinho, à maneira dele, ele pode mudar o ritmo de bater as caixas, isto tudo é tradição de cada terno. A farda tem uma só todo o ano, não muda o recorte da roupa.
Rainha	Eu acho bom demais. É a coisa mais linda que eu acho. Agora eu, vou parando. Mas enquanto eu agüentar eu ainda vou ver, né. Muito pouco mas vou. Vamos ver o que que vai dar. Porque ninguém ainda não está acreditando ainda. Eu mesmo, não to acreditando. Mas eu vou ter que parar mesmo. Por causa da idade, eu não agüento andar. Vocês, vêem a gente ficar velho, as “cadeiras”, a perna. Eu até tenho vontade de ir, mas... É, meu velho ficou doente durante 8 anos aqui no meu braço. Porque eu não fui assim, de muito trabalho, não fui judiada. Não bebi, não fiz extravagância. Sem contar casório.
Festeiro e Festeira	Eles ensaiam. Eles tem até os ensaios deles, tem o capitão, tem o general. Eles têm a hierarquia deles. Então a pessoa inicia e vai treinando. Quando chega aí em julho, eles já começam com os treinos. Aí em cada um são filiados [à Irmandade], outros não são. Mas parece que agora, a diretoria está querendo filiar todo mundo, pra quando tiver eleição todo mundo votar, né. (...) Pra presidente.
Padre	Olha, eu fico encantado com a maneira como eles dançam. Mas o que significa, como fala, às vezes eles cantam, a gente pouco entende também, tem que ficar muito perto. Mas eu fico encantado e vejo que realmente, a sociedade, ela precisa prestigiar, apoiar muito mais esse trabalho porque é uma ocasião que a gente está vendo, criança, adolescente, jovens, adultos, até pessoas idosas, ali dançando e isso, vem abrilhantar a festa. Não só a parte religiosa mas a parte social também. E é o que traz o povão também para esse momento é a parte folclórica da Congada. E eu vejo com bons olhos. Acho que é um momento belo. É uma pena que a gente não acompanha, todos os movimentos, toda a caminhada, toda a trajetória deles.

Questão 5: Como o(a) Sr.(a) vê a dança dos ternos? Como são aprendidos e transmitidos os movimentos presentes na dança da congada?

Capitão de Terno	Os movimentos da congada é através de ensaio. Porque talvez a gente já está acostumado, né, já vem de outro terno. Ai, quando vai entrar dançador novo, aí a gente já avisa pro pessoal. Olha, tá entrando, a gente apresenta, para os dançadores que já é existente no terno, apresenta para eles, e avisa para todos, olha, esses aqui estão começando esse ano e aqueles que de vocês assim, aqueles que puderem ajudar tudo bem. Agora, aqueles que não puderem ajudar, que não dê risada, não faça gozação para deixar o espaço para outros que tenha boa vontade, venha ajudar a gente a ensinar a pessoa a dançar. (...) Tem, tem os movimentos que é, uns, que a gente deita no chão, tem uns movimentos básicos, tem uns baião, que é um tipo de dança que a gente dança. Então, tem umas coisas que é mais básicas que a gente prepara, mais é na entrega da coroa, que a gente cansa um pouco mais, então não dá pra gente dançar os dois dias, naquele ritmo, né. Então a gente prepara uma hora assim mais especial, pra gente, inclusive a hora especial é a hora da entrega da coroa. (...) Esse baião é assim, é uma dança típica, assim o batido é mais ou menos igual o violão, é uma marcha assim mais puxada, uma dança mais acelerada a partir do momento em que a gente começa a marcar o capitão (...) É perna pra frente, perna pra trás, como é que é? [pergunta a si mesmo] É dois passos por um lado dois passos pro outro e um passo no meio.
Dançador	As danças são inventadas, é de momento. É igual o cântico. É o que vier na mente. A pessoa inventa um cântico e ali ele escolhe o ritmo. Tem o rojão, a marcha. Aí ele escolhe qual o ritmo que ele vai querer bater a música escolhida por ele. (...) O rojão é tipo, vamos supor, uma demonstração: tem uma música. É tipo estes cantores, eles inventam música mais lenta que você pode ouvir, só ouvir. E tem aquelas músicas mais agitadas. O rojão é isso. Ele tem o ritmo mais agitado que você pode acompanhar ele. Do jeito que o capitão mandar você ir, ou agacha, ou levanta. Então, o rojão é isso. Agora a marcha é só para você descansar mesmo. É um batido mais lento, tem o repicado também só que é mais lento. O rojão é mais agitado, mais compassado que você pode repicar mesmo. (...) Não, não tem um movimento básico. É o que vier, porque cada Capitão tem um ritmo diferente. Cada Capitão chega, tem um jeito de marcar diferente, de apitar diferente. Então você tem que acompanhar o que eles mandam. O rojão é dois passos pra frente, dois passos pra trás. O Capitão manda você pra um lado, o pessoal vai todo pro lado. Manda ir pro outro, você vai pro outro lado. Se ele agachar com as caixas, você agacha com as caixas. Se ele mandar levantar com as caixas, você levanta com as caixas. Manda dar meia lua você dá meia lua. Meia lua, é um cada lado, se ele mandar meia lua, é você atravessar as guias. Isso se chama meia lua. Os dois guias de fora junta um com o outro. Aí um atravessa pra um lado. Aí o que está do lado direito passa pro lado esquerdo. O que está do lado esquerdo passa pro lado direito. Isso se chama meia lua. Os de dentro costumam ficar. Só os guias de fora pra cruzar. Tem guia de dentro ali que acompanha o Capitão. E quem puxa o pisado do Capitão é os guias de dentro. Puxa os cânticos pros guias de fora. Quem puxa são os guias de dentro. Eles que puxa os ritmos todinho. Quem fica ali no pé do Capitão é que sofre. (...) Catupé é formado de dançadores também e ele é composto, me parece, que de 300 dançadores. Os instrumentos deles são sanfona, seis caixas maiores que as nossas e os pandeirinhos., pandeiros - chama adufos, né. O nosso terno é composto de 210 dançadores que é o Terno do Congo que também tem a sanfona, só que os instrumentos nossos são diferentes dos deles. É só a caixa e cambito. (...) Cambito é o que tira o som da caixa. É um pedaço de madeira que você faz, tipo uma cabeça nele. É onde você tira o som da caixa. O Vilão também são seis caixas maiores, igual a do Catupé só que os instrumentos de som deles é a varinha e facão que eles mandam fazer de madeira. O Moçambique é só caixa e tem patagonga que é tipo chocalho. A diferença dos ternos são isso aí.

Questão 5: Como o(a) Sr.(a) vê a dança dos ternos? Como são aprendidos e transmitidos os movimentos presentes na dança da congada?

Bandeirinha	Eu acho assim, dançar tudo bem. Só que Catupé é Catupé, o que deveria dançar mesmo, acho que não é coisa assim, certa dançar balançando a bandeira de Nossa Senhora do Rosário. Acho que por isso é que eu danço aqui no Prego. Porque o Prego, é uma coisa assim, não é o mais antigo, não é o mais velho e muito menos o mais novo. Ele é um terno assim, que segue as regras do jeito que as regras são feitas. Acho que se Congo é Congo, Catupé é Catupé. Se o Catupé foi feito pra dançar, vamos dançar Catupé. Congo não. Congo é uma coisa mais antiga, que veio, igual Marinheiro, Marujeiro, essas coisas. Eles deveriam sim, dançar. Mais Congo eu acho que não. (...) Tem umas que dança. Mas o Prego não dança. É o único terno que não dança, Só carrega. (...) É assim, a gente tá assim, na porta da igreja, vai fazer uma apresentação. Às vezes, a gente está assim, meio triste, pensando, assim agora, pode até ter uma música, que vai por na cabeça. Aí a pessoa pensa assim, nossa e agora? Como que vai fazer? Na mesma hora que a gente pensa assim, que não tem nada, acho que é Deus que coloca assim no coração da gente, é isso que vocês vão fazer, é isso que vai acontecer. Aí pega e acontece, a gente faz a música, às vezes, música, sai de uma hora para outra. Coisa que a gente nunca viu, sai música, dança. (...) Tem, tem o ensaio. (...) O ensaio começa no 2º domingo de agosto no Prego. Hoje em dia, está começando todo 2º domingo de agosto pra ter mais assim, mais movimento, pra vim fazer reunião, porque, às vezes, você é uma Irmandade mais você mesmo assim, dá atrito, dá briga. Porque é muita gente, não dá conta. (...) No meu [terno], acho que é 150 [pessoas] mais ou menos.
--------------------	---

TABELA 6 – Respostas obtidas pelas figuras representativas da 125ª Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário, Catalão, Goiás, de 05 a 15/10/2001, sobre o significado das cores na vestimenta dos terno da congada.

Questão 6: As cores que cada terno apresenta em sua vestimenta, qual é o significado?	
Presidente da Irmandade	(...) nós temos aqui comparação vou citar um exemplo pra você aqui o seguinte. Nós temos o terno do Marujeiro: a calça dele era branca e camisa azul. Aí, ele mudou para a cor de calça. Ele quando é oficial, ele só pode mudar com comunicação da diretoria. Então, uma comparação: a cor do meu terno é branca, calça branca, camisa azul com uma faixa vermelha e capacete azul. Se eu for mudar se nós formos mudar, eu falo eu porque eu faço parte muito grande do meu terno. O meu pai era o capitão, eu não sou capitão porque não quis. Me passaram, queriam que eu pegasse o congo eu não quis mas eu tenho uma força muito grande aqui dentro do meu terno. E uma conveniência muito grande nós é uma família muito unida eu faço quase parte da família porque toda vida eu sempre dancei lá. Então, eu considero o pessoal lá como da família. Então, nós sentamos pra discutir o uniforme nós não mudamos o nosso mas pra comunicar (...) eu tô mudando minha calça e tal. Eu mudei pra tal, mas, geralmente 99% não muda, são oficial, não muda e a escolha é do capitão. (...) Não, não tem [significado], muitos puxam, às vezes, a cor da santa, certo? Mas, muitos não têm igual, tem terno que é amarelo e preto; não tem na santa. E tem outros que já pega igual o nosso; tem o rosa, tem o azul, tem o branco. Então tem terno que tem essa cor; o nosso é azul e branco. Tem outros que só tem o azul e o branco. Então, não é muitos já puxam pela cor da Santa mas não é muito não, a escolha é do capitão. (...) As músicas eu sempre comento. Os capitães, eles têm que ser uns artistas, certo, um repentista. De primeiro as músicas africanas vieram e foram seguidas pelos capitães aqui, mas a medida que vai passando o tempo, então eles criam também, investem, porque a gente, eles vem aqui em casa eles vão cantar pra mim. Então, eles já tiram deixa aquela origem da África e vai cantar aquelas músicas diferentes como é que é seu nome? É fulano eles vão fazer uma música daquilo ali. Então, são músicas traduzidas [trazidas?] da África e são músicas criadas aqui no próprio país nosso, o Brasil, com as origens nossa aqui também, você entendeu, então são criadas na hora. (...) Eu vou citar um trecho pra você ver a diferença tem um trecho que fala assim: <i>Eu sou um Africano, eu vim para o Brasil, contra à vontade, trabalhar na Escravidão. De dia e de noite, sem poder ter Liberdade.</i> Quer dizer, é pra você ver, é uma origem africana e um africano fez até dolorosa, né e até hoje cantar né cantar nós cantamos. Então, são coisas que lhe mostra e você está tipo de um rojão aqui [?] e criada aqui, ele fala assim: <i>meu batalhão é desafortado, levanta a poeira do chão molhado.</i> Quer dizer, são coisas nossas, são coisas que nós cativamos, nós cantamos, nossa também, <i>em nome do pai do filho e do Espírito Santo à Senhora do Rosário</i> que nos cubra com seu manto. Quer dizer que são coisas que já foram criadas aqui, isso tudo é cantado um canto de um lado o outro responde, então, são coisas ligadas uma tem que rimar com outra, certo? Não adianta eu cantar, não adianta eu tirar, então, no final duma tem que rimar com a outra que senão não dá certo.
Rei	A cor é determinada para diferenciar um do outro, tem o Congo, o Moçambique, o Vilão, é para cada cor que passar pela rua, saber qual é.
Rainha	Tem para divulgar uns dos outros, né? Porque eles têm que cada um vestir de um jeito. Quando vem um terno de fora, eles já falam: não deixa vim com “os enxoval” do meu não. Igual o meu, não. Eles já não gostam.
Festeiro e Festeira	A dança dos ternos, que, igual, assim, a cerca daqui, as cores, a tradição deles. Eles, aí é aquele projeto de congada que vai responder melhor. Eu não dou conta de explicar a tradição deles. Porque cada um veio de uma região da África. Então, cada, é o folclore que eles tinham lá e o que eles trouxeram pra cá. (...) É 1846? Cadê o projeto? Tem até que ver. 124 anos, no ano de 2000. É, só que em 2001, 124. É 1846, 47, se não me engano. É, foi a 125ª [festa] a nossa.
Padre	Não sei, não poderia te informar.

Questão 6: As cores que cada terno apresenta em sua vestimenta, qual é o significado?	
Capitão de Terno	As cores do terno têm um significado [não] ser de cores iguais, para que, não venham que os ternos não pode misturar um terno com o outro. Porque, às vezes, na época da festa, um dançador, em meio a tanta gente, é difícil, né a gente a agradar a todos. Mas, não deixa alguns fazerem algum tipo de coisa, que de repente, se a cor for igual a do meu terno for igual a do outro, aí a pessoa pode acusar: ah, a pessoa do terno do Celsinho tava cometendo coisa que não é, acho não é de acordo, assim, com o Estatuto de Nossa Senhora do Rosário. Aí, não vai ter como. Por exemplo, se tiver outro terno com a roupa do meu jeito não tem como eu saber quem é do meu terno. Por isso, há essa diferença, né. (...) O nosso tem parte do branco, né. Porque a nossa camisa é branca. Parte da cor que nós tiramos sobre a estampa da Nossa Senhora do Rosário também.
Dançador	Não tem significado não.
Bandeirinha	O [terno do] Prego, o azul e branco, é por causa do manto de Nossa Senhora do Rosário. Aí eles pegaram o azul e branco, pra fazer, já que são, assim, que sai pra fazer a nossa Senhora do Rosário, pegaram e fizeram a roupa azul e branco pra usar na Nossa Senhora do Rosário. A nossa roupa é azul e branco por isso. (...) Dos outros ternos eu não sei.

TABELA 7 – Respostas obtidas pelas figuras representativas da 125ª Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário, Catalão, Goiás, de 05 a 15/10/2001, sobre a parte religiosa e a parte profana da congada.

Questão 7: Como o(a) Sr.(a) vê a parte religiosa da Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário?	
Questão 8: Como o(a) Sr.(a) vê a parte profana da Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário?	
Presidente da Irmandade	<i>Parte religiosa:</i> De primeiro, muito forte, um certo tempo fraca e hoje, fortificando novamente. Porque muitas vezes as pessoas dançavam e se não, acompanhavam a procissão deixava a caixa [instrumento] dele, ficava ali à vontade descansando. Hoje, não já está [o público] mais preocupado com a festa. Eu acredito que a doutrina, então já estão participando das missas da procissão no Terço, já estão participando mais. Então, isso aí a parte religiosa está sendo uma gratificação muito grande na congada aqui de Catalão. Então eu até parabeno as pessoas que lutam pela parte religiosa porque novamente [estão] “cantando” as pessoas que dançam congo pra participar mais das missas, dos terços, da procissão. Então, estão voltando porque de primeiro tinha dado uma enfraquecida, o pessoal dançava e encostava a caixa.
Rei	<i>Parte religiosa:</i> É uma parte que nós temos tradição todo ano, é uma união, uma bênção que nós recebemos, ter fê. Nós reunimos com todos os ternos, dançamos para poder não ter conflito, não ter problema nenhum. (...) A igreja foi fundada pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, ela oferece as mordomias que nós precisamos. São dez dias, tem as novenas, a missa que faz todo ano pra poder fazer a nossa festa perante ela. A parte que, quando falece um dançador, fazemos velório lá dentro. <i>Parte profana:</i> Eu vejo com muita coisa bonita porque nós temos as barracas, o pessoal que vem de fora tem muita clareza bonita, que nós temos que, durante a festa e durante o ano inteiro, dar força e muita alegria para todos nós.
Rainha	<i>Parte religiosa:</i> Agora está valorizando a parte religiosa. (...) Está valorizando porque os dançadores tudo estão indo na missa. Não faz nem missa dentro da igreja só está fazendo é na rua. (...) É deram condição, né. <i>Parte profana:</i> É isto aí é pra ajudar movimentar, né, a festa. Porque sem as barracas, o povo, não vinha muitos os assim, de fora. Vem tanta gente, né. Eles vem assim, tentar divertir por causa das barracas e aproveita também e assiste a festa.
Festeiro e Festeira	<i>Parte religiosa:</i> É a homenagem que eles fazem à Nossa Senhora, né. Que eu, [e] a congada fazemos à Nossa Senhora. <i>Parte profana:</i> É uma festa grande demais. Você não consegue. Chegam os barraqueiros, é a tradição, é, ela é num espaço aberto. Todo mundo participa. Vai o católico pra assistir a missa. Vai o evangélico pra ir na barraquinha com o filho, pra ir no parque. Vai um pra “comerciar”, o comerciante, né. Já tem gente que vive aí, durante a festa, trabalha durante a festa. Vai lá, aluga um cômodo lá, abre um bar, qualquer coisa. Ali eles tiram, as despesas já pro ano inteiro. (...) Na nossa festa, participaram muito bem. Eles deram muita prenda pra gente leiloar. Não tivemos ocorrência na sociedade, nós não tivemos ocorrência policial na nossa festa, coisa que acontecia muito antigamente. Esse ano [2002] não tivemos, em 2001 também parece que não teve ocorrência também. Então a gente ficou, eu agradei muito por isso e quando você faz uma festa e acontece algum problema, fica sem graça, né, a festa.

Questão 7: Como o(a) Sr.(a) vê a parte religiosa da Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário?

Questão 8: Como o(a) Sr.(a) vê a parte profana da Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário?

Padre	Esses anos todos que eu sou padre, eu nunca tinha vindo em nenhuma festa. (...) Eu morava aqui na região mas nunca vim aqui exclusivamente para a festa. (...) eu vejo que o relacionamento, vamos dizer, esta interação entre o social e o lado religioso, ela precisa ser bem melhorada para que realmente, a sociedade que venha também buscar o seu pão de cada dia. Porque o ano passado [2002], foram quase 2.000 barracas. E esse trabalho que a prefeitura também executa, é um trabalho de estar organizando a parte social da festa em volta da capela e quero crer que é preciso melhorar, no sentido de uma ligação entre a parte religiosa com os romeiros com as pessoas que vem para a festa. E nós tentamos jogar, por exemplo, na segunda-feira, a missa dos romeiros, que é a despedida daqueles que quisessem ir embora, mas não foi assim, divulgado entre as pessoas que vieram. Mas para o próximo ano, portanto, esse ano, nós queremos fazer o possível para estar divulgando melhor, acolhendo as pessoas que vem aqui também, no intuito de ganhar o seu pão de cada dia mas que possa estar levando uma mensagem de esperança, alegria, de fé, porque também é o papel da Igreja. Quero crer, que a sociedade, no caso, precisa receber uma maior informação. (...) Eu não vejo como profano. Eu vejo que há um momento em que as pessoas estão ali, buscando também o seu ganha pão de cada dia, tem um intuito e é a honestidade. Eu quero crer que todos venham buscar também com honestidade. Então, não diria a questão profana. Eu acho que é o lado social mesmo da festa que tem que ser melhorado, talvez, ser relacionado.
Capitão de Terno	<i>Parte religiosa:</i> Eu, apesar de dançar, ser dono de terno, que a minha participação, assim, eu acho que é um pouco né, em relação o que eu tinha vontade de participar mas eu acho que é boa. Nos momentos que eu tô lá, a Igreja é sempre cheia, os dançadores também, sempre que eu vô, eu vejo eles, muitos já passaram aqui, me convidando pra ir, mas, às vezes, não havia oportunidade. Mas eu achava importante porque assim, às vezes, eu não tinha tempo pra ir, mas o dançador estava procurando, né que é a Igreja assim a procissão de Nossa Senhora do Rosário, para que a gente possa festejar, a festa é muito corrida, né. Então, eu acho que pra tudo nesse mundo, a gente tem que estar com o espírito preparado. Eu acho que a parte religiosa, pra mim, é a parte mais importante e eu penso que os dançadores tenham buscado. <i>Parte profana:</i> Essa parte assim, do comércio, eu acho importante mas eu acho ruim porque há muita bebida, sabe. Então eu acho que acontece muito das pessoas ficarem embriagadas nessa época. A pessoa já é despreparada, então procura sempre a coisa mais fácil, né, então eu acho que a bebida, ela atrapalha um pouco porque na época a gente está dançando, a gente vê muitas pessoas em situação que a gente fica lamentando; a gente não pode fazer nada. (...) Dançando não, mas pessoas que você vê, por exemplo, [a] pessoa está vindo na festa que gosta é a partir do momento que você vem conduzindo o terno, então as pessoas querem entrar, participar, mas não pode e a gente vê que a pessoa que não tem espírito, né. É pessoa fraca, né, porque [é] uma coisa que ele gosta, mas não está preparado pra aquilo.

Questão 7: Como o(a) Sr.(a) vê a parte religiosa da Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário?

Questão 8: Como o(a) Sr.(a) vê a parte profana da Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário?

Dançador	<i>Parte religiosa:</i> Então, eles tem que olhar mais isso. Talvez eles falam assim, ah! Os dançador é que está perdendo o sentido de religião. Mais não é. Mas é o cansaço. É muito cansativo. (...) Eu acho que sim. [A parte religiosa tende a desaparecer]. Porque, se não mudar, eu já venho falando isso, já vem muito tempo. (...) Aí, acabaria [a congada se acabasse a parte religiosa]. Você iria dançar em louvor a quem? Só ir lá bater caixa na porta da Igreja? Não entrar na Igreja pra visitar a imagem que está ali, que é pra ele que você dança. Então, eu acho que perderia tudo. É igual a gente pegar, sair, nós sairmos aqui e vestir, sairmos na rua e não ter população pra ver a gente, né. O que que adiantaria isso? Então, não teria nem um sentido, né. Eu acho que, o padre em si [?], porque tem certas pessoas que sobem lá no palanque só pra se mostrar. Porque o auge maior, que eu acho que é os dançadores, eles é que se mostram. Então, é aonde que eles perdem porque os dançadores não ficam [para ouvir as pessoas no palanque]. Eles põem muita gente lá: um pra tocar violão, outros pra fazer isso, pra fazer aquilo e, a missa só vai aumentando. E não é isso. Eles têm que procurar não fazer a missa mais rápido, mas fazer de conforme que os dançadores assistam. Não é ficar inovando muita coisa na missa, porque, talvez, uma missa mais simples, é melhor que você ficar inventando. Ah! Vamos fazer isso, fazer aquilo outro. Pra se tornar bonito, se torna feio e o pessoal não fica. Você comenta que tem que ter público pra ver os dançadores. <i>Parte profana:</i> Eu acho que atrapalha o comércio ter aquelas mesas fora, os dançadores ficam sem espaço pra passar; os sons das músicas atrapalham nós tocando.
Bandeirinha	<i>Parte religiosa:</i> a parte religiosa, eu vejo assim, acho que todas as questões, são nove novenas, se não me engano. Assim, todos os nove dias, a gente tem que estar indo à Igreja, para fazer a nossa novena. Mas, a maioria das vezes, não é isso que acontece, porque muita gente vai na porta da igreja, igual jovem, né. É terrível. Vai na porta da Igreja, porque hoje em dia, só dança mais jovem, né. Em vez de ir rezar pra adorar Nossa Senhora, não, vai pra porta da igreja pra brincar, pra curtir com a cara de quem está lá querendo, tendo fê mesmo. (...) Se os jovens, a cada dia, não quiserem, não festar mais sua festa, infelizmente vai acabar. Porque os mais velhos, vão acabando, vai ficando os jovens. Se os jovens não se interessarem, quem vai se interessar? <i>Parte profana:</i> (...) Eu acho que não deveria fazer parte da festa porque é uma coisa pra santa, não pra barraqueiro, pra as outras pessoas. Acho que a gente devia estar lá, pode até ser, mas pra vender coisas da religião, não coisas assim, igual roupa. Isso não tem nada a ver uma coisa com a religião, com a festa. Acho que se tivesse lá, era pra vender e comprar as coisas que fala da festa e nada mais.

TABELA 8 – Respostas obtidas pelas figuras representativas da 125ª Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário, Catalão, Goiás, de 05 a 15/10/2001, sobre como vê a cultura local.

Questão 8: Para encerrar, como o (a) Sr. (a) analisa a cultura local?	
Presidente da Irmandade	Pra ser sincero com você, eu não em nível municipal eu já estou pondo até nível de Brasil, nem não é nível estadual não, nível de Brasil mesmo, nós fizemos uma apresentação na Terra Ronca no Grito dos 500 anos do Brasil, foi uma participação da congada, saiu no Jornal Nacional com até o elogio da Ruth Cardoso [ex-perimeira dama do Brasil] - ela nunca tinha visto uma beleza que é essa congada. Nós estivemos no carnaval do Rio de Janeiro, em 96, com Joãozinho Trinta, mostrando o que é a congada, nós fizemos uma apresentação pra eles, eles se encantaram. Então, a congada, eu acredito que no cenário brasileiro, é uma das maiores culturas que o Brasil tem. Portanto, está sendo muito bem trabalhada, está vindo o pessoal da Universidade Federal de Brasília, eu já fiz um trabalho com ela, (...) ela me ligou dizendo que nós estávamos de parabéns porque o trabalho que ela fez da congada tirou em 1º lugar na universidade, então, isso pra nós, brasileiros, vamos ter certeza daqui uns 2, 3 anos uma saída muito grande da cultura em cima da congada você pode ter certeza disto. Isso eu afirmo pra você porque a gente convive e recebe elogio, eu tenho me comunicado com pessoas de fora que vem aqui pela primeira vez e se encanta. Então, com isso é bom que está levando pra fora. Nós já fizemos uma apresentação na França, mas não foi de Catalão não, (...) um terno em Goiânia (...) mas eu até fui convidada pra ir pra Caldas Novas, fazer um levantamento lá, fazer um terno lá, não quis porque eu acho que é a cultura principal do Estado em Catalão. Nós temos aqui dezesseis ternos, estão formando mais dois, são dezoito Ternos que saem pra fazer a apresentação, aí que é realmente é de espantar. Nós vamos pra Brasília, Caldas Novas, Goiânia, Morrinhos, Piracanjuba. Então, nós saímos por essa região toda aí, então em cima da cultura em cima do folclore eu tenho certeza que vai se destacar em 1º lugar no Brasil a congada de Catalão.
Rei	É uma influência que faz parte da cultura, que faz com que nós possamos nos reunir, unir todos que participam. Nós fazemos o que podemos para poder fazer uma coisa melhor. É a união que nós temos, nós fazemos reunião para unir todos nós, poder decidir o que pode ou o que não pode fazer e fazer uma festa melhor.
Rainha	Olha, essa congada representa, muita coisa. Porque tem muita gente aí, que é rico e ajuda né, ele dá força, porque os menos favorecidos, é só mesmo, agora valorizou porque eles ajudam, eles dão roupa, de governo pra cá, eles têm ajudado muito, advogado. De primeiro, qualquer trapinho, sabe tinha renda branca ou daquela cor. Os brancos ainda dão valor, mal mal nos vestidos, né. Agora os outros ficavam vestindo, porque naquela época não tinha roupa, né. “Viche”, mais essa festa era boa nós éramos muito religiosos, mas era muito bom. Agora não, agora modernizou. Desde o primeiro ano que eu vesti, porque eu vesti eu fiquei com um vestido curto que eu ganhei. O pano era pouco e (...) O primeiro prefeito que entrou (...), vestiu nós dos pés à cabeça, ainda era o tempo do meu velho ainda. E até hoje, eu nunca comprei o pano para fazer o vestido. Vou ficar com o vestido novinho aí. (...) Veio [o governador em 2002], assistir a missa junto com nós, no dia do Reinado. Eu não sou muito de política não.
Festeiro e Festeira	Acho que no Brasil, não vou falar Catalão e região não, tem uma festa com tamanha cultura igual a congada. Na nossa, foram 1600 dançadores, fora o reino [Reinado] de que deve dar em torno de mais umas 30, 40 pessoas. (...) Eu acho que não tem em lugar nenhum, uma representação com tanta gente igual tem aqui em Catalão. Pelo tamanho da cidade (...) tem 66.000 habitantes, pela festa, está com 126 anos que ela é feita, nunca ninguém deixou de fazer a festa. Todo mundo que aceitou ser festeiro, fez a festa. Então, à vezes, acontece aqui em Catalão, tem muita festa na zona rural, que hoje deve ter umas vinte festas na zona rural (...) de nove dias, acontece muito, das pessoas aceitarem ser o festeiro e não quererem fazer depois. Aí, a festa acaba. A de Nossa Senhora do Rosário não. Inicia, esse ano está difícil, está complicado, todo mundo está querendo, mas no fim dá certo. Então parece que é uma bênção. No fim da festa, não falta “cumê” pra ninguém, todo mundo que chega lá.

Questão 8: Para encerrar, como o (a) Sr. (a) analisa a cultura local?

Padre	Eu vejo que a Congada é um momento muito forte que às vezes, nós não somos capazes de aproveitar para evangelização, tirando só aí o período da festa. Eu acho que o ano todo, a gente poderia estar evangelizando esta parte da Congada para que na época da festa, nós pudéssemos estar aproveitando muito mais a presença da Congada, mesmo nas apresentações do dia-a-dia que nós não aproveitamos. É só na abertura e no último dia. Quer dizer, durante a semana, você não percebe a Congada ali tocando, dançando. Então eu acho que neste campo, eu preciso ver com a própria Congada essa maior participação deles no decorrer de toda a festa. E vejo com bons olhos. Acho que é um momento muito forte da cultura de Catalão e pra região. Basta ver que vem pessoas de Goiânia, ternos de Goiânia, às vezes vem de Goiandira que tem, Cumari, Anhangüera, Nova Aurora que na região também tem. Quer dizer então, é um momento de estar trazendo outras pessoas, outras Congadas. Vem também de Minas Gerais, vem ternos que vem abrilhantar com seu espetáculo também a festa. Então, tudo isso, faz com que a Congada tenha realmente o seu espaço na cultura e isso é bonito, não pode deixar acabar. Então, eu acho que a sociedade catalana tem que apoiar todos os momentos para que realmente possa fazer com que a criançada, os adolescentes, os jovens, que estão vendo, possam também, levar isso para a frente.
Capitão de Terno	A cultura de Catalão, hoje por exemplo, eu posso falar que está muito importante porque o pessoal também procura muito se inspirar sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário. Porque antes era uma coisa que ouvia falar em cultura, o pessoal achava que era só o carnaval. Inclusive, o carnaval aqui de Catalão, em relação a ajuda que a gente recebe pra dezoito ternos (a gente recebe R\$ 8.000,00). Então toca R\$ 500,00 pra cada capitão pra preparar os seus dançadores, instrumentos e, pro carnaval, eu acho que eles são um grupo com menos pessoas e o Prefeito ajuda mais em relação ao que os congos ganham, pra ajudar dezoito ternos são R\$8000,00. Sempre tem um grupo de quarenta (...) pessoas dançando, eu acho que o carnaval é mais privilegiado.
Dançador	Acho que Catalão, hoje a congada se torna o carro chefe de Catalão. Porque cada cidade tem um folclore que se mostra, é comum da cidade. Igual Pirinópolis (GO) tem e leva a cavallhada. A gente foi convidado pelo Joãozinho Trinta, uma época, pra gente ir lá no Rio de Janeiro. E quando ele viu quis que a gente fizesse uma apresentação, Pirinópolis hoje, o fogaréu, mais um folclore do Estado de Goiás, eles foram contra. Acho que eles ficaram, não sei, ficaram com medo porque a vestimenta de Pirinópolis hoje, é uma... eu tive conversando com um pessoal, com um cara que faz parte lá, só a vestimenta dele foi trinta mil reais, porque é tudo prata, ouro, aquelas pedrarias caras. Nós, não. É simplesmente fita, tecido simples, que você encontra em qualquer loja. Então, a congada de Catalão hoje, o pessoal pode dizer que é rica, em termo de folclore; Catalão é rico, no Estado de Goiás todo. (...) Nós não, a gente tem que estar sempre inovando e inventar coisas novas. Chega uma pessoa diferente, a gente tem que inventar uma música. Então, isso aí se torna folclore, sai de sua mente. Tem que buscar lá no fundo da sua mente para você cantar para aquela pessoa, elogiar aquela pessoa, elogiar até a cidade da gente mesmo. Se você sai fora, você chega lá, fazer uma apresentação em Goiânia, São Paulo, aí você chega lá, canta uma música, eles falam da onde vocês é. Nós somos de Goiás, de Catalão. (...) Então eu falei que hoje, agente, os outros fala, ah Catalão, o pessoal existe? Nós dançadores, nós ficamos até chateado porque aparece tanto folclore. Apareceu, de Uberlândia, mostrou que a congada é diferente. E a gente não aparece. Já mandamos fita, já mandamos, o pessoal fala assim, que o diretor às vezes, achou sem graça. Mas o folclore, mesmo, a população mesmo, pode ficar ciente e falar que é rico de folclore. Portanto, tanta faculdade, esse ano eu vi pessoal da Bahia aqui fazendo filmagem pra levar e até uma filha de um amigo meu, disse que uns colegas dela da Bahia, vieram, ela achou que terno de congo eram três pessoas. Na hora que ela chegou aqui e viu, ela contou. Três pessoas não, a hora que a pessoa chega aqui, você vai ver que é essa multidão, ficou espantada. Falou nossa, o pessoal de Catalão pode ficar ciente e tranquilo, porque o folclore de verdade que eles são ricos de folclore, é aqui em Catalão. (...) E falar assim, o terno de Prego é meu, o terno de fulano é, é da população. Não é meu, não é do meu vô que fundou, é da população de Catalão.

Questão 8: Para encerrar, como o (a) Sr. (a) analisa a cultura local?

Bandeirinha	A congada é assim, eu acho que é o velho folclore do Estado de Goiás. Não por eu ser de Catalão, por eu fazer parte deste folclore. Porque uma vez a gente foi fazer uma apresentação, em Jaraguá (GO). Cavalgada, uma dança cavalgada. Chegamos lá, tudo diferente. Não era acostumado com o folclore de lá. Fizemos nossa apresentação, todo mundo ficou bobo, porque, não tinha visto uma apresentação que levasse a santa, que divulgasse o nome dela mesmo. Porque a gente saiu daqui não com o objetivo de chegar lá e mostrar a nossa boniteza, mas sim, a imagem da santa, o que ela representa pra gente. (...) Eu acho assim, eu acho que não teve, eu falei tudo, porque a festa, por ser mérito do Estado, a última apresentação que fizemos foi em 1996. Foram dois ternos de Catalão pro Rio de Janeiro fazer uma apresentação lá, foi onde a festa ficou mais divulgada, né. Porque passou na televisão. (...) É na escola de samba. Isso assim, eu não concordei porque a escola de samba não tem nada a ver com o mês e nem com Nossa Senhora do Rosário. A única coisa que, tudo bem, a gente tinha que levar tudo, né, porque quem somos nós pra falar assim: Oh! nós vamos lá e vamos, vamos mostrar a nossa cultura, se vire eles com a deles. Não, nós saímos daqui pra divulgar a nossa cultura lá. (...) o carnaval assim, é bom, diverte muito, a gente tem diversão muito boa, mas acho que é assim, pra divulgar uma festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário, eu não achei assim uma coisa muito certa, sair daqui pra desfilas no carnaval. Tudo bem, se saísse daqui, os dois ternos, se desfilassem numa avenida, sem carnaval, seria muito melhor porque estamos lá para divulgar a nossa cultura, né. Então para não sair aqui, para mostrar, aí estava querendo mostrar os congos como um carnaval. Porque carnaval todo mundo briga, todo mundo bebe. Não, não é isso. Religião não tem nada a ver com carnaval.
--------------------	--

DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM CATALÃO

Na década de 1830, Emerenciana Netto Carneiro Leão, nascida na Freguesia de Santo Antônio da Manga, hoje Paracatu, casou-se com Manoel Pereira de Cerqueira e vieram residir, nesta cidade de Catalão, onde Emerenciana ganhara boa parte da Sesmaria do Ribeirão.

A família teve três filhos: João, Maria e Pedro.

Devotos de Nossa Senhora do Rosário prometeram que, se aqui fossem felizes, ergueriam uma igreja em louvor a esta santa.

A promessa começou a ser cumprida, primeiro com a fundação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

Apesar de não precisarmos a data de sua criação, podemos afirmar que foi anterior a 1860, pois já em 18 de maio de 1863, Emerenciana deixava em seu testamento, redigido pelo então vigário padre Luiz Antônio da Costa: "Declaro que para todas as obras da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, deixo, a quantia de vinte mil reis que se entregará ao respectivo tesoureiro".

Emerenciana e seu filho João de Cerqueira Netto iniciaram e se empenharam como maiores doadores na realização da promessa, construindo a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, hoje "Velha Matriz", ajudados por parentes e amigos que se revezavam na diretoria da Irmandade.

Já construída, em 1876, precisamente no dia 28 de julho, deu-se início da permuta da então Igreja de Nossa Senhora do Rosário, pela antiga matriz que naquela ocasião se chamava "Nossa Senhora Madre de Deus" e se localizava onde hoje é o BEG, permuta esta encabeçada pelo Tenente Coronel João de Cerqueira

Netto que exercia na época o cargo de provedor da Irmandade.

A permuta foi feita com a condição única e verbal de se fazer anualmente, ali, a novena em louvor a Nossa Senhora do Rosário.

A princípio, a festa era feita somente por pessoas ligadas à Irmandade, as quais arcavam com a total despesa da mesma.

João de Cerqueira Netto querendo aprimorar este culto, enviou agregados seus a Araxá com a finalidade de aprender o cerimonial da congada, e trazê-lo para as festas de Catalão.

Assim foi que, ancestrais das famílias se Sinhá Merença, da Amélia, do Geraldo (Prego), do Gabriel e da Nega, famílias estas, até hoje as maiores responsáveis pela perpetuação das nossas congadas. Trouxeram, naquela época, os rituais dos ternos dos Moçambiques e dos congos de Araxá para nosso Catalão.

Apesar de passar por crises, a festa cresceu em todos os sentidos, principalmente no que se diz a respeito à fé.

Hoje o número de ternos de dançadores é bastante grande, a devoção a Virgem do Rosário se expande dia a dia e teríamos uma perfeita e total romaria se, se propusesse a realização da sala de milagres junto a Igreja.

Procurando perpetuar as histórias ligadas à nossa terra é que a Fundação Cultural "Maria das Dores Campos", soma, com alegria, seu apoio aos festejos de Nossa Senhora do Rosário.

Maria de Lourdes Netto Campos

Artista Plástica Silmalene Maria Rezende

Nome Artístico Lena Rezende

Menção Honrosa VII Concurso Sesi Arte Criatividade 1997 Goiânia

Menção Honrosa VIII Concurso Sesi Arte Criatividade 1998 Catalão

Ministrante de oficina de arte na UFG

Ministrante de oficina de arte no Colégio Dona Izys

Professora do mini-curso de artes na UFG

Exposição:

Coletiva no espaço cultural Banco do Brasil Goiânia 1996

Coletiva Artes plásticas da Fundação Cultural "Maria das Dores Campos" 1997

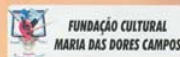
Coletiva do Sesi Catalão 1998

Coletiva do Ateliê Renascer 1999

Coletiva Noite Cultural Célia Câmara 1999

Coletiva no Espaço cultural Banco do Brasil Goiânia - 1999

Apoio:

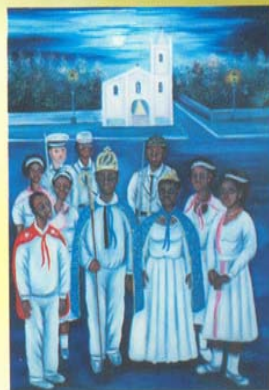


CONGADA DE CATALÃO





Padroeira de Catalão



Família Real

Existe desde a criação da Congada Rainha: Carolina Ribeiro Rita Rei: Euripedes Ribeiro Rita



Terno Fund. Congo Congr. do Rosário
15 de agosto de 1960
Capitão Pedro Alcino
Bairro São Francisco



Terno Fund. Congo do Prego
27 de maio de 1961
Capitão Elzon Arruda
Bairro N. Sra. Mãe de Deus



Terno Fund. Congo 'N. Sra. de Fátima'
02 de junho de 1944
Capitão José Alves (Zé do Gordo)
Bairro N. Sra. de Fátima



Terno Fund. Congo 'Santa Terezinha'
em 1948
Capitão Antônio Alves de Lima
Bairro Santa Terezinha



Terno Fund. Moçambique 'Mãe do Rosário'
20 de agosto de 1951
Capitão Geraldo Dias
Bairro N. Sra. de Fátima



Terno Fund. Congo 'Sagrada Família'
em 1973
Capitão Antônio Serafim de Freitas
Bairro São José



Terno Fund. Marinheiro
em 1975
Capitão João Diniz da Silva
Bairro das Américas



Terno Fund. Catupé Cacunda 'São Benedito'
01 de julho de 1970
Capitão Marcos Antônio de Jesus
Bairro Vila Teotônio Vilela (Mutirão)



Terno Fund. Marujeiro
em 1989
Capitão João Bianco
Bairro das Américas



Terno Fund. Catupé Cacunda 'N. Sra. das Mercedes'
01 de agosto de 1953
Capitão João Batista de Souza (João Ranhão)
Bairro N. Sra. de Fátima



Terno Fund. Congo 'São Francisco'
13 de maio de 1940
Capitão Reginaldo Nascimento Reis
Bairro São Francisco



Terno Fund. Catupé Cacunda do Rosário
em 1986
Capitão Carlos Francisco Rosa da Silva
Bairro Jardim Paulista



Terno Fund. Vilão 'Sta. Efigênia'
02 de outubro de 1954
Capitão Joaquim Coelho
Bairro São Francisco



Terno Fund. Moçambique 'Meletinha'
Capitão Antônio Carlos Ribeiro
Bairro N. Sra. de Fátima



Terno Fund. Congo Pio Gomes
em 1935
Capitão João A. dos Reis (DIM)
Bairro Pio Gomes



Terno Fund. Congo de Goiânia
em 1965
Capitão Osório Alves (Goiânia)
José Mário (Catalão)